

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**Indinayara Francielle Batista Gouveia**

**ANÚNCIOS E DENÚNCIAS:**  
o Norte de Minas pelo olhar de sua gente

**Indinayara Francielle Batista Gouveia**

**ANÚNCIOS E DENÚNCIAS:**  
o Norte de Minas pelo olhar de sua gente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área: Comunicação e Sociedade

Linha de Pesquisa: Redes, Linguagens e Memória

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Ramalho Procópio Xavier

Juiz de Fora  
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gouveia, Indinayara Francielle Batista .  
ANÚNCIOS E DENÚNCIAS : o Norte de Minas pelo olhar de sua gente / Indinayara Francielle Batista Gouveia. -- 2024.  
127 p.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

1. Comunicação popular. 2. Imaginários sociodiscursivos. 3. Anúncios e denúncias. 4. Norte de Minas. I. Procópio Xavier, Mariana Ramalho , orient. II. Título.

**Indinayara Francielle Batista Gouveia**

**ANÚNCIOS E DENÚNCIAS:**  
o Norte de Minas pelo olhar de sua gente

Dissertação  
apresentada ao  
Programa de Pós-  
Graduação em  
Comunicação, da  
Faculdade de  
Comunicação Social da  
Universidade Federal de  
Juiz de Fora, como  
requisito parcial à  
obtenção do título de  
Mestre em  
Comunicação. Área de  
concentração:  
Comunicação e  
Sociedade.

Aprovada em 17 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA

**Profª Drª Mariana Ramalho Procópio Xavier** - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof Dr Rennan Lanna Martins Mafra**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profª Drª Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro**

Universidade Estadual de Montes Claros

Juiz de Fora, 14/05/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Ramalho Procopio Xavier, Usuário Externo**, em 20/05/2024, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RENNAN LANNA MARTINS MAFRA, Usuário Externo**, em 20/05/2024, às 14:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA CLARA MACIEL DE ARAUJO RIBEIRO, Usuário Externo**, em 22/05/2024, às 06:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1804918** e o código CRC **47787536**.

Aos povos e comunidades do Norte de Minas, que tanto me ensinaram sobre o Bem Viver.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer a conclusão desta etapa representa reconhecer todas as pessoas que carregaram comigo e me fazem ser quem eu sou hoje.

Não poderia deixar de começar agradecendo a minha maior referência: Neusa Batista Gouveia, minha mãe, que desde muito cedo me incentivou aos estudos, me fez ver o mundo com coragem e incentivou a minha autonomia. Sua ausência é sempre sentida, mas com você aprendi a guardar afetos e me encontrar com boas lembranças.

A minha irmã Inaiara, o melhor ser humano que eu conheço, pelo amor e cuidado durante todos esses anos. A tia Góia e tio Tuka agradeço por todo incentivo a olhar para o futuro, sem perder de vista a trajetória da nossa família. Em nome dos meus irmãos Inácio e Emyllyn, agradeço todos os familiares que me apoiaram nesse percurso.

A minha orientadora, Mariana Procópio, por toda paciência, gentileza, cuidado e compreensão durante essa trajetória do mestrado. Obrigada por me acolher, guiar e orientar durante esse tempo, por me mostrar que a Universidade pode ser um lugar de leveza, parceria e afetos. Não tenho palavras para agradecer ou dimensionar a importância que representam esses dois anos de convívio.

A Helen Santa Rosa, por me apresentar os caminhos da comunicação popular, por ser guia e me ensinar sobre os Gerais. Pela paciência, amizade, cumplicidade e partilha de saberes.

Em nome de Leninha, Valquíria e Marta, agradeço a todas as mulheres que com muita generosidade me acolheram e me mostraram na prática o que é sororidade. Obrigada por me fazerem enxergar além dos desafios, serem inspiração e referências.

A Brenda, Nívea e George, agradeço por me apoiarem durante esse percurso, mantendo-se ao meu lado, sempre presentes e me oferecendo apoio. Por estarem perto, apesar da distância física. A Paula e Emmily por caminharem comigo e compartilhar momentos de trocas e desabafos. Marcelo, pelos momentos de leveza e insistência nas pausas. E em nome deles, agradeço a todas as pessoas que pelo vínculo da amizade se fazem presente, celebrando e vibrando comigo cada conquista.

A professora Isaura, professor Rennan e João Paulo, agradeço pelas generosas contribuições a esse trabalho. A Franciane, pela amizade construída a partir do mestrado, obrigada por ser presente e pelas trocas durante esse período.

Aos colegas da Cáritas Brasileira pela oportunidade de ser parte dessa rede tão potente, pelo apoio em me permitir conciliar o papel de agente Cáritas e pesquisadora.

Ao Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, por me fazer exercitar a escuta e me oportunizar pisar no Gerais, conhecer saberes e sabores a partir da cultura dos povos. Essa pesquisa existe pela oportunidade de ter sido CAA um dia. Em nome de Lô, Antônia e Seu Braulino e Dona Nenzinha, agradeço a todos os sócios pelos ensinamentos e acolhida. Agradeço à Articulação Semiárido Brasileiro e aos encontros proporcionados através desse espaço.

Aos povos e comunidades tradicionais, o meu muito obrigada pelos momentos de prosas e por mostrar que a utopia no horizonte se aproxima em cada passo dado na luta por direitos. A juventude do Norte de Minas, por me mostrar que o futuro é feito do agora. A minha gratidão e afeto são cultivados diariamente, vocês são sementes de esperança nesse mundo.

Agradeço a todas as pessoas que me atravessaram durante o mestrado. Gostaria de poder citar todas neste espaço de agradecimento, mas saibam que, mesmo sem o nome expresso aqui, reconheço a importância de cada um e cada uma. Aos professores e pesquisadores que me afetaram durante todo o meu percurso como estudante e pesquisadora: agradeço pela luta do povo que garante o acesso à educação.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem (Freire, 2019, p. 46).

## RESUMO

Para além do que está visível, as raízes do Norte de Minas e o imaginário de um lugar de pouco desenvolvimento fazem das narrativas construídas por comunicadores e comunicadoras populares um processo de construção de um outro olhar sobre a região: um lugar de afeto, resistência e diversidade cultural. Com o objetivo de descrever e analisar o contexto comunicacional da região, esta pesquisa se dedicou a perceber a dinâmica de produção de narrativas e os sujeitos que se envolvem nesse processo. Buscamos também observar os anúncios e denúncias realizados pelos comunicadores populares, relacionando-os à emergência de imaginários sociodiscursivos da diferença, e refletir sobre a comunicação popular como estratégia de luta no contexto comunicacional contemporâneo e midiático. Para o desenho metodológico deste trabalho, adotamos o paradigma indiciário (Braga, 2008) como uma perspectiva epistemológica como modo de levantamento e organização de ocorrências empíricas para a análise. A partir desse percurso para levantamento dos indícios a serem investigados, mobilizamos a noção de imaginários sociodiscursivos, proposto por Patrick Charaudeau (2017), para compreender as relações estabelecidas no contexto do Norte de Minas. Mobilizamos também os conceitos de comunicação popular, a partir da obra de Cicilia Krohling Peruzzo (2018), e de identidade e diferença, a partir dos estudos de Tomaz Tadeu da Silva (2014). Para apresentar o contexto do Norte de Minas, apoiamos-nos nos estudos de João Batista Almeida Costa (2021) e Carlos Alberto Dayrell (2019). Como resultado, trouxemos como discussão a emergência da diferença e como as denúncias mobilizam anúncios, através dos imaginários sociodiscursivos negociados entre os comunicadores, as comunicadoras e comunidades. Percebemos que a construção do discurso é resultado de elementos construídos na convivência junto à sociedade civil organizada, destacando o protagonismo comunitário em reverberar os sentidos forjados no próprio território.

**Palavras-chave:** comunicação popular; imaginários sociodiscursivos; anúncios e denúncias; Norte de Minas.

## ABSTRACT

Beyond what is visible, the roots of the North of Minas Gerais and the imagery of a place with little development make the narratives constructed by popular communicators a process of building another perspective on the region: a place of affection, resistance, and cultural diversity. With the aim of describing and analyzing the communicational context of the region, this research dedicated itself to understanding the dynamics of narrative production and the subjects involved in this process. We also characterize the announcements and denunciations made by popular communicators, relating them to the emergence of sociodiscursive imaginaries of difference, and reflect on popular communication as a strategy of struggle in the contemporary and mediatized communicational context. For the methodological, we adopted the evidentiary paradigm (Braga, 2008) as an epistemological perspective as a way of surveying and organizing empirical occurrences for analysis. From this path to identify the clues to be investigated, we mobilized the notion of sociodiscursive imaginaries, proposed by Patrick Charaudeau (2017), to understand the relationships established in the context of the North of Minas Gerais. We also mobilized the concepts of popular communication, based on the work of Círcia Krohling Peruzzo (2018), and identity and difference, based on the studies of Tomaz Tadeu da Silva (2014). To present the context of Northern Minas Gerais, we relied on the studies of João Batista Almeida Costa (2021) and Carlos Alberto Dayrell (2019). As a result, we brought up the emergence of difference and how complaints mobilize announcements through the socio-discursive imaginaries negotiated between communicators and communities. We found that the construction of discourse is the result of elements constructed in coexistence with organized civil society, with community protagonism in announcing the meanings forged in the territory itself.

**Keywords:** popular communication; sociodiscursive imaginaries; announcements and denunciations; North of Minas Gerais.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Último módulo da <i>Escola de Comunicadores Populares no Semiárido Mineiro</i> .....	16
Figura 2 – Delimitações do Semiárido brasileiro ao longo dos anos.....	29
Figura 3 – Delimitação do Semiárido mineiro.....	30
Figura 4 – Documentário <i>O Semiárido contado por sua gente</i> .....	33
Figura 5 – Sentimento gerado através do ser comunicadora.....	45
Figura 6 – Coleta de indícios e ligação das pistas.....	52
Figura 7 – Esquema analítico da pesquisa.....	55
Figura 8 – Locais em que aconteceram os módulos da <i>Escola de Comunicação Popular do Semiárido Mineiro – Vida e Vozes dos Povos do Sertão</i> .....	60
Figura 9 – O lugar da cultura na prática e nos corpos.....	63
Figura 10 – Orgulho e geração (Jakson Ferreira).....	64
Figura 11 – O lugar do nós.....	65
Figura 12 – Comunicação e identidade.....	65
Figura 13 – O território como lugar que dá a vida.....	66
Figura 14 – Reconhecimento do estereótipo.....	68
Figura 15 – Resistência indígena.....	71
Figura 16 – O conhecimento afirmado na experiência.....	72
Figura 17 – Experiência compartilhada através dos mais velhos e juventude.....	74
Figura 18 – Transformação no olhar da juventude.....	76
Figura 19 – Mobilização e envolvimento das juventudes.....	76
Figura 20 – O mundo espiritual por trás da imagem.....	78
Figura 21 – Saber de opinião.....	80
Figura 22 – Saber de experiência seguido do saber de opinião.....	80
Figura 23 – Ciclo da comunicação popular.....	86

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índícios levantados.....	54
Tabela 2 – Tipos de saberes, classificação e saberes relacionados.....	57
Tabela 3 – Trechos que evidenciam saberes de conhecimento científico.....	70
Tabela 4 – Trechos que evidenciam saberes de conhecimento de experiência.....	72
Tabela 5 – Trechos que evidenciam saberes de crença de revelação.....	77
Tabela 6 – Trechos que evidenciam saberes de crença de opinião.....	79
Tabela 7 – Comparativos dos anúncios e denúncias.....	82

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ASA	Articulação Semiárido Brasileiro
ASA Minas	Articulação Semiárido Mineiro
CAA	Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DO NORTE DE MINAS: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA PRÓPRIA HISTÓRIA.....</b>	<b>20</b>
1.1 O GERAIS E O PROJETO DESENVOLVIMENTISTA.....	26
1.2 O NORTE DE MINAS EM DISPUTA: A CONFIGURAÇÃO DO SEMIÁRIDO MINEIRO.....	27
<b>2 DINÂMICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR EM CONTEXTOS MIDIATIZADOS.....</b>	<b>34</b>
2.1 ANÚNCIOS E DENÚNCIAS: TENSÕES QUE EMERGEM.....	38
2.2 EMERGÊNCIA COMUNICACIONAL DA DIFERENÇA.....	40
2.3 A COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DOS POVOS E DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS.....	42
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>47</b>
3.1 O PERCURSO DA PESQUISA E O PARADIGMA COMUNICACIONAL.....	47
3.2 DAS PISTAS AO PARADIGMA INDICIÁRIO.....	50
3.3 QUESTÕES DE PESQUISA E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	54
3.4 IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS.....	56
<b>4 NORTE DE MINAS: LUGAR DE AUSÊNCIAS E PRESENCAS.....</b>	<b>59</b>
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	59
4.2 AFETAÇÕES: SUJEITOS E O SENTIMENTO DE PERTENÇA.....	63
4.3 AFETAÇÕES: O PROCESSO DE UNIFICAÇÃO DE LUTAS.....	66
4.4 OS IMAGINÁRIOS QUE SE REVELAM ATRAVÉS DOS SABERES.....	67
4.5 SABERES DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO.....	69
4.6 SABERES DE CONHECIMENTO DE EXPERIÊNCIA.....	71
4.7 SABERES DE CRENÇA DE REVELAÇÃO.....	77
4.8 SABERES DE CRENÇA DE OPINIÃO.....	78
4.9 NOSSA VISÃO X A VISÃO DO OUTRO: IMAGINÁRIOS MARCADOS PELA DIFERENÇA.....	81

4.10 CICLO DA COMUNICAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DO NORTE DE MINAS.....	84
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO A – BASE DE AFETAÇÕES.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS.....</b>	<b>106</b>



## INTRODUÇÃO

Os Gerais<sup>1</sup> são feitos de gente. O que determina a grandeza do território são as histórias que o mantêm vivo e dão sentido à imagem que se constrói do lugar. O olhar para os Gerais pode ser direcionado a partir de diferentes perspectivas: na oralidade da própria gente que o habita, nas notícias que saem nos jornais, nos pronunciamentos de políticos, na percepção de alguém que o visitou e teve uma boa estadia, ou, até mesmo, através da literatura de João Guimarães Rosa.

Foi uma experiência de trabalho que me apresentou a região sob uma outra ótica, e nesta pesquisa, vez ou outra, peço licença para falar em primeira pessoa, sem deixar o lugar da certeza de que, predominantemente, esta pesquisa é feita de nós, foi desenvolvida por muitas mãos e construída a partir de tantos outros olhares. Em 2015, ingressei como estagiária de comunicação no Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas<sup>2</sup>, uma organização da sociedade civil que tem no seu quadro de sócios representantes de povos e comunidades tradicionais ligados à agricultura familiar. Permaneci na instituição durante cinco anos. Nesse período, cotidianamente, aprendi com os povos sobre um outro Gerais: uma região rica culturalmente, com uma diversidade de povos e comunidades tradicionais, um lugar de resistência frente a conflitos agrários, um lugar de organização popular, em que seus povos protagonizam a manutenção da agrobiodiversidade.

Foi nessa organização que também aprendi sobre comunicação popular, através de práticas junto à Articulação Semiárido Brasileiro<sup>3</sup>, sobre a importância da organização popular

---

<sup>1</sup> Segundo João Almeida Batista Costa (2021, p. 144), “a denominação os Gerais, não se refere às Gerais vinculada à área aurífera com minas generalizada em sua extensão, mas aos Campos Gerais, região interna que era terra sem dono, de apropriação livre”. O termo usado no masculino faz menção ao modo de apropriação comum da terra, em que, no período colonial, era o local de uso público (Porto-Gonçalves, 2021, p. 8).

<sup>2</sup> Em um contexto que envolvia a Revolução Verde, o fim da ditadura militar e o avanço de projetos econômicos que ameaçavam o Norte de Minas Gerais e seus povos, surge em 1985 o Centro de Tecnologia Alternativa, que anos depois se consolidou como Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas. A organização, como explica Dayrell (2019), constituiu-se sob influência de um contexto de resistência da sociedade civil organizadora. Sua composição conta com a participação de povos e comunidades tradicionais, agricultores e agricultoras familiares.

<sup>3</sup> Essa articulação é uma organização formada por diferentes entidades do Semiárido brasileiro legal, com atuação em 10 estados brasileiros, e vem desde 1999 desenvolvendo políticas de convivência com a região, partindo de uma proposta que possibilite que as famílias lidem com a seca. A sua atuação parte de estratégias com a estocagem de água da chuva com tecnologias de captação, combate à desertificação, trabalho com as relações de gênero, além de estratégias com multiplicação de sementes e produção de alimentos com base em princípios agroecológicos (Brochardt, 2013, p. 17).

e da luta pelo território, junto à Articulação Rosalino Gomes<sup>4</sup>, ambas instâncias organizativas em que o Centro de Agricultura Alternativa está presente.

Como apontado por Braga (2005), é possível encontrar problemas de conhecimento – aqueles que nos provocam a aprofundar o saber em um processo de pesquisa acadêmica – em distintos espaços da comunicação. Para esta pesquisa, o espaço está relacionado a essa experiência profissional. Foi desse lugar que surgiu o interesse. O ponto de partida é gestado ao observar os Gerais, com o recorte do Norte de Minas, sob a ótica da comunicação feita por comunicadoras e comunicadores populares, que pertencem a comunidades tradicionais<sup>5</sup>. As práticas que nos provocaram a iniciar um processo de investigação são desenvolvidas no chão das comunidades, desenvolvem-se nos processos de organização da sociedade civil<sup>6</sup> em busca de libertação. Trata-se de uma reação oportunizada pelo uso de tecnologias, mas que vem, principalmente, do reconhecimento da importância de se assumir um protagonismo coletivo frente à intencionalidade de representação do contexto em que se vive.

Como exemplo, Edgar Nunes Corrêa (2019, p. 47), ou Edgar Kanaykô Xakriabá, ao apresentar o seu processo particular com a comunicação<sup>7</sup>, nos provoca a olhar para um percurso que se revela na realidade de juventudes que, estimuladas por suas comunidades, enxergaram

---

<sup>4</sup> A Articulação Rosalino Gomes, carrega o nome do cacique Rosalino, mártir do povo Xakriabá, “assassinado por fazendeiros da região em 1987, se tornando mártir da luta de seu povo e inspiração de luta para os demais povos e comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais” (Magalhães, 2015, p. 1). Até 2019, a Articulação era composta por representações de sete povos tradicionais: Indígenas (Xakriabá e Tuxá), Quilombolas, Vazanteiros, Veredeiros, Geraizeiros, Apanhadores de Flores e Caatingueiros. A articulação conta com o acompanhamento da uma rede sociotécnica, composta por organizações como o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, a Comissão Pastoral da Terra, o Conselho Indígena Missionário, entre outras, mas tem o protagonismo dos povos nos processos de tomada de decisão e participação política, ancorados na auto-organização, na preservação de saberes e na unificação de lutas pela defesa da terra e dos territórios tradicionais (Dayrell, 2019). O site do Museu Vivo dos Povos e Comunidades Tradicionais (2024), apresenta uma diversidade de oito povos tradicionais que compõe a Articulação Rosalino, somando ao grupo, os povos Vacarianos.

<sup>5</sup> No nosso trabalho procuramos olhar para o Norte de Minas também na perspectiva dos sete povos e comunidades tradicionais que compõem a Articulação Rosalino Gomes, que, como referenciada acima, foi uma das organizações da sociedade civil que nos afetou a compreender o contexto comunicacional da região. Neste sentido, para essa pesquisa, tomamos como referência a tese de Dayrell (2019), que trouxe um maior embasamento teórico para as nossas buscas. Conferir em Dayrell (2019).

<sup>6</sup> A sociedade civil organizada refere-se ao conjunto de organizações e instituições não governamentais que operam independentemente do governo, buscando promover interesses públicos, defender direitos, e contribuir para o desenvolvimento social, cultural, ambiental, econômico e político de uma comunidade ou país. Essas organizações são compostas por uma variedade de grupos, como ONGs (Organizações Não Governamentais), associações comunitárias, sindicatos, grupos de voluntários, fundações, entre outros.

<sup>7</sup> Edgar Kanaykô Xakriabá relata seu processo com a fotografia e conta que começou a fotografar por um anseio de sua comunidade, a partir da chegada da energia elétrica nos anos 2000. Além do trabalho de dissertação do pesquisador, é possível assistir o relato de experiência, disponível no canal do YouTube Instituto Cultural Vale, produzido pelo programa Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykô (Arte [...], 2022).

na comunicação um instrumento de anúncios e denúncias<sup>8</sup> sobre as suas vivências, em que mostrar-se ao outro é ato político de resistência.

Quando o filme é feito sobre e com o seu próprio povo, gestos e afetos são captados de forma “natural”, no sentido, não encenado, mesmo quando se trata de algum tipo de “ficção” – nos moldes que é entendido no cinema ocidental. Estamos falando de uma relação que é construída ao longo de uma vivência, ligada ao parentesco: comunidade, famílias, grupos ou clãs do povo ao qual o cineasta pertence (Corrêa, 2019, p. 97).

Assim, é nesse sentido que esta pesquisa se desenha, na busca por visualizar a ótica de comunicadores e comunicadoras que expressam suas realidades por meio das ferramentas de comunicação que, no cenário em questão, funcionam também como instrumentos de luta. É assim que se constroem os anúncios e denúncias por sua gente, através da negociação de sentidos e empoderamento para que quem habita o próprio lugar possa reverberar as vozes que o rodeiam. Com este trabalho descrevemos esse percurso e para tal, nos orientamos pela comunicação popular, que, como explica Peruzzo (2023, p. 24), envolve práticas que “ocorrem no âmbito dos movimentos sociais populares, associações comunitárias e demais articulações cívicas de segmentos das classes subalternizados organizados”. Por isso, o nosso olhar também parte de perceber movimentos formativos acerca de técnicas e práticas, bem como a incorporação de novas gerações nas lutas comunitárias.

Dessa forma, cumpre destacar que, nesse contexto comunicacional, organizações e articulações da sociedade civil, interligadas a partir de temas de atuação que visam o desenvolvimento sustentável, têm a comunicação como uma importante frente de atuação ao promoverem espaços formativos para comunicadores e comunicadoras populares. O Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, a Articulação Semiárido Brasileiro, a Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais são algumas das organizações que atuam no contexto do Norte de Minas e que se mostram presentes em iniciativas que incentivam a atuação de sujeitos em práticas comunicacionais.

Um exemplo sólido pode ser percebido na *Escola de Comunicação Popular do Semiárido Mineiro – Vida e Vozes dos Povos do Sertão*<sup>9</sup>, uma ação realizada em cinco módulos

---

<sup>8</sup> A expressão “anúncios e denúncias” é comumente usada no contexto da atuação da comunicação popular em comunidades do Semiárido brasileiro. Ao falarmos de anúncios, queremos expressar uma narrativa de contraponto das ausências, expressa na comunicação dos modos de vida e das maneiras de organização do território. As denúncias expressam a violação de direitos existente nas comunidades, manifestam-se no posicionamento ativo de comunitários e comunitárias contra ameaças à sua sobrevivência. Aprofundaremos a abordagem a este conceito no capítulo 2.

<sup>9</sup> A “Escola de Comunicação Popular do Semiárido Mineiro – Vida e Vozes dos Povos do Sertão” não consiste em uma estrutura física, mas sim um projeto político de formação, fruto de uma iniciativa da Articulação

itinerantes, promovida pela Articulação Semiárido com o intuito de formar comunicadores no Norte de Minas e no Vale do Jequitinhonha. A proposta estava alinhada ao compromisso institucional em fortalecer o debate da comunicação popular no Semiárido mineiro, formar tecnicamente as populações da região, mas principalmente construir espaços formativos que fizessem uma leitura política e crítica da realidade (O Semiárido [...], 2016). A escola foi fruto de um processo enraizado dentro da organização, assim como a experiência de formar comunicadores e comunicadoras populares na região seguiu sendo desenvolvida em outros contextos.

Em publicações realizadas pela Articulação Semiárido, o lema “Comunicar quando? Já!” e a expressão “Para acabar com o poder dos coronéis do sertão, temos que democratizar a comunicação” podem ser encontrados em diferentes momentos, sugerindo uma urgência da apropriação das técnicas de comunicação, assim como da ocupação de espaços, para construir uma comunicação democrática. Entre os relatos encontrados, é possível ver uma preocupação para que os sujeitos se empoderem para contar a própria história, como ferramenta de anúncios e denúncias da própria realidade.

Figura 1 – Último módulo da *Escola de Comunicadores Populares no Semiárido Mineiro*



Fonte: Acervo ASA Minas Gerais.

---

Semiárido Mineiro. Para essa pesquisa tivemos acesso a documentos, relatórios e arquivos, disponibilizados pela jornalista Helen Santa Rosa, uma das comunicadoras responsáveis pelo projeto e que disponibilizou seus arquivos pessoais para direcionar os indícios que levantamos para a elaboração desta dissertação. Entre os materiais foi possível conhecer a estruturação do projeto, que teve a sua experiência apresentada em um dos vídeos que analisamos no nosso trabalho.

Avanços no campo da tecnologia e da organização da sociedade acerca do tema da democratização da comunicação têm possibilitado que informações circulem por diferentes ambientes sem que haja um mediador para possibilitar esse processo. Em outras palavras, se antes era necessário que um veículo de comunicação se deslocasse até um território para repercutir uma notícia, hoje pessoas da própria comunidade podem realizar essa divulgação por conta própria, através de uma conta em rede social ou em portais comunitários e gratuitos de notícias. Trata-se da realidade sendo narrada por quem a vive.

Nosso objetivo geral nesta pesquisa consiste em descrever e analisar o contexto comunicacional do Norte de Minas, a partir da dinâmica de produção de narrativas de comunicadores e comunicadoras populares. Especificamente, buscamos: (i) mapear sujeitos e organizações da sociedade civil envolvidos nas produções de comunicação popular; (ii) caracterizar os anúncios e denúncias realizados pelos comunicadores populares, relacionando-os à emergência de imaginários sociodiscursivos da diferença; e (iii) refletir sobre a comunicação popular como estratégia de luta no contexto comunicacional contemporâneo e midiaticizado.

Cumprindo ainda ressaltar que o desejo que nos despertou para a realização desse trabalho vem também de não identificar, no contexto acadêmico, pesquisas sobre o movimento comunicacional que vem sendo desenvolvido no Norte de Minas como uma reação às histórias únicas que retratam a região. Uma busca nos anais do Intercom (congresso realizado pela Sociedade Brasileira de Pesquisas Interdisciplinares em Comunicação), especificamente nos grupos de trabalho *Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local* e *Comunicação para Cidadania*, revela que, entre 2018 e 2022, existem ausências de pesquisas construídas sobre as experiências localizadas no Norte de Minas, com grupos em contextos não urbanos. Em um volume de 255 artigos analisados, apenas um se dedicou a investigar os processos narrativos nos Gerais<sup>10</sup>.

Em um olhar ampliado sobre o interesse em pesquisas relacionadas a grupos minorizados<sup>11</sup> envolvidos em processos comunicacionais, foram encontrados no primeiro grupo de trabalho – *Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local* – 24 artigos num total de 72 textos. No segundo grupo – *Comunicação para Cidadania* –, dentre as 183 pesquisas

---

<sup>10</sup> Trata-se do artigo “Da margem aos Gerais: narrativas de resistência e identidade no sertão nordestino” (Nascimento, 2021).

<sup>11</sup> Nas pesquisas encontradas foi possível perceber a presença de outros grupos minorizados. Nos apegamos a esse conceito para exemplificar as diversidades que são vistas como minorias, apesar de não serem. Exemplos são trabalhos direcionados a perceber as interações comunicacionais em uma perspectiva de desigualdade de gênero, racismo, classes, entre outros grupos historicamente colocados às margens.

publicadas, foi possível encontrar 38 pesquisas que revelam a necessidade de estudos em torno de temas que atravessam o nosso objeto de pesquisa. A escolha por analisar os artigos do Intercom se deu pelo histórico do congresso em acolher trabalhos em nossa área de interesse.

Também realizamos uma busca nos anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), observando as publicações de 2018 até 2022. Ao observarmos os 971 artigos publicados nos últimos anos, percebemos uma ausência ainda maior dos temas que buscaremos desenvolver na nossa pesquisa: apenas 13 artigos abordam temáticas similares à nossa. Desses artigos, dez estavam no eixo temático *Comunicação e Cidadania*, e em um único artigo<sup>12</sup> encontramos a centralidade de experiências de atuação de comunicadores e comunicadoras populares.

Para o desenho metodológico deste trabalho, adotamos o paradigma indiciário como uma perspectiva epistemológica como modo de levantamento e organização de ocorrências empíricas para a análise. Braga (2008) explica que, com esse método, busca-se seguir rastros/pistas para a compreensão do passado, do presente e do futuro, em que iremos selecionar e organizar publicações para fazer inferência. “Diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos” (Braga, 2008, p. 78).

A partir desse percurso para levantamento dos indícios a serem investigados, mobilizamos a noção de imaginários sociodiscursivos, proposta por Patrick Charaudeau (2017), para compreender as relações estabelecidas no contexto do Norte de Minas. Mobilizamos também os conceitos de comunicação popular, a partir da obra de Cicilia Krohling Peruzzo (2018), e de identidade e diferença, a partir dos estudos de Tomaz Tadeu da Silva (2014). Para apresentar o contexto do Norte de Minas, apoiamo-nos nos estudos de João Batista Almeida Costa (2021) e Carlos Alberto Dayrell (2019).

Para fins de organização, este trabalho está dividido em quatro capítulos: 1) Existência e resistência do Norte de Minas: reflexões para a construção da própria história; 2) Contextos e dinâmicas da comunicação popular; 3) Percurso metodológico; 4) O Norte de Minas: lugar de ausências e presenças.

No primeiro capítulo, em que dedicamos o nosso olhar para a região do Norte de Minas, o que nos propomos é apresentar o contexto regional, discutindo a dualidade, percebida em Minas Gerais, entre a imagem de riqueza associada ao período aurífero (as Minas) e o estigma do sertão (os Gerais). Essa dicotomia reflete-se nas identidades regionais, nas relações de poder e nos projetos de desenvolvimento. Esse capítulo também propõe uma compreensão do Norte

---

<sup>12</sup> Trata-se do artigo “HISTÓRIAS IMPORTAM: A apropriação midiática dos jovens comunicadores da Rede Cuca” (Torres, 2019).

de Minas como parte do contexto do Semiárido. Tais conceitos fundamentam uma análise comunicacional da região, buscando destacar sua visibilidade e complexidade social.

No segundo capítulo, refletimos sobre as dinâmicas da comunicação popular, aprofundando no conceito e no significado que essa prática traz para os comunicadores e comunicadoras. Nessa etapa também construímos reflexões acerca dos anúncios e denúncias, a partir dos estudos de Paulo Freire (1997), segundo o qual os anúncios promovem a divulgação das tradições e identidade das comunidades, enquanto as denúncias revelam as violações de direitos enfrentadas por elas, incluindo a exploração ambiental e a negligência do estado. Nesse capítulo, nossa proposta é a de identificar o perfil das pessoas que atuam com a comunicação popular.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos a refletir sobre o percurso metodológico da pesquisa. Como explicado anteriormente, mobilizamos as discussões em torno do paradigma indiciário, dos imaginários sociodiscursivos e da comunicação como campo de pesquisa.

Por fim, o quarto e último capítulo traz a análise das pistas levantadas, com vistas a mapear os sujeitos e organizações da sociedade civil envolvidos nas produções de comunicação popular e a identificar como os imaginários, através dos saberes de conhecimento e saberes de crença propostos por Charaudeau (2017), manifestam-se nos discursos desses sujeitos.

## 1 EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DO NORTE DE MINAS: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA PRÓPRIA HISTÓRIA

Os meios de comunicação são grandes responsáveis pelo sentido que atribuímos à realidade. As histórias que são contadas revelam o que existe. Não se pode ver o que não é apresentado e, na prática, as diferentes formas e escolhas sobre como apresentar algo – literatura, novelas, filmes, o valor notícia, entre outras – fortalecem a formação de uma perspectiva unificada sobre práticas, saberes e cotidianos.

No campo do jornalismo, com a justificativa de manter uma objetividade, tende-se a abrir mão das subjetividades dos sujeitos, o que pode fazer com que os meios de comunicação sejam responsáveis pela manutenção de desigualdades, como explicam Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva (2019). Nesse contexto, Moraes (2020) traz à luz discussões que demarcam um colonialismo na construção de sentidos:

A questão é que a comunicação (e, sublinhamos, o jornalismo) é mais um “produto” gerado a partir de uma perspectiva que se entende por universal, por uma “epistemologia-mãe” gerada e parida no continente europeu e assentada em pressupostos cartesianos distribuídos ao redor do mundo (Moraes, 2020, p. 67).

Assim, nas maneiras como as informações são comunicadas, percebe-se uma influência de uma mentalidade eurocêntrica, que pode levar à marginalização ou à subjugação de outras perspectivas e conhecimentos culturais.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019) empreende uma discussão em torno do que ela conceitua como história única. Essas histórias são formadas a partir de repetições capazes de criar uma realidade comum para determinar povos e culturas. E, historicamente, o lugar ao qual é concedida a capacidade de contar uma história reflete marcas de grupos que estão no controle e que usam do poder para perpetuar discursos e narrativas. Nesse percurso, o poder se afirma na “habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (Adichie, 2019, p. 33).

Para Adichie, há escolhas que podem ser tomadas ao se contar uma história, e elas podem ser usadas não só para “espoliar e caluniar, mas também para empoderar e humanizar” (Adichie, 2019, p. 33). Quem escreve tem a capacidade de fazer escolhas significativas ao contar uma história, e tais escolhas podem influenciar a forma como a história é percebida e interpretada por quem tem acesso, podendo ser utilizadas de diferentes maneiras. Por um lado, pode-se assumir a escolha de explorar aspectos negativos. Por outro lado, é possível possibilitar



a habilidade de enxergar capacidades humanas, ou seja, de garantir a representação positiva a diferentes pessoas e grupos na narrativa.

No Brasil, as desigualdades são perpetuadas por meio de sistemas de classificação e hierarquização que estão enraizados na cultura e nos sistemas simbólicos da sociedade. Em outras palavras, as pessoas são categorizadas e colocadas em diferentes posições na sociedade com base em características como raça, gênero e classe social. Essas categorizações não são neutras, mas sim influenciadas por sentidos capazes de levar à marginalização e à discriminação de certos grupos (Moraes; Silva, 2019).

Mas como transformar modos e formas enraizados e estruturais na atribuição de sentidos? O estímulo de Adichie para provocar o reconhecimento do perigo de uma história única reflete o que João Roberto Ripper (2013) apresenta como o “olhar de bem-querer”<sup>13</sup>, um exercício de olhar o outro para além de suas ausências, representando histórias a partir de uma perspectiva que assegure a dignidade.

As histórias únicas, quando repetidas insistentemente, limitam as pessoas e as comunidades, criam estereótipos, censuram a beleza dos sujeitos e de seus fazeres. Assim ocorre com os moradores de favelas, trabalhadores rurais – principalmente se estiverem ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra –, com os quilombolas, os índios, os seringueiros e tantas outras populações tradicionais. Quase nunca se mostram as belezas dos fazeres das populações mais pobres. Essas comunidades são, em geral, mostradas pela ausência ou pela presença da violência da qual, na maioria das vezes, são vítimas, embora sejam apresentadas como responsáveis (Ripper, 2013, p. 178).

Essa ocorrência histórica de retirar a condição de humanidade e minorizar populações, colocando-as como o “Outro” em relação a um sujeito universal, é o que Moraes e Silva (2019) relacionam como uma negação da subjetividade, na escolha por uma objetividade jornalística. “A subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada – a subjetividade é também formada por um ambiente histórico dado, objetivo” (Moraes; Silva, 2019, p. 14-15).

Quando se abre mão da diferença, especialmente nos modos de ver e fazer, torna-se possível perceber que as histórias únicas podem produzir violências, através da repetição e da formação de estereótipos (Moraes, 2020). O perigo da história única não consiste apenas em marginalizar populações, como também em justificar a manutenção do poder. O mundo

---

<sup>13</sup> João Roberto Ripper é fundador da Escola de Fotógrafos Populares e utiliza o termo “bem-querer” para promover espaços de formação com grupos minorizados (Coelho, 2014).

moderno tem sido historicamente construído através do apagamento. “O jogo político da memória consagra um só tipo de saber e um só tipo de vida (o europeu moderno) como digno de ser lembrado assim como subalterniza as outras memórias e formas de produção de historicidade que devem ser apagadas” (Oliveira; Bomba, 2018, p. 69).

A concentração da mídia pode ser um fator que potencializa a construção e a reprodução de sentidos únicos. No Brasil, historicamente, um número relativamente pequeno de grupos de comunicação detém a maioria dos meios de comunicação, incluindo emissoras de televisão, rádio, jornais e revistas. Isso resulta em um cenário em que poucos conglomerados de mídia têm controle significativo sobre a disseminação de informações e a formação de opinião pública. Esse monopólio pode ter várias implicações para a democracia e a diversidade de vozes. Como nos explica Pasti (2023, p. 41), o cenário de concentração midiática e ausência de políticas<sup>14</sup> que garantam o direito à comunicação representa um contexto de ausência de ideias e pluralidade, que reflete um silenciamento de diversas realidades presentes no país.

Por um lado, se consideramos que o monopólio da mídia cria barreiras no caminho para a desconstrução de histórias únicas, por outro, compreendemos que o papel assumido pelos sujeitos minorizados se revela como percurso necessário para emergirem narrativas que expressem visibilidade para além das ausências reforçadas por aqueles que detêm o poder. Um exemplo é observado junto aos povos Guarani Kaiowá que protagonizam modos de contar suas histórias e lutas, ocupando esferas públicas para reafirmar a sua re-existência e mobilizar a sociedade contra posicionamentos que reforçam violência (Oliveira, 2020). No campo da visibilidade, temos a grande mídia apontando o Mato Grosso do Sul como um território de sobrevivência do agronegócio do país, com o intuito de gerar orgulho a partir de um discurso desenvolvimentista. No campo da invisibilidade, apagam-se as diversas violações de direitos humanos cometidas para que esse estado batesse recordes produtivos (Oliveira; Bomba, 2018).

Assim, um caminho oposto ao do apagamento consiste na escolha por expressar dignidade ao se contar a história dessas violações. Isso requer uma abordagem cuidadosa e sensível, que reconheça a diversidade e a complexidade das experiências humanas, evitando cair em narrativas simplistas e que reproduzam questões estruturais enraizadas na nossa sociedade.

---

<sup>14</sup> O Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação publicou em 2023 o livro *Quem controla a mídia*, pela editora Prensa. A publicação reúne estudos e análise sobre o cenário de concentração midiática no Brasil, trazendo levantamentos importantes sobre o impacto do controle histórico de grupos políticos e elites em diferentes mídias – jornais, rádio, TV e internet.

Ao reconhecer e valorizar a pluralidade de histórias, é possível desafiar a limitação das histórias únicas e, em vez disso, construir uma compreensão mais empática e inclusiva da realidade. Para inverter essa narrativa única e expressar a violência presente no estado, os povos Kaiowá assumiram o que é apresentado por Luciana Oliveira (2020) como um triplo labor:

[1] o trabalho de ativação da cultura e da vida coletiva, [2] o da defesa desse direito e do direito ao território sem o qual a cultura não existe e [3] a inserção de suas histórias e de suas lutas nas arenas públicas dos regimes de visibilidade do mundo dos “brancos” — nas quais os meios de comunicação massivos e as redes digitais têm grande protagonismo, para neles fazerem agir seus recursos expressivos e formas filosóficas (Oliveira, 2020, p. 53).

Esse movimento, que envolve a promoção da cultura coletiva e da vida, a defesa dos direitos territoriais essenciais para a existência cultural e a divulgação de suas histórias e lutas nos espaços públicos dominados pela visibilidade ocidental (Oliveira, 2020), apenas se faz necessário por consequência do apagamento histórico a que estão submetidos esses povos. Ao expressarem sua cultura, suas práticas tradicionais de convivência com o território tradicional e suas lutas, os povos Kaiowá revelam uma outra história sobre o local em que vivem, sobre si mesmos e os protagonistas dos conflitos. Em outras palavras, o que Olivera (2020) traz como “virada à visibilidade” consiste muitas vezes em “uma estratégia de reconhecimento e de alcançar ‘o índio’ que está na cabeça dos brancos, tornando o diálogo interétnico possível” (Oliveira, 2020, p. 54), e refere-se a um movimento de transformação de uma memória que foi colonizada por quem detém mecanismos de poder.

Olhar para esse contexto protagonizado por povos e comunidades tradicionais nos estimula a perceber a latência da vida moderna sobre essas comunidades. Enquanto a vida moderna despreza o passado, essas comunidades reafirmam a existência de um contexto ancestral como tentativa de sobrevivência à modernidade. Como nos alerta Mafra (2022, p. 101), “é possível pensar num contemporâneo que se abre a outras perspectivas de futuro e, de algum modo, decolonizam pensamentos/ações e desestabilizam, a todo o momento, a ideologia do progresso, ainda que não a derrubem”. Essa ideologia do progresso desconsidera as diferenças e faz com que pessoas minorizadas assumam posições de clandestinidade, ao orientar a existência de um sujeito universal (Mafra, 2022).

O percurso encarado pelos povos Kaiowá parte da emergência da diferença e é uma das diversas experiências de populações que buscam a visibilidade para afirmar os seus modos de vida e de convivência com o lugar que habitam. A potência dessa experiência nos instiga a investigar processos comunicacionais semelhantes, como o protagonizado pelos povos que

vivem no Norte de Minas e que nos provocam a encarar o movimento da virada à visibilidade apontado por Oliveira (2020).

Os anúncios e denúncias realizados pelos Xakriabás, etnia indígena presente no maior território originário do estado de Minas Gerais, reafirmam a presença da ancestralidade e a força da organização de um povo que luta por sua memória, por sua representação e por sua existência. As denúncias das violações de direitos em comunidades geraizeiras<sup>15</sup> reforçam uma unificação de luta de comunidades extrativistas em defesa do cerrado e suas nascentes, assim como demarcam semelhanças com a preservação dos modos de vida dos povos – quilombolas, vazanteiros<sup>16</sup>, veredeiros<sup>17</sup>, apanhadores de flores<sup>18</sup>, catingueiros<sup>19</sup>, indígenas – que se organizam pela dinâmica das águas e das matas, bem como pela cultura tradicional.

O processo comunicativo nessas comunidades é carregado de elementos que resgatam uma memória ancestral, a manutenção dos territórios por gerações antepassadas e boas práticas aprendidas, considerando os saberes comunitários. Como afirma Raíra Saloméa Nascimento (2021, p. 5): “Essas comunidades resistem ao domínio cultural que sobrepuja seus modos de vida e sentidos coletivos de pertencimento, construídos em meio à especificidade das relações que elas têm construído há séculos com a biodiversidade cerratense”. A percepção do que os comunicadores e comunicadoras querem mostrar faz parte também de uma preservação da memória, do anúncio da realidade para reafirmação de posicionamentos políticos que atravessam o território.

Edgar Nunes Corrêa (2019), ao trazer na sua dissertação a experiência com a implementação de projetos audiovisuais no território Xakriabá, demarca uma raiz naquilo que é produzido no território para alcançar o mundo. Nas experiências das populações tradicionais, não se visibiliza a reprodução de saberes concebidos “pelos brancos”, no caso dos povos indígenas, trata-se de um processo de “indigenizar” as experiências. E “esse externar das imagens xakriabá se dá muito mais no contexto das lutas e dos movimentos, onde o mostrar-se ao outro, para os de fora, é menos uma ideia de mostrar ‘um cinema Xakriabá’ e mais um ato político e de resistência” (Corrêa, 2019, p. 47).

---

<sup>15</sup> São comunidades “que exercem ocupação tradicional dos gerais ou cerrado” (Cimos, 2015, p. 15).

<sup>16</sup> Segundo Cimos (2015, p. 15), são povos “tradicionais da vazante, que sempre consorciaram o uso de terras altas e baixas, atualmente restritos a ilhas e pequenas parcelas de terra nas beiras de grandes rios que cortam o estado”.

<sup>17</sup> Povos que se relacionam com as veredas, presentes no cerrado (Cimos, 2015, p. 15).

<sup>18</sup> Comunidades tradicionais que exerciam o extrativismo (coleta de flores sempre-vivas) nas campinas (Cimos, 2015, p. 15).

<sup>19</sup> Segundo o Museu Vivo de Povos e Comunidades Tradicionais (2024), são povos que afirmam a sua identidade a partir da interação com a caatinga e o cerrado.

Contudo, é comum perceber, nas bibliografias que buscam contextualizar o Norte de Minas a partir de seus povos, termos como resistência e luta representando um cenário marcado por disputas e conflitos. Carlos Alberto Dayrell (2019), em sua tese de doutorado, apresenta os povos e comunidades tradicionais que vivem na região, apontando já nas primeiras páginas marcadores de tensões instauradas, a partir da luta pela terra:

a luta pelos direitos e pelo reconhecimento promovida pelas comunidades, que se reafirmam como tradicionais e, em seguida, como “povos”, repercutem não apenas na reconfiguração de seus poderes de representação, rebelando e acionando distintas estratégias de recuperação ou proteção de seus territórios contra as seguidas tentativas de confinamento e de encurralamento territorial (Dayrell, 2019, p. 8).

Assim como Darcy Ribeiro (2013) utiliza o termo “estado de guerra” para explicar uma sociedade em permanente disputa e que muitas dessas disputas se dão de formas cruentas e sangrentas, no Norte de Minas esse “estado” se mostra ainda mais evidente. O território é marcado por conflitos históricos, de base agrária, que resultam no que se compreende como o que Dayrell (2019) trata como “encurralamento” das comunidades.

Segundo Anaya (2012), esse encurralamento é consequência do processo de territorialização, que ocorreu na região do Norte de Minas Gerais ao longo de diferentes décadas, principalmente nas de 1930/40 e 1960/70. Esse processo envolveu a expansão das fronteiras do Estado, demarcando uma ampliação da presença e do controle governamental na região, resultando em um movimento que teve um impacto significativo na população rural, especialmente em grupos como povos e comunidades tradicionais. Esse contexto levou à expropriação de terras e exploração de recursos naturais.

Esses conflitos fazem parte da formação da identidade de comunidades tradicionais, como explica Brandão:

uma comunidade tradicional não se reconhece como tal apenas por serem eles e os seus modos de vida “diferenciados do ponto de vista cultural”, como grifamos na conceituação de Diegues e Arruda, mas, também, por haverem, no correr dos tempos, criado, vivido e transformado padrões de cultura e modo de vida em que a luta, o sofrimento, a ameaça e a resistência estão no cerne da memória (Brandão, 2015, p. 359).

Para o autor, a fronteira que demarca uma comunidade tradicional é um espaço de existência ou convivência. “É aquilo que se cria em um espaço de vida quando ali se vive, quando ali se chega ou quando para ali se vai de maneira imposta e arbitrária” (Brandão, 2015, p. 352).

As histórias de resistências e existências das comunidades do Norte de Minas, como explica Thé (2020, p. 46), fazem parte do enfrentamento “contra as fazendas, contra o agronegócio, contra a silvicultura, a mineração e, mais recentemente, contra as Unidades de Conservação”, e podem ser testemunhadas desde o império ao Estado moderno.

### 1.1 O GERAIS E O PROJETO DESENVOLVIMENTISTA

Olhar para o Norte de Minas resulta em enxergar uma dualidade em Minas Gerais: de um lado, a representação que é construída em torno dos mineiros e as riquezas que resultaram do período aurífero; do outro, o sertão, constituído no estigma da realidade do povo sertanejo (Costa, 2009, 2021).

Se os habitantes das minas gerais são considerados mineiros da gema e os norte mineiros são considerados baianos, podemos ler em um, centralidade/superioridade e, em outro, marginalidade/inferioridade, e neste caso, discriminação, exclusão e estigmatização, além, é claro, de sintomas ideológicos de evitação (Costa, 2021, p. 65).

Tal percepção demonstra como as narrativas históricas e culturais moldam não apenas identidades regionais, mas também os intercâmbios comunicativos e as relações de poder dentro de um espaço geográfico.

O antropólogo João Batista Almeida Costa (2009) explica que, na história do Norte de Minas, a região apresenta um importante papel para o crescimento econômico do estado. No entanto, em momentos em que as elites mineiras discutiam financiamentos para Minas Gerais, a região ao Norte não foi incluída, pela região estar vinculada ao polígono da seca e por interesse das elites mineiras à época. Assim, conforme Dayrell (1998), o processo de desenvolvimento da região priorizou interesses econômicos e industriais em detrimento das comunidades locais, resultando em mudanças significativas na economia e na paisagem da região.

O processo de “desenvolvimento” recente na região, considerada uma das mais pobres do estado, foi conduzido pelo poder público e não levou em conta as populações camponesas, indígenas, quilombolas, pescadores, coletores, etc., que ali viviam secularmente. Privilegiando as oligarquias tradicionais e os setores industriais e agroindustriais da sociedade, deu-se início à modernização da região. Foram priorizados investimentos públicos e financiamentos subsidiados destinados a grandes projetos de pecuária, irrigação, reflorestamentos monoculturais, estímulo à monocultura do algodão, difusão de práticas agrícolas ditas modernas, associados com a instalação de um parque agro-industrial, e de indústrias extrativas e de ponta (biotecnologia, veterinária, ótica, etc) (Dayrell, 2000, p. 191).

Como consequência, devido a um desenvolvimento excludente, a partir de um imaginário de região de pobreza, o que as elites esperavam alcançar com os projetos desenvolvimentistas trouxe consequências à região, afetando negativamente a agricultura tradicional e causando danos aos recursos naturais. Até os anos de 1970, 85% da vegetação da região ainda estava preservada, no entanto, nessa mesma década os governos estadual e federal priorizaram na região uma diversidade de programas e projetos que favoreciam as elites agrárias (Dayrell, 1998).

Nos anos de 1990, houve uma drástica mudança no cenário ambiental: os 85% de vegetação preservada anteriormente passaram a 32%. Para esse “desenvolvimento”, populações foram retiradas de suas terras, agricultura familiar e práticas extrativistas regionais foram comprometidas, com os cercamentos e desmatamento da região. O uso indiscriminado de agrotóxicos e a substituição da mata nativa por monoculturas comprometeram fortemente a vida das comunidades que já habitavam o território (Dayrell, 1998).

## 1.2 O NORTE DE MINAS EM DISPUTA: A CONFIGURAÇÃO DO SEMIÁRIDO MINEIRO

A indexação do Norte de Minas à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) se deu em 1965. O órgão governamental visava fortalecer a industrialização no Nordeste, como forma de responder às características climáticas da região semiárida, bem como de nivelar as condições de produção econômica entre o Nordeste e o Centro-Sul. A inserção do Norte de Minas na Sudene teve como justificativa a semelhança climática, cultural e econômica (Anaya, 2012).

Com a inserção de recursos financeiros nas relações sociais do Norte de Minas Gerais, a maioria das propriedades rurais foi reconfigurada como empreendimentos agrícolas. Isso também desencadeou um considerável movimento de migração das áreas rurais para as áreas urbanas, em que populações do campo perderam suas terras violentamente e foram obrigadas a buscar abrigo nas cidades da região com perfil industrial (Costa, 2021).

A chegada da SUDENE à região norte mineira proporcionou a expansão das relações capitalistas, que promoveu mudanças profundas na forma de vinculação com a terra, na medida em que propiciou a privatização das glebas. Ocorreu o consequente cercamento, a introdução de novas práticas de cultivo e de criação de gado, após o desmatamento da área e o reflorestamento das chapadas com eucalipto e pinus, para subsidiar o polo siderúrgico em

implantação na área central mineira e o estabelecimento do pagamento salarial aos incorporados, como empregados, nas fazendas transformadas em empresas rurais (Costa, 2021, p. 111).

Nota-se, nesse movimento, uma priorização das elites econômicas. As consequências são vistas no cenário regional até os dias atuais, seja nos processos de conflitos entre grandes fazendeiros e comunidades tradicionais, seja na própria imagem regional, que foi alterada com os incentivos governamentais.

Compreender o Norte de Minas como parte desse contexto do Semiárido é o que nos guiará nas discussões a partir daqui, no aprofundamento da perspectiva comunicacional. Como nos explica Rodrigues (2020, p. 108), “a região foi (é) vista como o semiárido mineiro, que aos olhos do Estado carrega o estigma de ‘pobreza e atraso’, e é inserida no ‘polígono da seca’ pela superintendência”. Esses dois conceitos nos apoiarão para justificar a “virada à visibilidade”, apresentada por Oliveira (2020) e já expressa no começo deste capítulo. Partimos, então, do contexto social do Norte de Minas para descrever e analisar seu contexto comunicacional.

Segundo Pozenato (2003, p. 2), a região “é antes de tudo um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, entre as quais as de diferentes ciências”. Suas fronteiras se fazem objeto de disputa, porque não se trata apenas de criar uma linha visível entre uma região e outra, suas características são definidas de acordo com o interesse da área que a quer delimitar. Geógrafos podem definir uma região pela perspectiva de análise de solos, economistas pelas relações estabelecidas em torno de uma moeda, assim por diante.

Para Bourdieu (2010, p. 108), a região sempre foi um objeto de disputa para os cientistas. Na perspectiva geográfica, a delimitação de um território, o aprofundamento em um “espaço determinado [...] impedem que se compreendam os grandes fenômenos que levam ao progresso ou ao declínio das regiões consideradas”.

A configuração do Semiárido brasileiro não escapa desse contexto. A sua formação já passou por uma série de transformações e continuará passando, se considerarmos o dinamismo climático das características que o definem. Além das transformações que partem da sua paisagem, para Dantas (2021), o Semiárido brasileiro também se configura através das disputas que marcam o contexto de definição regional:

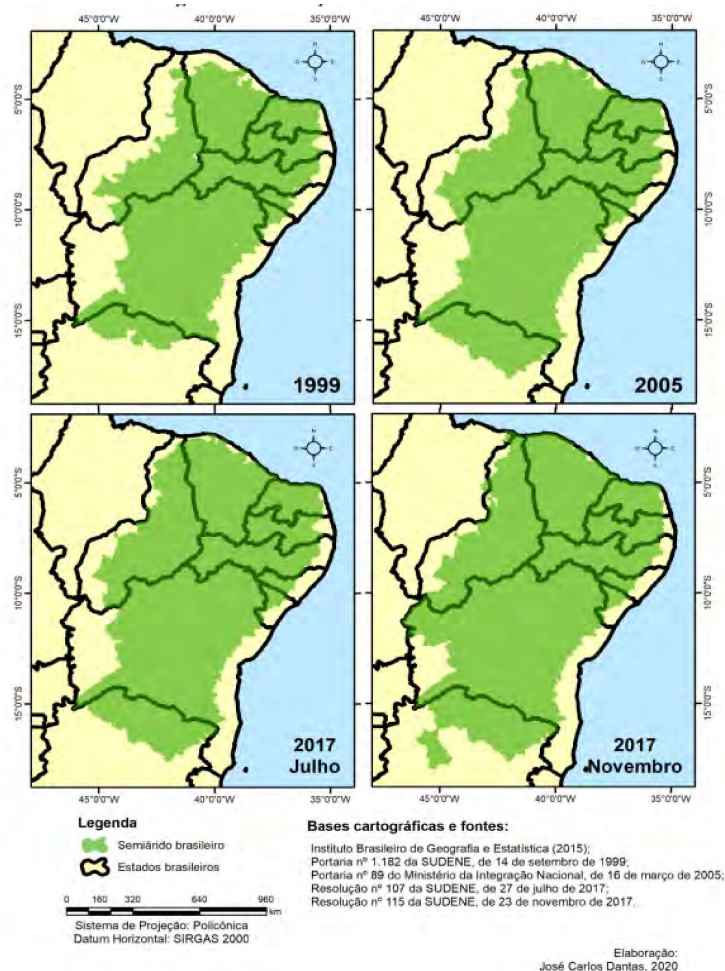
É fundamental compreendermos que o semiárido brasileiro não é uma área homogênea, mas sim complexamente diversa. Ora nos deparamos com áreas em seus limites marcadas pelo avanço do agronegócio com a apropriação de territórios abundantes em terra e água; ora nos deparamos com áreas de intensa exploração mineral pelas potencialidades geológicas e mineralógicas dos territórios; ora nos deparamos com áreas onde a produção agropecuária está



pautada no trabalho familiar e em um modo de vida de caráter solidário e coletivo (Dantas, 2021, p. 29).

A diversidade de áreas reflete uma história de formação marcada por conflitos, como toda a formação do território brasileiro com a invasão dos europeus nos territórios originários. Nesse contexto, é importante destacar que a região semiárida tem sua definição especialmente protagonizada pelo Estado, com o intuito de promover programas de desenvolvimento que demarcam a aliança entre governos e o capital.

Figura 2 – Delimitações do Semiárido brasileiro ao longo dos anos



Fonte: José Carlos Dantas (2020).

No que diz respeito à caracterização do Semiárido brasileiro, para a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, um município faz parte da região caso tenha: a) precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; b) índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50; c) percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano. Em Minas Gerais, são 91 municípios (Figura 2) que fazem

parte do Semiárido legal, caracterização geográfica que influencia diretamente na economia da região.

Figura 3 – Delimitação do Semiárido mineiro



Fonte: SUDENE (2017).

De um lado, há o Estado e organismos privados disputando uma ideia de região para se beneficiar, do outro, organizações da sociedade civil anunciando um outro Semiárido possível:

A hegemonia das políticas de combate à seca, com a contribuição decisiva dos meios de comunicação social, construiu no imaginário popular e da própria nação uma falsa ideia sobre o Semiárido: um lugar apenas de terra rachada e seca, onde se encontram carcaças de gado morto, crianças desnutridas, agricultura improdutiva. Desse modo, o que era resultado da falta de estrutura e de políticas condizentes virou falta de água; e o que era a ausência do Estado, enquanto provedor de políticas públicas adequadas, passou a ser a incapacidade do povo de inovar e criar alternativas para conviver com as condições de semiaridez da região (Brochardt, 2013, p. 17).

Neste contexto comunicacional, destaca-se a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), que, apoiada por órgãos de cooperação que visam o desenvolvimento sustentável, passou a desenvolver em seus territórios oficinas de comunicação popular.

A ASA é uma instituição formada por diferentes organizações do Semiárido brasileiro legal, com atuação em 10 estados brasileiros, e vem desde 1999 desenvolvendo políticas de convivência com a região, partindo de uma proposta que possibilite que as famílias coexistam com a seca. A comunicação é uma temática transversal na atuação da Articulação Semiárido Brasileiro. Além de comunicar um outro Semiárido, construído a partir da execução das

políticas públicas, as produções protagonizadas por agricultores e agricultoras contam o processo de construção de um outro contexto regional (Brochardt, 2013).

A ASA acredita que a comunicação é direito humano de todas as pessoas e por isso desenvolve junto a sua atuação uma ação de comunicação popular, horizontalizada e como promoção da população da região. E ao longo de sua ação vem contribuindo para a sistematização e construção do conhecimento agroecológico.

Pensar essa comunicação de forma horizontalizada, onde todos e todas podem se ver e comunicar ao mesmo tempo, numa área territorial tão grande e tão plural quanto o Semiárido brasileiro sempre foi desafiador para a ASA. Em 2007, com a chegada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) surge uma oportunidade de exercitar uma nova prática de comunicação popular, através dos boletins de sistematização (Angola *et al.*, 2017).

O P1+2 propõe o relato de experiências das comunidades a partir das ações executadas pelo projeto. Os boletins de sistematização intitulados como *O Candeeiro* são produzidos por comunicadores populares, com a tiragem de mil exemplares que são distribuídos pelos agricultores e por organizações responsáveis em diferentes espaços (Angola *et al.*, 2017).

Percebe-se a construção de outras narrativas e uma reprodução considerável, visto que o número de tiragens é alto e considerando que os boletins são produzidos por diversos atores que compõem a Articulação Semiárido Brasileiro.

Com *O Candeeiro*, a história do Semiárido vem sendo contada a partir dos agricultores e agricultoras, que são protagonistas de sua própria vida e que têm em suas mãos sua história e todas suas experiências. Diante do atual modelo concentrado de comunicação no Brasil, é necessário que se fortaleçam iniciativas de comunicação popular para que a sociedade civil possa ter espaços de comunicação que dialoguem com suas realidades e possam anunciar suas conquistas. Iniciativas como a sistematização de experiências da ASA com *O Candeeiro* anunciam experiências concretas de convivência com o Semiárido e agroecologia e visibilizam um outro Semiárido, diferente dos meios de comunicação hegemônicos do Brasil que estão concentrados nas mãos de poucas famílias e de setores empresariais, como o agronegócio (Angola *et al.*, 2017, p. 6).

Além de serem impressos, os boletins produzidos pela ASA podem ser encontrados no sítio da organização. Contudo, a comunicação da ASA não se resume apenas aos boletins impressos. Nota-se no domínio da *web* e nas redes sociais que a Articulação também reproduz experiências de comunicação e anuncia o Semiárido pela internet, como o que é afirmado pela ASA ao lançar um novo portal em 2015:

Desde sua criação há 15 anos, que a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) prioriza processos de comunicação como estratégia de anúncio de sua proposta política para o Semiárido e de desconstrução da imagem estereotipada da região, que sempre foi associada à seca, pobreza e miséria. Para isso, a rede priorizou processos e instrumentos de comunicação que trabalhassem uma outra imagem do Semiárido. Uma comunicação que fosse enxergada como direito de todas as pessoas e que o povo do Semiárido fosse o protagonista da sua própria história (Articulação [...], 2015).

Uma das experiências da instituição se localiza no Semiárido mineiro. Em 2013, a ASA executou o projeto *Escola de Comunicação Popular do Semiárido Mineiro – Vida e Vozes dos Povos do Sertão*, uma ação realizada em cinco módulos itinerantes, com o intuito de formar comunicadores no Norte de Minas e no Vale do Jequitinhonha. A proposta estava alinhada ao compromisso institucional com o fortalecimento do debate sobre a comunicação popular no Semiárido mineiro e com a formação técnica das populações da região, mas principalmente com a construção de espaços formativos que fizessem uma leitura política e crítica da realidade (O Semiárido [...], 2016). A escola foi fruto de um processo enraizado dentro da organização, assim como a experiência de formar comunicadores e comunicadoras populares seguiu sendo desenvolvida em outros contextos.

Em publicações realizadas pela Rede, o lema “Comunicar quando? Já!” pode ser encontrado em diferentes momentos, sugerindo uma urgência da apropriação das técnicas de comunicação, assim como da ocupação de espaços, para construir uma comunicação democrática. Entre os relatos encontrados, é possível ver uma preocupação para que os sujeitos se empoderem para contar a própria história, como ferramenta de anúncios e denúncias da própria realidade.

Outro exemplo que demarca essa emergência na construção de outro imaginário pode ser encontrado no filme *O Semiárido contado por sua gente*, também produzido pela Articulação, que reflete a experiência histórica da organização investida no campo da comunicação popular e na construção de narrativas sob uma perspectiva de lugar. Para além das fronteiras territoriais que atravessam o Semiárido legal, esse lugar é contado através de narrativas de vida que mostram como a sua gente sobrevive a contextos desacreditados pelo modelo neocolonial de desenvolvimento.

Figura 4 – Documentário *O Semiárido contado por sua gente*



Fonte: Captura de tela do YouTube (O Semiárido [...], 2016).

Esse princípio que ecoa na expressão “por sua gente” demarca o que José Clemente Pozenato (2003, p. 4) aborda como “rede de relações”, ao discutir os conceitos que rodeiam a ideia de regionalidade. Observamos a partir daí uma delimitação que vai além da caracterização de uma fronteira geográfica: um Semiárido caracterizado para além das características físicas da região, mas demarcado por sua diversidade de povos. Mafra, Generoso e Procópio fazem a seguinte reflexão:

regionalidades apontam para certas relações vinculadas (e inevitavelmente vinculantes) a um certo território delimitado geograficamente; contudo, dele se precipitam e instituem representações e experiências que entram em circulação nos processos de globalização, insinuando distâncias ou proximidades com as totalidades impostas pelo projeto moderno de poder, então espacializado em diversos centros representativos no globo, bem como ocupando, na contemporaneidade, espaços de visibilidade midiáticos, cujo acesso torna-se potencialmente globalizado (ainda que tal acesso seja também vinculado a um processo histórico de diferenciação, a partir de recursos postos, em tensão, com os espaços centrais, pelo diapasão das imagens de totalidade projetadas) (Mafra; Generoso; Procópio, 2023, p. 7).

Em resumo, o conceito de regionalidade, pensado por essa perspectiva, guarda relação com a dimensão da espacialidade, com o território, mas não se restringe a ele. A regionalidade faz aparecer e faz esconder suas representações e experiências, as quais implicam negociações, resistências, rupturas e acomodações. Nesse sentido, encontramos, em estratégias de produção de contranarrativas, reflexos de disputas da ideia de região.

## 2 DINÂMICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR EM CONTEXTOS MIDIATIZADOS

A comunicação popular, segundo Peruzzo (2009), teve evidência no Brasil entre os anos 1970 e 1980 através de grupos articulados da sociedade civil. “Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares” (Peruzzo, 2009, p. 368).

Em uma perspectiva gramsciana, a sociedade civil se apresenta como autônoma e se organiza através da socialização de ideias. A partir dos ideais coletivos, consolidam um grau elevado de socialização política (Coutinho, 1989). A comunicação introduzida como estratégia nesses grupos, parte, então, de uma busca por construir consenso, através de percepções coletivas. Para Peruzzo (2022, p. 1):

a Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa cumpre um papel importante no caminhar da construção de um mundo justo e livre. Em especial as mídias alternativas vêm atestando uma diversidade de expressões, mas suas características intrínsecas em suas origens são carregadas de alternatividade de caráter libertário.

Assim, consideramos que a comunicação popular vai além da utilização de ferramentas para difundir histórias. Ela é capaz de desconstruir concepções já estabelecidas, disputar pontos de vista em contextos de polarização ideológica e cumprir um papel social de fortalecimento e protagonismo da população frente à comunicação hegemônica<sup>20</sup>. Como defende Peruzzo (2009), “uma comunicação feita por eles e para eles” e que tanto pode ser produzida através de meios palpáveis (boletins, redes sociais, jornais, entre outros), como também é legítima na consolidação do diálogo, nos processos formativos e na conversação.

Os processos hegemônicos partem de um único ponto de vista de construção de narrativas, que englobam aspectos sociopolíticos, culturais, ideológicos e morais, consistindo em uma dominação por meio do consentimento (Gramsci, 1999, p. 104). Nesse sentido, grupos privilegiados garantiram, ao longo da história, o poder de se consolidar como grandes veículos, “fazendo com que essa comunicação, feita por poucos, avance por toda a sociedade uma única narrativa, dificultando a pluralidade e diversidade de ideias”, como explicam Triches e Teixeira (2011, p. 2).

---

<sup>20</sup> Compreendemos aqui que a comunicação hegemônica consiste em uma prática que supõe uma uniformidade de saberes, modos de vidas, sociedade, baseada em um senso comum, que não considera a existências de diferenças, sustentada por uma sociedade política dominante.

Com a popularização de diversas ferramentas, a comunicação tem se tornado cada vez mais estimuladora de processos comunicacionais. Esses processos se inserem em um contexto de midiática que, segundo Braga (2018, p. 300), também direciona a investigar a perspectiva de “ações que se desenvolvem no ambiente social difuso (em suas variadas ações comunicacionais) – pelo acionamento crescente de tecnologias interacionais”. Somos provocados a olhar para além do desenvolvimento tecnológico e do acesso a ele, mas também a perceber e problematizar as interações mediadas pelo uso das tecnologias, em uma busca pelos efeitos e pelas transformações que se estabelecem. Em outras palavras:

A midiática se refere ao crescimento temporal, espacial e social da propagação da comunicação midiática. Isso significa que, ao longo do tempo, nós nos tornamos cada vez mais acostumados com a comunicação via mídia em vários contextos. Em relação aos aspectos qualitativos, a midiática se refere ao papel da especificidade de certas mídias no processo de mudança sociocultural (Hepp; Hasebrink, 2015, p. 76).

Estamos diante de uma emergência que nos provoca a investigar o lugar das mídias, não somente através de suas técnicas, mas também em relação aos processos que são desencadeados a partir do seu crescimento. “O universo do ciberespaço revoluciona as relações sociais e culturais e, portanto, há que se entender os meandros tecnológicos e se habilitar para domá-los, mas acima de tudo para favorecer a construção coletiva do conhecimento e servir ao interesse público” (Peruzzo, 2012, p. 13).

A midiática nos estudos da comunicação refere-se ao processo pelo qual os meios de comunicação exercem influência e se tornam uma parte integrante da sociedade e da cultura. Segundo Gomes (2016), compreender a midiática a partir do contexto comunicacional se faz importante para analisar as mudanças comunicativas que ocorrem na atualidade, como forma de investigar a interferência nos sentidos particulares.

O relacionamento da mídia com os processos de significação e com os processos socioculturais expressa a realidade e se dá no âmbito do que se denomina “marco dos processos midiáticos”. Esses dois movimentos, além disso, interagem para a construção do sentido social, levada a cabo por indivíduos e sociedades (Gomes, 2016, p. 15-16).

Essa compreensão destaca como a mídia não apenas transmite informações, mas também desempenha um papel fundamental na construção da realidade, na formação de identidades individuais e coletivas e na mediação das relações sociais.

A midiática vai além da simples análise dos conteúdos midiáticos e se concentra nas interações complexas entre a mídia, a sociedade e a cultura. Ela considera como os meios de

comunicação moldam as experiências cotidianas, influenciam as percepções e afetam as práticas sociais. Segundo Braga (2012, p. 35), “com a midiatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade”. A ideia é que a mídia não seja apenas um canal de transmissão de informações, mas um agente ativo na elaboração de sentidos e na configuração das dinâmicas sociais.

Reconhecer a presença transversalizada da mídia na vida contemporânea tem implicações profundas em como as pessoas entendem o mundo ao seu redor, como se relacionam entre si e como constroem suas identidades. “A pessoa não é um ‘eu’ que usa instrumentos como extensão de seu corpo, mas um indivíduo que se autocompreende como um ser que preza as suas relações e conexões por meio dos instrumentos tecnológicos de comunicação” (Gomes, 2016, p. 18). Nesse sentido, é preciso considerar a midiatização como percurso para enxergar as mediações além dos meios.

A partir de um olhar para os meios, percebe-se que a evolução tecnológica cria um processo de construção de narrativas contra-hegemônicas e fortalece o direito à comunicação, que, como explica Peruzzo (2009), é um exercício de cidadania em que o ato de comunicar precisa ser entendido para além do direito de receber informação. É necessário também garantir ao indivíduo o direito de produzir e difundir conteúdo.

A comunicação comunitária é uma das formas de se exercitar o direito à comunicação. Ela é que se situa mais próxima, está ao alcance das pessoas nos locais de moradia ou outros espaços de participação comunitária. Tem sido denominada de comunicação participativa, popular, horizontal ou alternativa, entre outras expressões, para se referir ao processo comunicativo levado a efeito por movimentos sociais populares e organizações sem fins lucrativos da sociedade civil na América Latina (Peruzzo, 2013, p. 173).

Há um valor político enraizado nos processos comunitários comunicacionais. O protagonismo assumido ao incorporar estratégias de comunicação em suas realidades faz com que comunicadores e comunicadoras assumam um compromisso de expressar o que é vivenciado em seus territórios, com o intuito de mobilizar para garantir que sejam ouvidos, mas, principalmente, para garantir um lugar de participação política. “O empoderamento de processos comunicacionais autônomos tem sido percebido como necessidade enquanto canais de expressão na dinâmica de mobilização e organização popular” (Peruzzo, 2013, p. 166).

Esse valor político nos evoca a pensar a dimensão que reflete as tensões da modernidade e o lugar do sujeito.



A modernidade e seus correlatos – civilidade, desenvolvimento, democracia e direitos humanos – não somente são realidades discursivas; são também narrativas articuladas a partir das experiências históricas e locais de diferentes povos europeus, ainda que se apresentem como verdades objetivas, “naturais”, universais, comuns a todos os povos que habitam o planeta (Pinto; Mignolo, 2015, p. 386).

Como nos apontam Pinto e Mignolo (2015), a modernidade é um conjunto de ideias e planos políticos que tem predominado sobre outras ideias, é consolidada no discurso e “sem se declarar como tal, apresentando-se antes como realidade objetiva, ‘natural’, inexorável, que o projeto de dominação ocidental encontra sua força” (Pinto; Mignolo, 2015, p. 386). Para desarticular a modernidade, é preciso então romper com os discursos e narrativas coloniais que perpetuam relações de poder.

Custódio (2021, p. 31) nos convida a pensar a comunicação popular como sendo “semelhante a um tipo de ação decolonial em sociedades onde a colonialidade continua sendo uma forte fonte de desigualdades”. Assume, portanto, o papel de desafiar pensamentos impostos e mobilizar para a visibilidade de outros pontos de vista, muitas vezes marginalizados ou subjugados.

Nesse contexto, desafiar a modernidade implica não apenas desconstruir os discursos coloniais, mas também criar espaços para a expressão das diversas experiências e perspectivas culturais. “Ao levantar vozes coletivamente, os povos nomeados pelo termo popular expressam suas queixas, contestam narrativas hegemônicas que os discriminam, pedem por justiça e exigem respeito a seus direitos de cidadão e, sobretudo, a todos seres humanos” (Custódio, 2021, p. 44).

A partir de uma percepção freiriana, a comunicação popular pode se consolidar como um processo permanente de libertação dos oprimidos. Isso porque não se tenta impor uma realidade homogênea, a fim de trocar de lugar com o sistema que a oprime, mas sim a fim de superar as opressões apresentando uma realidade transformadora.

O importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. Isto é, se apenas mudam de lugar nos polos da contradição (Freire, 2019, p. 60).

A possibilidade de redesenhar o panorama comunicativo promove uma sociedade mais justa e igualitária. Desafiar a modernidade implica, assim, não apenas questionar os fundamentos presentes no discurso dominante, mas também construir ativamente alternativas que permitam a coexistência e a valorização da diversidade.

Ao observar as experiências de interação comunicacional, é comum perceber iniciativas conduzidas por grupos minorizados e identificar o seu início a partir de um desejo compartilhado entre grupos comunitários, que passaram a vivenciar, a partir de transformações tecnológicas, uma possibilidade de anunciar suas narrativas, assim como de potencializar denúncias.

## 2.1 ANÚNCIOS E DENÚNCIAS: TENSÕES QUE EMERGEM

No Norte de Minas, a expressão “Anunciar e denunciar a realidade” ecoa entre as comunidades como um lema que impulsiona práticas transformadoras no âmbito da comunicação popular. Essa abordagem única revela a dualidade de uma poderosa forma de mobilização, capaz de tanto celebrar quanto desafiar a realidade vivida por essas populações.

Em uma leitura freiriana, a denúncia emerge também como anúncio de um futuro esperançoso, consolidado nas práticas que se procuram exercer no hoje:

ao repensar nos dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso, por isso mesmo. É nesse sentido que, como o entendo, o pensamento profético não apenas fala do que pode vir, mas falando de como está sendo a realidade, denunciando-a anuncia um mundo melhor (Freire, 1997, p. 672).

Denunciar e anunciar é um exercício que se assume de forma política e consciente para romper com o que é imposto socialmente. Em outras palavras, como nos explica Célia Linhares (2015, p. 65), é um ato de reinventar “politicamente um outro mundo”.

No contexto dos anúncios, as comunidades se unem para compartilhar suas tradições, perspectivas e atividades com o mundo. O termo “anunciar” não se limita a simples eventos ou atividades; ele transcende para comunicar a essência vibrante que define a identidade dessas populações. As festividades locais, as práticas artesanais e as atividades comunitárias ganham destaque, transformando-se em convites abertos para aqueles que desejam mergulhar na riqueza cultural dessas terras.

A perspectiva dos anúncios é o que permite estabelecer um diálogo e, como nos provoca Paulo Freire (2019, p. 184-185), “o diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanidade”. Assim é possível alcançar o outro, desconstruindo ou apresentando novas formas de ver a diversidade de realidades existentes.

No âmbito das denúncias, a comunicação popular assume uma postura proativa, mobilizando narrativas que expressam as violações de direitos que essas comunidades enfrentam. Questões como exploração ambiental em busca do lucro e negligências do Estado em garantir direitos básicos instituídos na Constituição emergem como temas centrais. As comunidades, cientes da importância de seus recursos naturais, erguem suas vozes contra práticas que ameaçam a sustentabilidade ambiental. Aqui, a comunicação popular se transforma em um ato de resistência, uma ferramenta poderosa para expor as violações de direitos que desafiam a dignidade dessas comunidades.

Além disso, as denúncias abrangem as negligências do estado, evidenciando falhas na garantia de direitos básicos. As comunidades, conscientes de seus direitos e de sua dignidade, levantam-se contra a injustiça social, denunciando a falta de acesso a serviços essenciais, como saúde, educação e infraestrutura. Essa forma de comunicação torna-se, assim, uma ferramenta de empoderamento, capacitando as comunidades a desafiar as estruturas que perpetuam a desigualdade.

A partir da tomada de consciência para denunciar e anunciar, por parte das comunidades na prática da comunicação popular, se evidencia uma busca por poderem ser quem são, rompendo com a dualidade que existe entre oprimido e opressor. “O importante, por isso mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se” (Freire, 2019, p. 60).

Nesse sentido, “Anunciar e denunciar a realidade” no contexto do Norte de Minas representa a humanização dos sujeitos que lidam com a complexidade da vida comunitária e afirmam sua existência. A comunicação popular surge, então, como uma força dinâmica, capaz de moldar narrativas, promover a conscientização e catalisar a ação coletiva para a construção de sociedades mais justas e resilientes.

## 2.2 EMERGÊNCIA COMUNICACIONAL DA DIFERENÇA

O que faz com que populações minorizadas utilizem práticas comunicacionais para assumir um papel democrático, parte da atribuição de um processo de identificação que não representa a pluralidade de identidades que circulam como universais. Pertencer a um país colonizado faz emergir reflexos de uma população que foi categorizada pelo imaginário de um cidadão universal e que não reflete as diferenças existentes nos locais, “isto é, uma noção de essência última que transcenderia limites históricos e culturais” (Brah, 2006, p. 331).

Muitas dessas categorizações reforçam ideais sem considerar a construção social que é vivenciada por cada pessoa – por exemplo, basta dizer que uma pessoa é brasileira para que se projete características sobre comportamentos, saberes, entre outros. “Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido” (Silva, 2014, p. 75).

A identidade é, por isso, marcada pela diferença e sustentada pela exclusão, a partir de sistemas classificatórios construídos em processos discursivos e linguísticos.

Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (Silva, 2014, p.77).

Ao compreender essa diferenciação, comunicadores populares enfrentam o desafio de disputa pela significação, que nos provoca a reconhecer as nuances, os subtextos e as associações que podem surgir em diferentes situações de comunicação. Pensar a comunicação popular através da ação de povos e comunidades tradicionais sempre rodeou a questão de entender como a identidade influencia o contexto de vida desses sujeitos. Isso quer dizer que, caso não fosse o sentimento identitário que carregam nas relações estabelecidas com a terra, por exemplo, não faria sentido mobilizar práticas que justificassem a permanência em seus territórios. Essa relação entre o ser e as práticas marca a concepção identitária que os povos utilizam para se autorreferenciar, em que o sentido que a identidade carrega pode ser compreendido como resultado de um processo construído em relações culturais e sociais (Silva, 2014).

Sendo assim, somos convidados a observar a introdução de Edgar Nunes Corrêa na sua dissertação *Etnovisão, o olhar indígena que atravessa lente*:

Os povos indígenas no Brasil vêm ao longo dos últimos tempos passando por uma nova retomada de espaço, assim como o território é a base da garantia da manutenção da vida de um povo - bem como de nossas identidades, da continuação de ser o que somos -, há uma certa necessidade de se ter uma maneira que garanta tal sustento. Este está estritamente ligado aos modos de vida que conecta o povo com sua identidade, ou seja, a garantia do território para os povos indígenas é crucial para manter as relações que se conectam à terra floresta, onde as coisas estão interconectadas desde o plantio e colheita das roças, caça, os rios, objetos, artesanatos, cerâmicas, nas coisas nossas e dos brancos, dos humanos e não humanos etc., e todas as possibilidades de relações que são criadas e suas ontologias (Corrêa, 2019, p. 12).

A existência desses povos está condicionada a uma relação que é estabelecida culturalmente e conecta modos de vidas e interações, justificando a necessidade de uma manutenção do cotidiano, pela forma que acreditam ser necessária para garantir a própria existência. Apresenta-se, assim, a emergência da identidade, que pode se manifestar de diferentes maneiras, como na representação da cultura, na forma de se expressar, na maneira pela qual é preciso tornar visível o que se é, para visibilizar uma diferença, uma dicotomia existente entre “nós e o outro”.

Na arena da comunicação, para a nossa pesquisa, percebemos a diferença como um fenômeno que nos apoia a perceber as relações que se estabelecem na prática de comunicadores populares ao anunciarem e denunciarem a realidade em que vivem. Esse processo emerge com o intuito de visibilizar, para além do que é colocado por narrativas hegemônicas, que existem outros contextos. E, ao compreender a identidade e a diferença como resultado de processo construído socialmente e culturalmente, percebemos a comunicação popular como uma prática que direciona os comunicadores a se perceberem como parte de determinado grupo identitário para construir sua ação comunicacional. Como nos provoca Hannah Arendt (2007, p. 188): “Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender”.

Consideramos que a essência da comunicação popular reside na necessidade de reconhecimento e expressão da pluralidade de experiências dentro das comunidades que representam. Os sistemas de classificação que definem a identidade e a diferença não se isentam de uma intenção, tendo uma estreita conexão com as relações de poder, em que, quando não estão em evidência, refletem grupos que detêm o privilégio e, ao normalizar, elegem um parâmetro do que é “desejável” (Silva, 2014).

Um exemplo dessa dualidade de perspectivas surge quando um representante de uma comunidade expressa um desejo coletivo contra a expansão do agronegócio em seu território. Enquanto essa voz comunitária busca preservar seu modo de vida e seu ambiente, em outras palavras, enquanto busca garantir que possam continuar sendo quem são, para aqueles que veem o agronegócio como motor de desenvolvimento nacional, o discurso pode ser interpretado como um obstáculo ao progresso.

Isso acontece porque os meios de comunicação repetem incansavelmente discursos como “o agro é pop, o agro é tudo”, na tentativa de influenciar a percepção e as atitudes das massas, muitas vezes promovendo uma conformidade às ideias dominantes. Como argumenta Adorno (1985), os meios de comunicação, especialmente na forma de produtos culturais de massa, são capazes da padronização e homogeneização da cultura.

Quando quilombolas se utilizam de práticas de comunicação para afirmarem sua condição quilombola, estão reivindicando o reconhecimento de sua herança histórica e cultural, bem como a garantia de direitos territoriais. A luta muitas vezes envolve a busca por demarcação de terras tradicionalmente ocupadas por essas comunidades, reconhecendo-as como territórios quilombolas, onde preservam seus modos de vida. O desafio para os comunicadores populares, nesse caso, reside não apenas em se fazerem ouvir, mas também em enfrentarem estigmas e violências, em que seus próprios corpos foram submetidos e marginalizados.

### 2.3 A COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DOS POVOS E DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

Ailton Krenak, em seu livro intitulado *Futuro Ancestral*, escreveu: “posso ser só uma pessoa dentro de um fluxo capaz de produzir afetos e sentidos” (Krenak, 2022, p. 83). Entendemos que tal reflexão nos aponta para o lugar de um ser comunicacional que, através das suas relações, é capaz de comunicar a própria realidade e os próprios pensamentos, a partir de relações subjetivas e de laços construídos durante sua trajetória.

Assim também fazem indivíduos que assumem um lugar de desafiar as histórias que circulam através da mídia para anunciar outros pontos de vista. Como nos aponta Nascimento (2021, p. 11), “enquanto narradores, recriamos o contexto dos acontecimentos, localizando-os no tempo e no espaço e transformando nossas lembranças. É dessa forma que as narrativas dão ao indivíduo a possibilidade de compreender quem ele é”.

Reconhecer a força que se manifesta nesse processo transforma posicionamentos que, a princípio, poderiam ver as transformações tecnológicas como uma ameaça à tradição, passando então a enxergá-las como um instrumento de luta, como no caso dos povos indígenas ao se apropriarem de equipamentos audiovisuais.

“arma de luta” é bastante empregado e difundido no movimento, principalmente entre os cineastas indígenas que, volta e meia, recorrem a esta expressão para invocar o sentido principal de se produzir imagem pelos povos indígenas. Sendo assim, a câmera enquanto objeto/corpo pode ser comparada ao arco, o ato de disparar/clicar ao lançar a flecha, a imagem captada à caça e, por sua vez, o cineasta/fotógrafo ao caçador (Corrêa, 2019, p. 96).

Esse movimento parte de ir além de registrar o instante, mas principalmente de reivindicar a memória ancestral que almeja ser perpetuada: “a imagem como ferramenta de resistência, é antes de mais nada a própria resistência ao tempo e à memória” (Corrêa, 2019, p. 100).

Nesse contexto, a experiência de comunicação dos povos Xakriabás sistematizada por Santa Rosa e Anaya (2016) nos mostra uma potência de relações estabelecidas em torno da comunicação, demonstrando o anseio desses povos de revelarem ao mundo verdadeiramente o que se é:

foi por meio de práticas tradicionais de mobilização e ação coletiva, da incorporação de tecnologias modernas e da abertura de canais de interlocução com atores heterogêneos que os Xakriabá conseguiram fortalecer e espalhar sua mensagem em defesa de seu território, cultura e identidade (Santa Rosa; Anaya, 2016, p. 13).

Percebe-se, então, que as relações comunicacionais para essas comunidades partem do compromisso com o *buen vivir*<sup>21</sup>, que, “sem esquecer e menos ainda manipular suas origens ancestrais, pode servir de plataforma para discutir, consensualizar e aplicar respostas aos devastadores efeitos das mudanças climáticas e às crescentes marginalizações e violências sociais” (Acosta, 2016, p. 27). Anunciar esse *buen vivir* parte de comunicar um “outro desenvolvimento”, que, como nos apontam Peruzzo e Volpato (2009, p. 20), se torna possível a partir do direito à comunicação:

---

<sup>21</sup> Como nos aponta Acosta (2011), o *buen vivir* – ou, em português, bem viver – representa uma filosofia de vida que tem no horizonte a construção de emancipação social, garantindo uma vida harmônica entre homem e natureza. O termo surge em comunidades indígenas da América Latina.

A partir da concepção desse “outro desenvolvimento”, o modelo participativo incorpora noções como horizontalidade e democratização de acesso, no sentido da liberdade de comunicação e do direito à comunicação enquanto poder de comunicar. A proposta é democratizar a comunicação por meio do acesso, representado pelo direito de receber mensagens, pelo diálogo, como direito de emitir mensagens e pela participação, com a culminância da comunicação horizontal, porque proporciona oportunidades de as pessoas se expressarem em condições de igualdade entre emissores e receptores, portanto segundo suas demandas (não apenas individualistas) e livres de interferências.

A reivindicação desse “poder de comunicar” se expressa na incorporação de práticas comunicacionais no cotidiano de populações que não estão no lugar de privilégio e detenção do poder. Para isso, o contexto de midiaticização é impulsionador das maneiras de atribuição de sentidos.

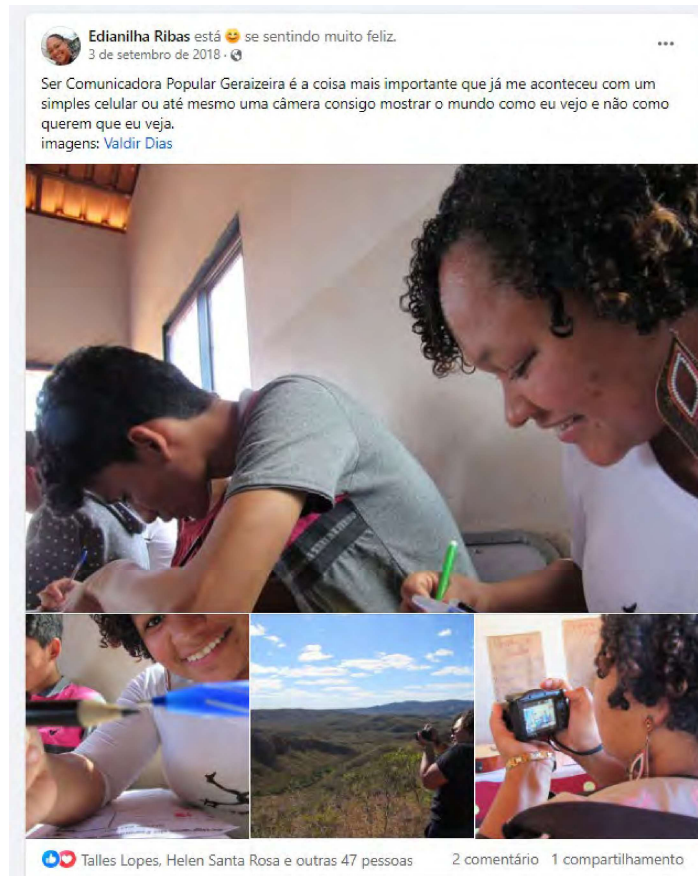
Para Peruzzo (2012, p. 12), é possível pensar a comunicação como “parte constitutiva das práticas sociais mobilizadoras no exercício da cidadania”. Nesse sentido, observamos que a comunicação popular é instituída como uma ação simbólica, que reflete participação e mobilização no âmbito coletivo, sem que interesses privados se sobressaiam, expressando ideais compartilhados no contexto das relações estabelecidas.

Desde suas origens em *communicare*, comunicação significa por em comum, partilhar, e a comunicação comunitária pode concretizar essa dimensão uma vez assumida com finalidades coletivas. Ela se expressa de diferentes formas: interpessoal, grupal e aquelas mediadas por instrumentos tecnológicos. Evidentemente não falamos apenas de meios de comunicação. Interessa o contexto. O meio é um canal, mas a comunicação diz respeito a processos mais amplos que se imbricam com o exercício da cidadania, nas dimensões civil, política e social, mas também cultural e comunicacional (Peruzzo, 2012, p. 12-13).

É nessa prática que grupos minorizados fazem da comunicação um ato de expressão democrática, em que a comunicação se contrapõe a um modelo desenvolvimentista que utiliza os meios de comunicação como um canal unidirecional com o objetivo de fortalecer visões lucrativas. Um exemplo é a comunicadora popular geraizeira Edianilha Ribas, que caracteriza sua experiência com a comunicação popular a partir da relevância de se libertar de amarras que lhe foram impostas.



Figura 5 – Sentimento gerado através do ser comunicadora



Fonte: Captura de tela – Facebook.

A visão de Edianilha Ribas se ancora no que Peruzzo (2022) aborda como contra-comunicação, que reelabora práticas sociais comunicativas. Para a autora, a manifestação da comunicação popular, alternativa e comunitária emerge em comunidade:

Portanto é elaborada no contexto dos movimentos sociais populares e “comunidades”; na luta para exercer a liberdade de expressão, denunciar problemas, reivindicar direitos, servir de instrumento de conscientização e, assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, para contribuir à transformação social. Mas, sem esquecer de que não se trata só de desenvolver meios de comunicação, e sim processos nos quais a comunicação interpessoal e grupal é parte constitutiva e constituinte das mudanças mais amplas da realidade (Peruzzo, 2022, p. 522-523).

Essa prática comunicacional segue um percurso em que as práticas concretas, estabelecidas em um conjunto de práxis carregadas de sentidos, têm valor para comunidades e movimentos sociais. Esse exercício, o qual podemos relacionar com o conceito de cidadania, emerge, então, no processo de conscientização das comunidades.

O comprometimento com o território, sua gente e sua cultura, precisa estar inserido na perspectiva da construção cotidiana da preocupação com o coletivo, ou seja, que a relação entre direitos e deveres seja simbiótica a tal ponto que o indivíduo se perceba como parte fundamental do grupo a que pertence (Paiva, 2021, p. 78).

É a participação cidadã, no se sentir parte e na vida em comunidade, que é capaz de mobilizar estratégias de sensibilização para um radical pertencimento comunitário na sociedade (Paiva, 2021). A comunicação popular, assim, tem possibilitado que jovens se vejam inseridos dentro de suas realidades, deixando um lugar passivo para ocupar um lugar ativo junto a lideranças comunitárias, apresentando pontos de vistas construídos dentro de um contexto social conectado à ancestralidade e à necessidade de se pensar um futuro possível e construído no agora.

Dessa forma, na prática da comunicação popular, percebemos a manifestação do posicionamento do sujeito a partir da construção social na qual ele está inserido. Como nos provoca Hall (2006, p. 21-22), “todos nós escrevemos e falamos a partir de um lugar e de um tempo em particular, a partir de uma história e de uma cultura que são específicas”. Isso nos faz visualizar a identidade que é construída através das interações dos comunicadores e comunicadoras com as suas comunidades.

Entendemos, assim, esse processo de identificação como uma resposta às dinâmicas sociais e às expectativas da comunidade em que estão inseridas. Nesse conflito expresso, o modelo de desenvolvimento presente na modernidade, ao ameaçar modos de vidas tradicionais, coloca em risco a coexistência de povos com o seu território e estabelece uma fronteira simbólica, delimitando “o normal e o desviante, aquilo que é digno daquilo que não é digno de reconhecimento” (Heite; Pomey; Spellenberg, 2013, p. 498). Contudo, da atuação dos comunicadores e comunicadoras populares, percebemos esses sujeitos como agentes mobilizados por uma identidade, como pessoas que, ao experimentarem e vivenciarem relações que as conectam a um contexto de disputa social, buscam superar a marginalização a que estão submetidas.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico desta pesquisa parte da busca por pistas para investigar o contexto comunicacional que atravessa os Gerais, seus povos e comunidades tradicionais. A interação das comunidades com as mídias nos provoca a olhar para a midiatização como guia da investigação, para não nos afastarmos da perspectiva comunicacional. Em outras palavras, visamos garantir as contribuições de áreas correlatas, sem perder o foco no entendimento do campo da comunicação como centro norteador.

#### 3.1 O PERCURSO DA PESQUISA E O PARADIGMA COMUNICACIONAL

A comunicação é um campo de pesquisa interdisciplinar que abrange vários aspectos da comunicação humana, incluindo a troca de informações e ideias por meio de canais e meios. Como campo de pesquisa, a comunicação se concentra em investigar como as pessoas criam, compartilham e interpretam mensagens, e como as tecnologias e as mídias afetam a comunicação. Segundo França e Simões (2016, p. 15), “o campo da Comunicação se debate ainda com a questão de sua identidade e sua legitimação - mas se apresenta como um terreno profícuo e instigador, ao colocar como desafio a construção de um outro (e novo) olhar sobre a vida social”.

Para Muniz Sodré (2014), o percurso da comunicação como campo de pesquisa revela uma expectativa de compensação da academia ao mercado. No entanto, o campo permanece ambíguo, inerente ao desafio da formação profissional:

A comunicação tendia a ser percebida mais na ótica da organização (empresarial, tecnológica) do que da instituição, que se define pelo quadro da necessidade moral e política, típico das ciências sociais anteriores. Hoje, apesar de algumas tentativas isoladas, o campo permanece cientificamente tão ambíguo quanto no passado, em meio a milhares de estudos recortados sobre todo tipo de tema imaginável, se não diretamente relacionado à prática industrial da mídia ou do espetáculo diversificado, pelo menos permeável à colagem do par “comunicação/informação” ou ajustável ao vago rótulo de “estudos culturais” (Sodré, 2014, p. 93).

As pesquisas em torno dessa ótica resumiam-se às mídias (televisão, cinema, rádio, revistas, discos, etc.). Contudo, a compreensão da comunicação a partir das mídias aponta desafios a serem superados. Braga (2008) explica que a comunicação, por surgir como uma questão presente em diferentes áreas, leva a concluir que tudo é abarcado por ela.

Outro problema parece ser o de evitar sobreposição com outras áreas de estudos mais tradicionalmente estabelecidas. Desde que se se afasta de uma posição holista em direção a uma preferência mais “especializada”, este ângulo especializado do objeto parece ser já espaço de observação de outra área, a linguística, a sociologia, a política, a economia, etc. (Braga, 2008, p. 65).

Em outras palavras, podemos dizer que, ao focarmos nas mídias, podemos atravessar diferentes campos sociais para investigá-las. É possível analisar o efeito de um programa de televisão com foco em finanças a partir de diferentes óticas sociais, como a econômica, por exemplo. Foi assim que os primeiros estudos da comunicação foram influenciados por diferentes disciplinas e foram realizados principalmente por pesquisadores que se interessavam pelos efeitos da comunicação de massa na sociedade, a partir do século XX. Como afirma França (2001, p. 4), “a evidência desse objeto só veio aumentando no decorrer das décadas, com a centralidade cada vez maior assumida pela mídia, o aparecimento dos meios digitais e das redes telemáticas, o papel determinante da informação”.

A comunicação, enquanto campo de estudo, propõe-se a ser um novo caminho para analisar fenômenos sociais:

O processo comunicativo compreende vários elementos: os interlocutores (a presença correferenciada de um e do outro); uma materialidade simbólica (a produção discursiva); a situação discursiva (o contexto imediato; sua inserção numa estrutura sócio-histórica particular). A relação que se estabelece entre esses elementos é móvel e diversificada. O objetivo da análise comunicativa é justamente captar o desenho dessas relações; o posicionamento dos sujeitos interlocutores; a criação das formas simbólicas; a dinâmica de produção de sentidos. O que, sem dúvida, é contribuição ímpar para o conhecimento de nossa realidade contemporânea (França; Simões, 2016, p. 21).

Em resumo, a análise comunicacional tem como objetivo examinar e entender como a comunicação funciona em diferentes contextos, investigando tanto o processo de comunicação quanto o impacto e seus efeitos.

É consenso no contexto acadêmico a interdisciplinaridade do campo da comunicação. No entanto, é importante que os fenômenos comunicacionais não sejam perdidos de vista para que contribuições de outras áreas não tenham maior relevância em uma pesquisa de comunicação; caso isso ocorra, a pesquisa deixaria essa de pertencer a esse campo. Para Braga (2008), o uso de teorias de áreas correlacionadas pode colocar a comunicação como área “coadjuvante”, além de tais teorias poderem se mostrar insuficientes para dar conta dos

fenômenos e suas complexidades. Essa perspectiva crítica não busca criar fronteiras ou limites para a comunicação, mas provoca uma complementação entre o debate interdisciplinar e a construção do lugar próprio, como aponta França (2001, p. 12):

O campo da comunicação se encontra numa situação privilegiada face a outras áreas, já consolidadas, com uma tradição a preservar, e que, em razão disto, se movem com mais dificuldade, se mostram mais fechadas, mais rígidas, menos porosas. A comunicação, com sua falta de tradição, nascida de uma dinâmica interdisciplinar, terreno transdisciplinar, representa muito bem a atmosfera atual, que estimula a diluição dos feudos, das demarcações rígidas de terreno, e chama os cruzamentos.

Apesar das possibilidades de romper fronteiras, o ponto de vista da comunicação precisa ser norteador. Esse direcionamento parte de não desconsiderar o uso de diferentes teorias, mas sem se perder de vista o objeto da comunicação. Nesse sentido, as perguntas vão se consolidando com base em paradigmas. Segundo França (2001, p. 13), “o paradigma direciona a apreensão e o tratamento das teorias; ele é definidor das perguntas a serem respondidas. O paradigma conduz o processo de conhecimento, ordenando a iluminação trazida pelas teorias”.

Por nos nortearmos em consonância com o pensamento dos autores anteriormente apontados, confirmamos que nossa pesquisa tem sido desenvolvida pelo viés do paradigma comunicacional, segundo o qual, para Sodré (2014, p. 22), colocamos “em cena o problema do estatuto do conhecimento implicado na comunicação – primeiro, perguntar sobre a sua realidade como prática social e, depois, como se pode conhecê-la – se doutrina, se campo científico.”

Assim, por nos distanciarmos de uma visão instrumental e puramente mercadológica da comunica o, ancoramos nossas bases epistemológicas numa visão que considera a comunica o como “princípio constitutivo da experiência” (Rodrigues, 2020, p. 100).   desse lugar que se busca analisar as experiências de comunicadores e comunicadoras, a partir das rela es estabelecidas nas comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais.

No processo de elabora o do nosso desenho metodológico, iniciamos essa pesquisa com diversas indaga es: se não existissem narrativas hegemônicas, que não mostram o ponto de vista das comunidades, seria necessário esse movimento em torno da comunica o? Se não fosse a identidade desses povos, anunciar suas histórias e denunciar as viola es de direitos de suas comunidades se justificaria? Defender os modos de vida continuaria a ser importante? Os efeitos do despertar das comunidades para a comunica o têm sido materializados através das

mídias ou podem ser percebidos como um processo de interação que atravessa a própria organização comunitária?

As provocações nos instigam e norteiam uma enorme possibilidade de descobertas. Para isso, nós nos baseamos em pistas, a partir de afetações, reunidas com base no paradigma indiciário, o qual nos apoiou no processo de mapeamento dos sujeitos e dos discursos produzidos. Foi a partir das pistas que buscamos compreender o significado das evidências e as informações expostas nos documentos levantados, para atingir os objetivos propostos.

### 3.2 DAS PISTAS AO PARADIGMA INDICIÁRIO

Ao aprofundar a reflexão sobre as questões ligadas à comunicação popular, regionalizadas no Norte de Minas Gerais e relacionadas com a atuação de organizações da sociedade civil que desenvolvem seu trabalho com povos e comunidades tradicionais, perguntas foram guiando o desenvolvimento desta pesquisa. O levantamento de dúvidas para o aperfeiçoamento do problema trata do que José Luiz Braga (2008, p. 78) aborda como paradigma indiciário, isto é, “implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos”.

O paradigma indiciário foi muito usado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg para analisar narrativas. A partir desse paradigma, busca-se seguir rastros/pistas para a compreensão do passado, do presente e do futuro. “Ao lidar com pistas e documentos de diferentes tipos, Ginzburg, ao utilizar o paradigma indiciário, encontrou caminhos distintos para chegar sempre ao mesmo objetivo: entender o que as pistas significam e o que os documentos revelam” (Leandro; Passos, 2021, p. 7).

O caminho a ser percorrido não consiste em um processo de privilégio ao empírico, mas sim na construção de um percurso capaz de sistematizar para analisar. “Uma perspectiva empiricista ficaria apenas na acumulação de informações e dados a respeito do objeto singular. Diversamente, o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos” (Braga, 2008, p. 78).

Ao problematizar o paradigma indiciário na pesquisa em comunicação, Braga (2008) nos convida a relacioná-lo com estudo de caso, visto que este nos permite perceber como as “lógicas interacionais são relevantes para seu funcionamento; e como essas lógicas se relacionam com processos sociais outros que caracterizam o fenômeno” (Braga, 2008, p. 79). Partimos de uma descrição reconstrutiva dos processos que levam em conta as relações estabelecidas para a elucidação da realidade.

Em outras palavras, como nos aponta Rodrigues (2005), o paradigma indiciário nos provoca a enxergar a realidade como um enigma a ser desvendado, e as pistas são parte do processo de pesquisa e revelam o conhecimento. Para a pesquisadora, esse método considera importante a aproximação emocional do pesquisador, visto que “a verdade é o que se consegue provar, às vezes, com auxílio da sensibilidade (emoção) e da razão, porque o absoluto é inatingível” (Rodrigues, 2005, p. 219).

Assim, o primeiro passo no levantamento dos indícios foi uma busca em plataformas como o Facebook e o YouTube pelas expressões-chave: “comunicação popular” e “Norte de Minas”. No caso do Facebook, por ser uma plataforma de conexão entre pessoas, as publicações levantadas tinham conexões com amigos<sup>22</sup>, encontradas no contexto de instituições curtidas ou também com alguma relação com esses perfis pessoais e páginas. No YouTube, o processo se revelou a partir das relações de materiais encontrados na primeira plataforma, busca por nomes de pessoas e também pelas expressões-chave. Construimos, a partir dessa primeira busca, nosso ponto de partida, com 72 *links* registrados.

Esse processo permitiu identificar a quantidade de pessoas que utilizavam as plataformas para se expressar, sujeitos que viam nesses canais uma forma de falar sobre as suas experiências, assim como organizações que mais se projetavam nesse meio. Foi possível identificar sujeitos que se destacavam em perceber esse lugar de comunicador ou comunicadora popular, mas com pouca diversidade. Três nomes se destacam nos indícios encontrados, aportando reflexões sobre os processos de comunicação no Norte de Minas: Edianilha Ribas e Valdir Dias, ambos geraizeiros, e Edgar Xakriabá, indígena.

Partindo do nosso interesse em perceber o contexto de coletividade, que está atrelado à comunicação popular, partimos de indícios que sistematizam experiências compartilhadas para gerar outras pistas: priorizamos as publicações disponíveis nas mídias da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e Mineiro (ASA Minas Gerais) e Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas. Com a relação estabelecida no âmbito da ASA Minas Gerais, com apoio do setor de comunicação e da secretaria executiva, também foi possível ter acesso ao *Mapeamento: comunicadoras(es) populares do Semiárido Mineiro*, lançado em 2023 com o objetivo de mapear os comunicadores e comunicadoras que contribuem com a articulação.

A forma como a Articulação Semiárido Brasileiro se posiciona através de sua atuação em espaços políticos e dos materiais de comunicação produzidos traz revelações que, ao serem analisadas na perspectiva do paradigma indiciário, levantam a expectativa de revelar

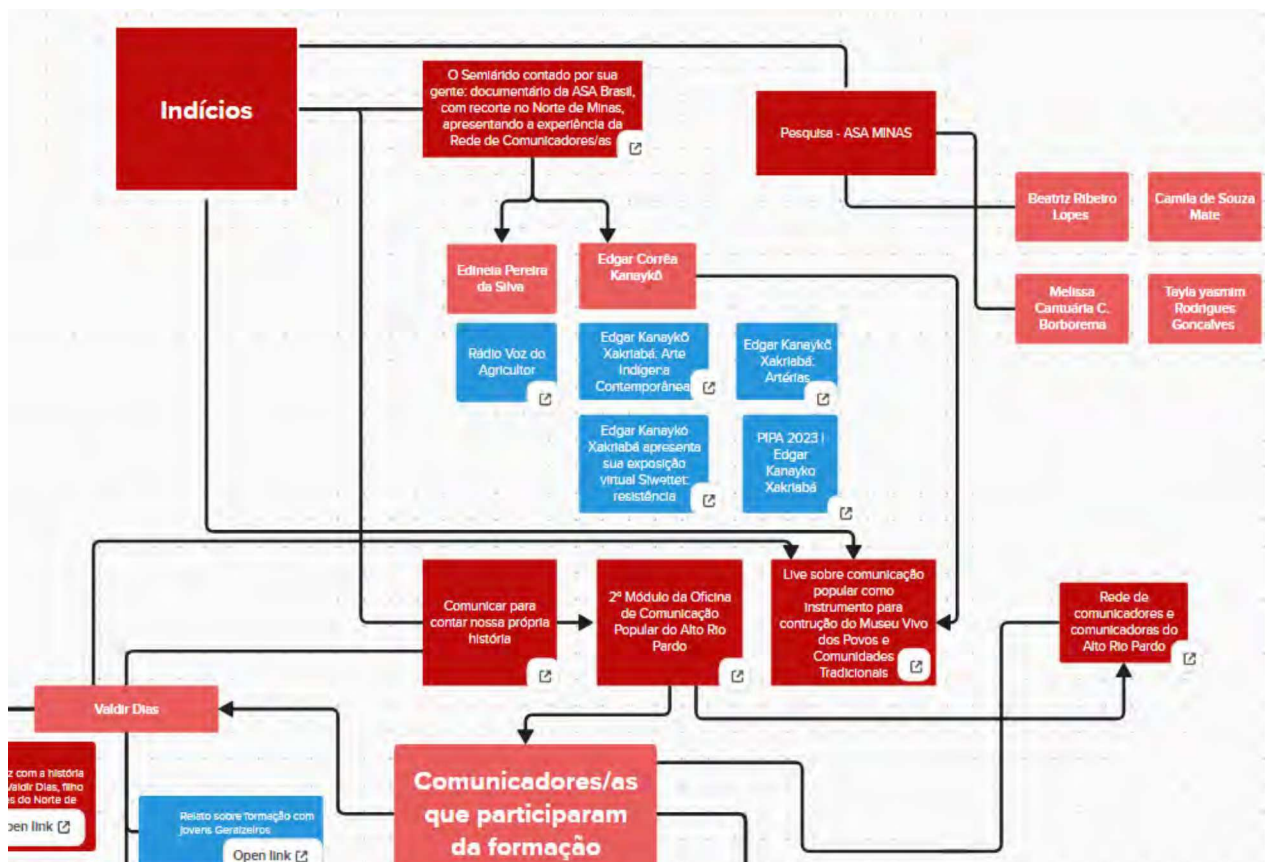
---

<sup>22</sup> O termo “amigos” aqui utilizado se refere às conexões estabelecidas dentro do Facebook.

construções culturais e mapear o movimento comunicacional no contexto do Norte de Minas. Nesse percurso, portanto, a base dos “indícios” levantados nos apoiou como caminho para analisar como as práticas comunicativas são construídas e significadas no contexto regional investigado.

O ponto de partida de levantamento de indícios foi o vídeo documentário produzido pela Articulação Semiárido Brasileiro, com o recorte para a experiência do Norte de Minas, que nos conectou a outras quatro pessoas: Helen Santa Rosa, Edneia Pereira da Silva, Myrlene Pereira e Edgar Corrêa Kanaykô. O filtro para continuar seguindo uma busca por pistas se deu a partir da estratégia de identificar comunitários, afastando-nos de pessoas ligadas às instituições e priorizando os povos e comunidades, que são o interesse da pesquisa. Com esse foco, utilizamos mecanismos de buscas a partir do nome dessas pessoas para encontrar outros conteúdos relacionados às práticas da comunicação. Os itens destacados em vermelho, representam os indícios, que nos levaram a levantar os comunicadores (rosa). Os itens em azul representam os links dos conteúdos em que os comunicadoras e comunicadores estavam envolvidos.

Figura 6 – Coleta de indícios e ligação das pistas





Fonte: Captura de tela Mural Microsoft<sup>23</sup>.

Esse processo se repetiu com outros indícios que foram levantados, como, por exemplo, uma matéria publicada no site do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, intitulada “Comunicar para contar nossa própria história”, que nos levou a investigar a realização de uma oficina modular de comunicação popular. A partir dela, foi possível encontrar a citação de um comunicador formado pelo espaço e, com isso, partir para a busca de informações de outro módulo que foi realizado nesse contexto. Chegamos, então, ao vídeo do 2º módulo, que trouxe a listagem de toda a juventude que participou dessa formação. Repetimos então a busca por outras pistas a partir do nome dessas pessoas.

Como nos explica Charaudeau (2005), a linguagem como uma ação parte de um movimento de transformação, a partir da significação atribuída ao mundo, evocada pela ação de um sujeito que fala, e de um processo de transação, em que se negocia, com o sujeito falante destinatário, esse sentido atribuído (Charaudeau, 2005). Para o autor, um ato de linguagem:

pressupõe uma intencionalidade – a dos sujeitos falantes, parceiros de uma troca. Em decorrência, esse ato depende da identidade dos parceiros, visa uma influência e é portador de uma proposição sobre o mundo. Além disso, realiza-se num tempo e num espaço determinados, o que é comumente chamado de situação (Charaudeau, 2005).

Com base nessa concepção, propomo-nos a selecionar, a partir dos indícios, os materiais audiovisuais que pudessem representar os sujeitos em reflexões sobre suas práticas comunicacionais, inseridos no contexto dos seus territórios, afetados pelo próprio território, mas também por outros atores sociais. Trabalhamos com os seguintes materiais, listados na Tabela 1:

---

<sup>23</sup> Link para acesso ao percurso:

<https://app.mural.co/t/comunicacaopopular5482/m/comunicacaopopular5482/1705241475732/c808365ce4193108f7294450ab275cb4d678204b?sender=e5d8cec1-502f-419e-b7c3-e9689101c878>

Tabela 1 – Índícios levantados

Vídeo	Título	Endereço
01	<i>O Semiárido contado por sua gente</i>	<a href="https://drive.google.com/file/d/10APi7zDjI6PVT9xzrckdyb2UhsOZOm42/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/10APi7zDjI6PVT9xzrckdyb2UhsOZOm42/view?usp=drive_link</a>
02	<i>2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo</i>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1SLKtoOD-Azqkd6_h_mQn2XFFq1-gjPv9/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1SLKtoOD-Azqkd6_h_mQn2XFFq1-gjPv9/view?usp=drive_link</a>
03	<i>Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykô</i>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1mDG9TOVX4NLmqmOB5XyVha5hwUsrY06F/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1mDG9TOVX4NLmqmOB5XyVha5hwUsrY06F/view?usp=drive_link</a>
04	<i>Edgar Kanaykô</i>	<a href="https://drive.google.com/file/d/163cynzmFlswCLBQeBztT4QiHSCxUxMOS/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/163cynzmFlswCLBQeBztT4QiHSCxUxMOS/view?usp=drive_link</a>
05	<i>Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas</i>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1FmK8o4DOcLiUWVS12LGW0uA0pbFsQJbd/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1FmK8o4DOcLiUWVS12LGW0uA0pbFsQJbd/view?usp=drive_link</a>
06	<i>Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre)</i>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1P-yCZhR8PvYJ4A3lkdTbiKAepQbGjpTK/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1P-yCZhR8PvYJ4A3lkdTbiKAepQbGjpTK/view?usp=drive_link</a>

Fonte: Elaboração da autora

Os vídeos selecionados, portanto, revelam a influência do local em que os comunicadores e as comunicadoras estão, e o espaço em que se encontram orienta a linguagem reverberada. Além disso, por carregarem a intencionalidade de descrever as práticas em que os sujeitos estão envolvidos, assim como suas trajetórias em relação a publicações em redes sociais, os vídeos nos possibilitam encontrar uma linearidade em suas estruturas, mesmo tendo sido produzidos em contextos socioculturais diferentes.

Os vídeos 01 e 02 foram produzidos no âmbito de organizações que mobilizam e financiam a prática da comunicação popular, respectivamente. O segundo vídeo, traz especialmente, imagens captadas pelos próprios sujeitos. O vídeo 03 foi produzido por um instituto ligado a uma organização de projetos desenvolvimentistas. O vídeo 04 e 05 são produções de canais de televisão, o primeiro de uma instituição privada e o segundo de um órgão estatal. Por último o 06 vídeo é fruto de uma produção realizada por um comunicador e uma comunicadora popular.

Assim, em outras palavras, os materiais escolhidos nos revelam a dimensão política da prática, para além dos conteúdos produzidos. A afetação nestas escolhas, partiu de observar como os discursos circulam e se conservam em contextos particulares, mesmo quando o comunicador estava em um vídeo institucional, houve a manutenção do discurso, sem uma alteração por conta da institucionalidade. Por ser um material de uma instituição específica, que passou por um processo de edição, ainda assim ficou visível o posicionamento do sujeito. Consideramos que os comunicadores e as comunicadoras expressam, através desses produtos audiovisuais, as razões que os levam a comunicar, descrevem os processos com os quais estão se envolvendo, assim como se apresentam. Dessa forma, nossa análise nos provoca a refletir sobre a comunicação popular não apenas por seu resultado, mas principalmente pelo contexto que rodeia esses sujeitos e pelas relações que se estabelecem.

### 3.3 QUESTÕES DE PESQUISA E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Ancoradas no paradigma indiciário, as pistas nos trouxeram experiências significativas no que diz respeito a reconhecer práticas de comunicação popular. Primeiro, partimos do lugar: o Norte de Minas e o contexto do Semiárido mineiro. Desse lugar, identificamos os atores institucionalizados que estão envolvidos nos processos comunicacionais, para então partir para a identificação de sujeitos e suas narrativas. Todo esse contexto de análise está ancorado em uma perspectiva semiolinguística (Charaudeau, 2005), capaz de nos fazer perceber os imaginários sociodiscursivos que envolvem os processos comunicacionais estabelecidos.

A coleta foi desenvolvida com base em afetações que nos permitissem identificar: a) sujeitos e o sentimento de pertença; b) o processo de unificação de lutas. As justificativas para escolhas se apresentam na base de afetações para coleta de pista<sup>24</sup> e como Anexo A desta pesquisa.

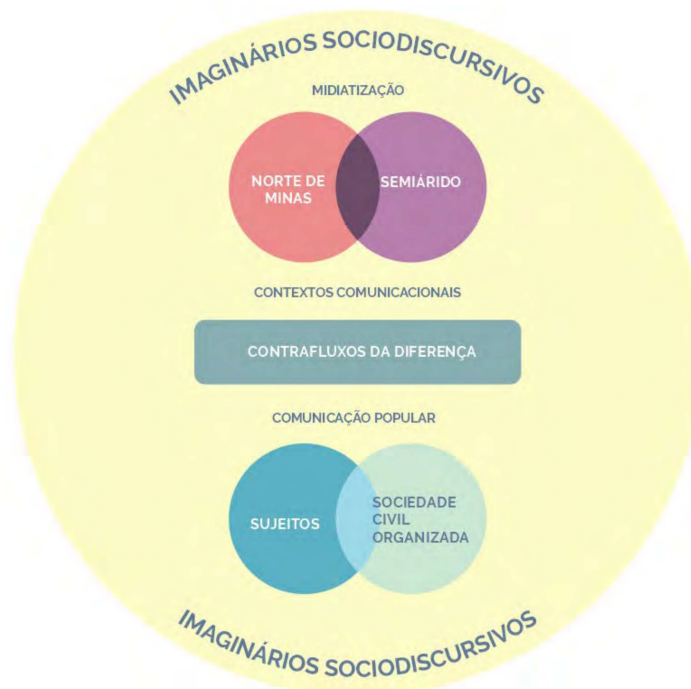
A estruturação das pistas e as características delimitadas para as afetações nos permitem estudá-las no contexto comunicacional. A partir da coleta dos indícios, priorizamos a discussão conceitual sobre imaginários sociodiscursivos que, para nós, funciona como chave de leitura para olharmos as pistas coletadas.

Podemos sintetizar nosso movimento de pesquisa a partir do diagrama abaixo:

Figura 7 – Esquema analítico da pesquisa

---

<sup>24</sup> Disponível pelo link: [bit.ly/basedeafetos](http://bit.ly/basedeafetos).



Fonte: Elaboração da autora.

### 3.4 IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Segundo Patrick Charaudeau (2017), o discurso é capaz de criar teorias, doutrinas ou opiniões. Através da sedimentação de discursos, essa organização de sistemas de pensamentos gerados em um contexto social específico traz significação a determinados fenômenos no mundo. O ideal formado através desse discurso pode ser qualificado a partir da conceitualização de imaginários, que, assumindo um papel de substantivo, “são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva” (Charaudeau, 2017, p. 579).

Ao consolidar-se como discurso, os ideais compartilhados, através das interações estabelecidas socialmente, formam então os imaginários sociodiscursivos, que estão relacionados à memória coletiva e que, segundo Charaudeau (2017, p. 579), se estabelecem dentro de uma prática social, sendo gerados “na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante”.

Por esse prisma, o uso do termo “imaginário” representa uma ideia concebida e compartilhada conjuntamente. Aliada ao termo “sociodiscursivos”, percebemos que essa ideia parte de um contexto social, sendo legitimada dentro das comunidades e contextos em que circulam ao mobilizar a manutenção e o reforço dos pensamentos criados e partilhados em grupo (Carneiro; Procópio, 2018).

Consideramos que tal conceito será para nós uma chave de leitura importante para desvendarmos significações possíveis para o Norte de Minas que serão reverberadas nas práticas comunicacionais dos comunicadores e das comunicadoras populares. Como explica Procópio (2009, p. 185), os imaginários sociodiscursivos “são criados e veiculados pelos discursos circulantes na sociedade com uma dupla função: criação dos valores que serão difundidos na sociedade e justificativa das ações de indivíduos e grupos sociais”. Para Charaudeau (2017), os imaginários se estruturam nos saberes de conhecimento e saberes de crença. O primeiro tipo, que tem como característica a imposição da verdade, dá lugar ao saber científico e ao de experiência. Já o segundo, o saber da crença, dá lugar ao saber de revelação e ao saber de opinião, com base na subjetividade dos sujeitos.

Tabela 2 – Tipos de saberes, classificação e saberes relacionados

<b>Tipos de saberes</b>	<b>Classificação</b>	<b>Saberes relacionados</b>
<b>Saber do conhecimento</b>	A verdade que procura se estabelecer, a partir desses saberes, repousa na explicação dos fenômenos, renunciando à subjetividade do sujeito, em busca de uma afirmação objetiva, sem a pretensão de julgar ou emitir opiniões.	<b>Saberes Científicos:</b> buscam-se estabelecer explicações com base nas razões científicas, de modo que o resultado da análise seja o mesmo por qualquer pessoa com a mesma competência.
		<b>Saberes de Experiência:</b> partem de axiomas construídos através do que se tenha experimentado. Podem ser sustentados por um discurso de causalidade natural, consolidados através

		de vivências socialmente compartilhadas.
<b>Saberes da Crença</b>	O homem e a sua subjetividade estão na centralidade desses saberes, que estão intimamente relacionados com os sentidos que o sujeito atribui aos fenômenos a partir de avaliações, apreciações e julgamentos.	<b>Saberes de revelação:</b> encontram-se no lugar do sagrado, do que não se pode provar ou verificar, mas que supõe um lugar de verdade. É inflexível e não tem abertura para questionamento ou dúvidas no discurso estabelecido.
		<b>Saberes de opinião:</b> esse tipo de saber nasce a partir do processo de subjetividade do sujeito. Resulta da apropriação, com base em julgamento, de outros saberes circulantes, por isso é ao mesmo tempo pessoal e coletivo.

Fonte: Elaboração da autora com base em Charaudeau (2017).

A partir das definições dos saberes que estruturam os imaginários sociodiscursivos, Charaudeau explica que:

O imaginário não é nem verdadeiro nem falso. Ele é uma proposição de visão do mundo que se baseia nos saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem se excluir ou se sobrepor uns aos outros. Isso permite ao analista não ter que denunciar este ou aquele imaginário como falso. Não é esse seu papel. Seu papel consiste em ver como aparecem os imaginários, em qual situação comunicativa eles se inscrevem e qual visão de mundo eles testemunham (Charaudeau, 2017, p. 587).

Por esse prisma, observar os discursos a partir de um contexto comunicacional nos provoca a observar quem são os sujeitos envolvidos na construção do discurso e quais tensões são instauradas no contexto de sociedade em que estão inseridos.

Em resumo, o imaginário sociodiscursivo está relacionado com a forma como as pessoas percebem o mundo à sua volta e com as construções simbólicas que as ajudam a dar sentido a esse mundo. “O sujeito, aqui, está ligado a essas questões empíricas de trocas comunicativas, mas também é construído e teorizado em função da forma que se constroem e teorizam essas trocas” (Charaudeau, 2010b).

No contexto desta pesquisa, essas construções simbólicas estão presentes nas práticas discursivas, nas publicações realizadas pelos comunicadores e comunicadoras populares, nas instituições e no próprio sentido de afirmação de um compromisso com o campo da comunicação popular.

o discurso, como lugar, ao mesmo tempo, de estruturação dos usos em função das condições de produção nas quais esses usos se manifestam, relacionados a comportamentos linguageiros dos sujeitos falantes, e categorizações de sentido relacionadas a sistemas de conhecimento e de crença aos quais aderem os indivíduos ou grupos sociais (Charaudeau, 2011, p. 4).

Portanto, nesse universo de discussão, a sistematização parte das experiências comunicacionais existentes, no campo das contranarrativas e no contexto regional do Norte de Minas, colocando em evidência a atuação dos comunicadores e comunicadoras populares na construção dos imaginários sociodiscursivos.

Falar do Norte de Minas é muito mais que perceber essa ausência de diferenças, que expressa a necessidade de enxergar a diversidade que o circunda. Para isso, nos apegamos às contribuições que os imaginários sociodiscursivos podem agregar na perspectiva da atuação de comunicadoras e comunicadores populares, que, organizados nas comunidades tradicionais, exercem um papel importante em revelar as nuances do chão que pisam.

## 4 NORTE DE MINAS: LUGAR DE AUSÊNCIAS E PRESENÇAS

### 4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo geral desta dissertação consiste em descrever e analisar o contexto comunicacional do Norte de Minas, a partir da dinâmica de produção de narrativas de comunicadores e comunicadoras populares em relação à sociedade civil organizada.

A partir dos indícios levantados e do critério de escolha para analisá-los, buscamos sistematizar as reflexões apontadas nos materiais audiovisuais. Esse processo nos apoiou a identificar os imaginários que circulam em uma percepção compartilhada pelos sujeitos e a perceber esse contexto comunicacional, mesmo que os materiais tenham sido registrados em contextos distintos.

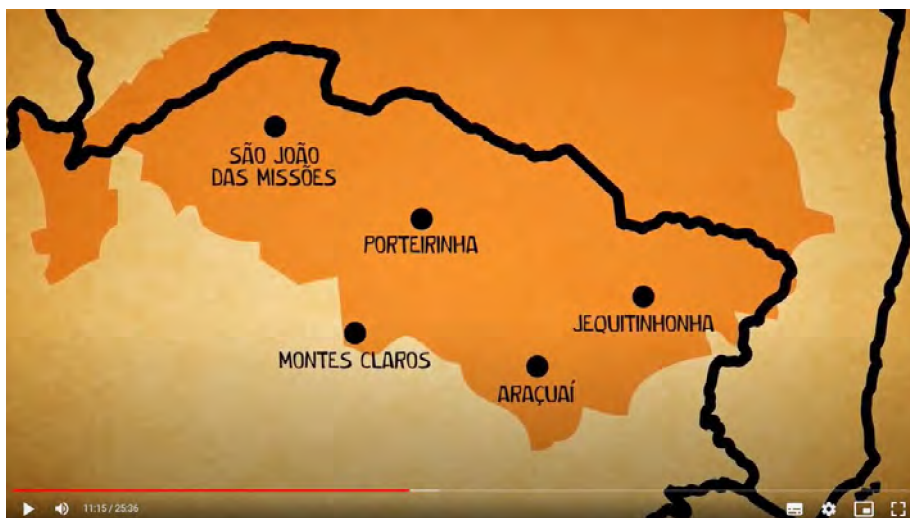
Esse movimento de olhar para os indícios partindo de uma análise geral, para depois realizar uma análise com o objetivo de identificar os saberes que circulam através da transcrição das falas, possibilitou alcançarmos as reflexões que serão apresentadas a seguir. Para abrir esse capítulo, apresentamos as reflexões gerais reunidas a partir da análise de cada vídeo:

#### *O Semiárido contado por sua gente*

Esse vídeo marca a coleta de indícios, expressando um cenário existente de formação e fomento da comunicação popular no território. A experiência da Escola citada na transcrição revela a presença da organização da sociedade civil, as consequências que esse processo pode acarretar, assim como a intencionalidade por trás dos momentos formativos com a comunidade.



Figura 8 – Locais em que aconteceram os módulos da *Escola de Comunicação Popular do Semiárido Mineiro – Vida e Vozes dos Povos do Sertão*



Fonte: Captura de tela - O Semiárido contado por sua gente

No trecho analisado, presenciamos um processo que dá continuidade a um movimento já iniciado pelos povos indígenas Xakriabá, ou seja, a Escola não foi o início de tudo, mas um marco de reconhecimento da comunicação popular em nível regional, enquanto Semiárido mineiro, inserido em um contexto de lutas similares que podem encarar essa prática como estratégia.

### *2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo*

Esse vídeo nos permitiu olhar para o processo formativo das comunidades, a partir dos relatos dos jovens que participaram desse momento. Foi por meio dessa pista que pudemos compreender a metodologia de organização dessa atividade. Quando observamos os jovens citando conceitos técnicos, evidencia-se a abordagem de práticas comunicacionais durante a formação. No momento em que as atividades são direcionadas à convivência coletiva, a partir da entrevista com “os mais velhos”, percebe-se o estímulo de um direcionamento ancorado na participação, construído através de conexões comunitárias. Isso se expressa também na dinâmica em que cada um precisou construir um artigo sobre si mesmo e a sua comunidade, já que a expressão do indivíduo também está conectada com a vida comunitária.

Nesse material, também nos chama atenção a expectativa do estabelecimento de Rede. No processo de conexão de pistas, através do paradigma indiciário, foi possível chegar a 21

publicações no Facebook, entre os anos de 2017 e 2020, como marcação do envolvimento dos jovens.

### *Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykõ*

O relato de Edgar Xakriabá sobre o seu processo com a fotografia revela um caminho construído com base na ancestralidade e em conhecimentos compartilhados coletivamente. A todo momento o comunicador expressa os sentidos que são atribuídos à prática de comunicação a partir de uma construção compartilhada com outros indígenas, o que se manifesta na perspectiva de se sentir parte de um povo.

Além disso, percebemos um processo de identificação com outras etnias indígenas, uma vez que Edgar traz em sua fala a perspectiva histórica de luta dos povos originários, com as marcações de violência, com as feridas expostas, mas expressando, também, a resiliência.

Durante a apresentação de seu processo, é possível perceber a leitura das técnicas fotográficas, da aplicação de conceitos. No entanto, é o sentido que é atribuído por seu lugar enquanto indígena que dá significado ao trabalho que ele quer trazer ao mundo.

### *Edgar Kanaykõ*

Edgar descreve sua prática pessoal com a etnofotografia, mencionando seu trabalho na comunidade, o registro de eventos, festas e rituais. Ele compartilha sua própria trajetória e seu envolvimento com essa forma de expressão visual. Ele aborda a importância cultural da etnofotografia, destacando como ela é utilizada para descrever e preservar a cultura e a realidade de um povo, refletindo sobre a relação entre a prática fotográfica e a antropologia, explorando como a fotografia é uma ferramenta para contar a própria história e reafirmar a identidade indígena.

O comunicador também discute os desafios e receios enfrentados pelos mais velhos da comunidade em relação à chegada da tecnologia, como a energia elétrica e a televisão. Ele também menciona as preocupações sobre a captura da imagem e a preservação dos segredos durante os rituais. Na transcrição também há uma atribuição de autoridade e conhecimento à pessoa mais velha ou ao pajé, que detêm as orientações sobre o que pode ou não ser revelado através das imagens capturadas durante rituais. Isso sugere a existência de um saber de revelação associado às práticas culturais e espirituais da comunidade indígena, que é considerado não questionável dentro do discurso estabelecido.

*Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas*

Nesse vídeo, é apresentado um percurso do movimento de Valdir Dias, comunicador geraizeiro, com a comunicação popular. No primeiro momento, ele se apresenta, evidencia sua origem e exalta o lugar em que nasceu, expressando orgulho sobre o território em que vive e o povo ao qual pertence.

Valdir traz também a referência aos espaços formativos nos quais pode desenvolver a própria percepção da comunicação. Conta da experiência acadêmica, mas também da formação em comunicação popular oportunizada pela sociedade civil organizada.

O vídeo traz também falas que reforçam o contexto apresentado pelo comunicador, com uma fala de liderança, além de mostrar pessoas com as quais Valdir promoveu um processo de multiplicação da experiência em comunicação popular. Percebe-se uma leitura sobre o uso de tecnologias, mas principalmente o fortalecimento de uma conexão comunitária. Nesse ponto, também nos chama atenção uma breve explicação sobre a metodologia das oficinas. A tecnologia é a estratégia utilizada para envolver a juventude na comunidade, bem como para fortalecer uma ligação comunitária e o reconhecimento enquanto povo tradicional.

*Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre)*

Nesse vídeo, o principal aspecto parte da multiplicação da experiência, uma formação gerada a partir do próprio contato com oficinas de comunicação popular. Esse é o único vídeo que traz uma experiência fora do Semiárido mineiro, mas que evidencia o processo de multiplicação da formação para além do território em que essa prática inicialmente é realizada, assim como o impacto da organização da sociedade civil junto a órgãos públicos e fontes de financiamento.

Temos no vídeo os comunicadores geraizeiros Valdir Dias e Nina Ribas (Edianilha Ribas), que se apresentam e reafirmam o lugar de onde vieram. Esse contexto, em uma leitura freireana, aponta que o processo educativo aparece com o sentido popular, em que as informações sobre quem facilita a construção do conhecimento também é carregado de histórias e sentidos que os direcionam no processo de condução da multiplicação.

Enquanto Valdir destaca a importância de valorizar as comunidades tradicionais e dá ênfase ao papel protagonista dos jovens, destacando suas necessidades e desejos dentro de suas próprias comunidades, Nina, por sua vez, traz uma perspectiva de reconhecimento das

estruturas organizacionais em seu entorno que possibilitam o processo de multiplicação do conhecimento.

#### 4.2 AFETAÇÕES: SUJEITOS E O SENTIMENTO DE PERTENÇA

Observando os discursos dos comunicadores e das comunicadoras, a coletividade é expressa de forma muito significativa. De forma mais direta, observamos a marcação do uso do *nós* e *a gente*, assim como conseguimos identificar essa reflexão no momento em que se reconhecem como parte de um povo e de um lugar comum.

Como exemplo, podemos verificar isso na fala de Edgar Xakriabá, já no processo de nomeação de si próprio, que traz o nome da etnia, mas também em variados momentos em que fala sobre sua atuação. “Quando eu estou fotografando, filmando, um ritual, a gente se pintando, a gente, uma pessoa com o cocar. Na verdade, a gente está fortalecendo a nossa cultura, dizendo assim que ‘olha, nós estamos aqui’” (Arte [...], 2022).

Figura 9 – O lugar da cultura na prática e nos corpos

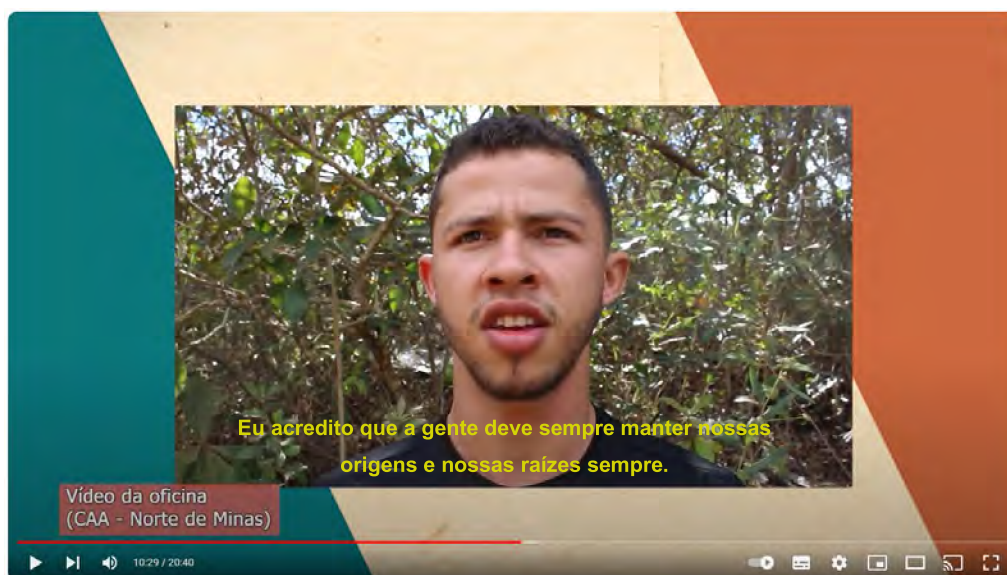


Fonte: Captura de tela<sup>25</sup> (Arte [...], 2022).

<sup>25</sup> As capturas de tela apresentadas neste capítulo ora foram geradas com o recurso de legenda automática do Google, ora por inserção manual da transcrição com a captura de tela. Essa ação se deu devido à geração automática da legenda, que muitas vezes não conseguiu reconhecer variações na pronúncia e palavras. As capturas de tela que tiveram a legenda inserida de forma manual apresentam a letra em amarelo.

Essa identificação é característica de povos indígenas, mas reflete um reconhecimento e afirmação da identidade que foi forjada através da experiência ativada na vida em comunidade. Outro exemplo em que podemos perceber da presença desse “sentimento de pertença” aparece em momentos em que as juventudes reconhecem a importância do saber que é passado de geração em geração. Quando o comunicador Jakson Ferreira diz “Eu acredito que a gente deve sempre manter nossas origens e nossas raízes sempre” (Geração [...], 2020), o reconhecimento da ancestralidade e a atribuição de sentido marcam um fazer parte de algo, que se segue para além da geração a que se pertence hoje.

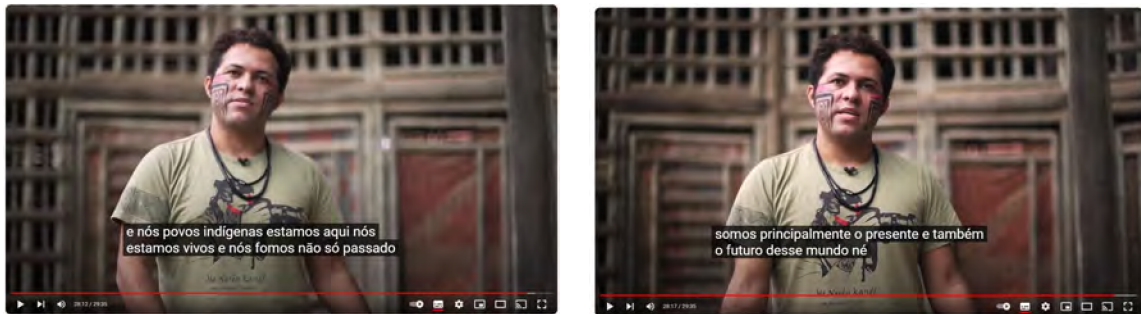
Figura 10 – Orgulho e geração (Jakson Ferreira)



Fonte: Captura de tela - Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas.

Percebemos, assim, a construção de sentido que é realizada no contexto local e que manifesta os contratos estabelecidos no próprio território. Antes de se assumirem como seres comunicantes, esses sujeitos internalizam os processos comunitários que os conectam com quem são. Exemplificamos por meio de outra fala de Edgar Xakriabá: “Nós, povos indígenas, estamos aqui, nós estamos vivos e nós somos não só passado, somos, principalmente, o presente e também o futuro desse mundo” (Arte [...], 2022). Isso é significativo ao analisarmos as práticas comunicacionais, já que o que é divulgado para além do território que ocupam vem carregado de reflexões construídas no próprio local que habitam.

Figura 11 – O lugar do nós



Fonte: Captura de tela (Arte [...], 2022).

Edianilha Ribas (2019) nos faz refletir que esse mostrar para fora é um processo de representar a “real realidade das comunidades”. A jovem comunicadora popular do Alto Rio Pardo exemplifica, como se pode verificar na Figura 12, a influência das oficinas de comunicação no que diz respeito à identidade e à transmissão de conhecimentos tradicionais entre as juventudes.

Figura 12 – Comunicação e identidade



Fonte: Captura de tela – Facebook.

Ao promover a interação, valorizar os saberes locais, empoderar os indivíduos e incentivar a participação ativa na construção da identidade comunitária, é estimulado o sentimento de pertença. Nesse exemplo, o sentimento é gerado através da interação e do diálogo entre diferentes gerações e grupos da comunidade, bem como por meio do contato com os saberes locais e do reconhecimento da realidade a partir da experiência.

### 4.3 AFETAÇÕES: O PROCESSO DE UNIFICAÇÃO DE LUTAS

A unificação de lutas pelo território, principal pauta da Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais (Dayrell, 2019), nos afeta a partir do entendimento de que o território vai além da luta pela terra, sendo também o lugar em que pode emergir a tensão de se fazer ser visto. Assim, diz respeito à conservação dos modos de vida e sua inteira relação estabelecida com a natureza, revelando uma conexão ancestral. Quando falamos de unificação de lutas, queremos evidenciar uma pauta principal que é compartilhada por diferentes grupos étnicos, e que também faz emergirem lutas específicas de cada povo. A pauta do território é uma luta comum entre as comunidades no Norte de Minas e, como nos explica Dayrell (2019, p. 20), se relaciona “com a luta pela autonomia do grupo em gerir o seu destino, tem relação com o reconhecimento do seu lugar de fala, como caboclos e, mais ainda, eles falarem por eles mesmos”.

Figura 13 – O território como lugar que dá a vida



Fonte: Captura de tela – Arte Indígena Contemporânea – Ep. 2: Edgar Kanaykô

Edgar Xakriabá, ao dizer que “o território é a base de tudo aquilo que somos enquanto povo” (Arte [...], 2022), nos traz de volta à reflexão de Dayrell (2019), de que é desse lugar que os movimentos emergem. E “é por esse espaço, tornado lugar de vida, que se torna lugar de fala, deles por eles mesmos. Com seu jeito próprio de falar, de se organizar, de se reconhecerem e, assim, serem reconhecidos” (Dayrell, 2019, p. 24).

#### 4.4 OS IMAGINÁRIOS QUE SE REVELAM ATRAVÉS DO SABERES

Como abordamos no nosso capítulo metodológico, estamos propondo refletir sobre quais são os imaginários que a comunicação produzida pelos comunicadores e comunicadoras revelam. Mobilizamos o conceito de imaginários sociodiscursivos por nos permitir ir além da noção de estereótipos, a qual, como nos explica Procópio (2008, p. 24), abarca “representações sociais mais pontuais, mais cristalizadas na sociedade”. Isto é, os estereótipos são carregados de valores, em sua grande maioria, depreciativos. “A identificação de um determinado tipo de estereótipo em um discurso, por exemplo, irá trazer para aquele discurso toda a carga valorativa que o determinado estereótipo carrega consigo” (Procópio, 2008, p. 31).

Partimos do pressuposto de que os comunicadores e comunicadoras não se prendem a formas de representações estabelecidas por estereótipos divulgados em contextos da grande mídia, pelo contrário, se arriscam em práticas comunicacionais para contrapor concepções já cristalizadas sobre seus modos de vida e territórios.

Ao descrever uma experiência que parte do processo de multiplicação de conhecimento em um outro território, Valdir Dias, comunicador popular geraizeiro, reflete sobre a importância de se comunicar a própria história na prática da comunicação popular:

A comunicação popular, esse fortalecimento das comunidades tradicionais, essa coisa do jovem ser protagonista, mostrar o que eles querem nas suas comunidades. E aqui na Aldeia não foi diferente. Oficina que a gente fez mostrando a militância da juventude, que tá registrando aquilo que eles querem mostrar, com um olhar de valorização cultural, da tradição, porque às vezes a grande mídia deixa de mostrar ou quando mostra, mostra mais o lado do estereótipo. (Oficina [...], 2019).

O comunicador relaciona a comunicação popular com esse protagonismo, mas também revela uma leitura crítica sobre o que é mostrado fora dessa prática.



Figura 14 – Reconhecimento do estereótipo



Fonte: Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre).

Podemos, assim, relacionar esse movimento de reconhecer que existem estereótipos que os rodeiam, com a necessidade de superar uma relação opressora. Como nos explica Paulo Freire (2019, p. 46), “isto implica o reconhecimento crítico, a ‘razão’ desta situação, para que através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais”. Nesse sentido, o *ser mais* representa uma luta pelo reconhecimento de sua humanidade.

Na nossa pesquisa, mobilizar o conceito de imaginários sociodiscursivos, então, é a lente que nos faz ler os discursos assumidos pelos comunicadores e comunicadoras, através das discussões da diferença em que, se o “outro” atribui às comunidades um sentido que não as representa, através da comunicação popular as comunidades podem dizer, elas mesmas, sobre quem são.

Nessa perspectiva, centrada em realizar uma leitura sobre uma ação construída coletivamente e partindo do pressuposto de que os discursos das comunicadoras e comunicadores vêm recheados das representações que circulam no ambiente em que eles estão, nossa análise buscou extrair os indícios, com base nas afetações e naquilo que nos parecia ser

mais relevante, com o objetivo de nos revelar o imaginário que se mostra no discurso desses sujeitos.

Como anteriormente tratado, Charaudeau (2017) nos mostra que os imaginários se estruturam nos saberes de conhecimento e saberes de crença. E, como nos aponta Procópio (2008, p. 25-26), os tipos de saberes se diferenciam a partir da relação que o sujeito estabelece com o mundo.

No caso dos saberes de conhecimento, o mundo se sobrepõe ao homem. É a partir da verificação, provada (no caso dos saberes científicos) ou experimentada (no caso dos saberes de experiência) que um determinado argumento se legitima e se fundamenta. No âmbito dos saberes de crença, a relação homem/mundo é diferenciada: é o homem que se sobrepõe ao mundo, isto é, o julgamento subjetivo sobre os fatos do mundo é que se configura com um saber. Por serem subjetivos, estes julgamentos não podem ser verificados (Procópio, 2008, p. 25-26).

Ainda como nos explica Procópio (2008), no caso dos saberes de conhecimento, podemos classificá-los em científico e de experiência. O primeiro pode ser comprovado a partir de métodos e procedimentos de verificação, enquanto o segundo é expresso a partir da experiência do sujeito com o mundo. Os saberes de crença estão no campo da subjetividade, em que os sujeitos “o fazem por adesão – saberes de revelação – ou por apropriação – saberes de opinião” (Procópio, 2008, p. 26).

A partir dessa reflexão, procuramos olhar para os materiais analisados a fim de identificar os saberes que emergem nos discursos dos comunicadores e comunicadoras. O exercício partiu da transcrição dos vídeos, passando depois à categorização que apresentaremos a seguir. A transcrição dos vídeos e a classificação dos saberes podem ser encontradas no Anexo B.

#### 4.5 SABERES DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Os saberes de conhecimento científico apareceram em 14 trechos, dos seis vídeos analisados, não sendo identificado apenas no primeiro vídeo, intitulado *O Semiárido contado por sua gente*, que retrata a experiência da *Escola de Comunicação Popular do Semiárido Mineiro – Vida e Vozes dos Povos do Sertão*.

Tabela 3 – Trechos que evidenciam saberes de conhecimento científico

Vídeo	Duração total	Ocorrência	Trecho
<i>O Semiárido contado por sua gente</i>	25'36'' <sup>26</sup>	0	-
<i>2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo</i>	6'24''	1	1'14'' - 1'21''
<i>Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykô</i>	29'33	5	00'46'' - 00'55''
			10'59'' - 11'08''
			12'34'' - 13'03''
			14'02'' - 14'33''
			24'46'' - 25'17''
<i>Edgar Kanaykô</i>	13'10''	3	01'33'' - 01'57''
			03'15 - 03'27''
			10'22 - 10'32''
<i>Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas</i>	20'38''	4	00'17'' - 00'36''
			01'24'' - 02'25''
			04'30'' - 05'13''
			06'31'' - 06'54''
<i>Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre)</i>	04'38''	1	00'34'' - 00'38''

Fonte: Elaboração da autora.

Os saberes de conhecimento científico expressam, principalmente, a localização geográfica do lugar em que vivem ou em que estão, como no caso do último vídeo. Esse tipo de saber também se evidencia no momento em que o comunicador indígena Edgar Xakriabá traz informações sobre palavras na língua materna do seu povo, como também quando realiza o resgate histórico dos povos originários. Consideramos, para essa classificação, a compreensão de que esses saberes podem ser comprovados por procedimentos de verificação científica – por exemplo, ao observarmos um mapa, é possível confirmar a localização geográfica apontada pelos sujeitos.

<sup>26</sup> A duração completa do vídeo documentário corresponde a 25'36'', mas o trecho analisado, com o recorte do norte de Minas Gerais, tem a duração de 04'10''.

Figura 15 – Resistência indígena



Fonte: Captura de tela (Arte [...], 2022).

Também foi possível perceber, na fala dos comunicadores e comunicadoras, a apropriação de técnicas de fotografia, revelando um saber científico acerca do uso da tecnologia. A absorção desse conhecimento revela um processo de organização, que demonstra o interesse em exercer uma prática qualificada, em que a técnica também se mostra relevante.

Ao buscar identificar os saberes científicos no texto, nós nos deparamos com os processos de formação acadêmica e escolar que os comunicadores vivenciaram. Edgar cumpriu o ensino regular na própria comunidade e, na pós-graduação, apresentou como trabalho de conclusão do mestrado uma dissertação sobre seu fazer etnográfico, uma pesquisa científica que valida e expressa o cotidiano em que está inserido. Valdir Dias, comunicador geraizeiro, trouxe a experiência da licenciatura em educação no campo, um processo que aplica a metodologia da alternância para gerar conhecimento científico sem abrir mão do saber popular.

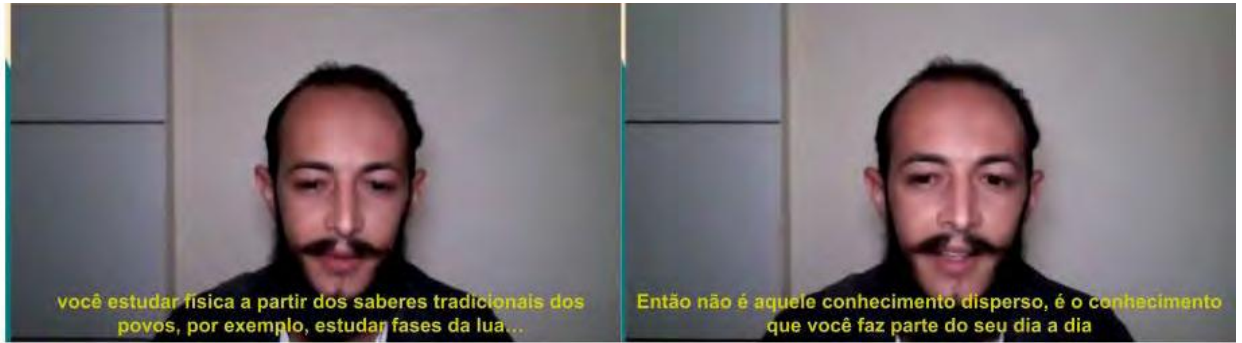
Nesse sentido, percebe-se um alinhamento entre os saberes científicos e de experiência, uma conexão que se expressa na manifestação do conhecimento.

#### 4.6 SABERES DE CONHECIMENTO DE EXPERIÊNCIA

Os saberes de experiência constituem a categorização mais presente nos discursos analisados no nosso material. Esses saberes apareceram em 51 trechos e revelam o quanto a

experiência, seja na prática de fazeres comunicacionais, seja no convívio em comunidade, é significativa para esses povos.

Figura 16 – O conhecimento afirmado na experiência



Fonte: Captura de tela (Geração [...], 2021).

Ao refletir sobre o lugar da experiência no aprendizado e no engajamento social, Valdir Dias expressa a possibilidade de atribuir um sentido às lutas de sua comunidade e sentir-se parte, a partir da vivência do que se aprende no cotidiano. Esse exemplo revela uma característica do modo de viver dos Gerais, em que a experiência é um marcador presente no contexto de organização e fortalecimento de processos coletivos.

Além disso, na nossa análise também foi possível perceber que os trechos identificados como saberes de experiência marcam um maior desenvolvimento dos argumentos, apresentando, assim, trechos com maior duração.

Tabela 4 – Trechos que evidenciam saberes de conhecimento de experiência

Vídeo	Duração total	Ocorrência	Trecho
<i>O Semiárido contado por sua gente</i>	25'36''	3	11'25'' - 11'37''
			11'51'' - 12'17''
			13'57 - 14'36''
<i>2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo</i>	6'24''	3	01'35'' - 01'39''
			02'16'' - 02'35''
			04'40'' - 05'53'
<i>Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykô</i>	29'33	16	01'12'' - 01'49
			01'59'' - 2'24''
			02'35 - 02'52''
			05'33 - 06'42'

			06'42" - 07'09"
			00'11" - 11'33"
			13'04" - 14'02"
			15'26" - 16'06"
			16'14" - 16'55"
			17'10" - 17'46"
			20'10" - 20'29"
			20'49" - 20'59"
			21'10" - 21'49"
			25'59" - 26'08"
			26'29" - 27'18"
			27'41" - 27'51"
<i>Edgar Kanaykô</i>	13'10"	7	00'18" - 00'29"
			01'57" - 02'13"
			02'14" - 03'06"
			05'33" - 05'48"
			06'02" - 06'46"
			08'03" - 08'50"
			10'33" - 12'15"
<i>Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas</i>	20'38"	18	00'53" - 01'07"
			02'25" - 02'44"
			04'05" - 04'30"
			05'13" - 05'27"
			05'46" - 06'31"
			07'09" - 07'39"
			09'44" - 10'12"
			11'06" - 11'39"
			11'40" - 11'54"
			12'21" - 12'33"
			12'34" - 13'26"
			13'27" - 13'37"
			13'38" - 13'49"
			13'49" - 14'05"
			14'12" - 14'43"

			14'43'' - 15'07''
			15'07'' - 16'34''
			18'35'' - 19'56''
<i>Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre)</i>	04'38''	4	00'49'' - 01'27''
			02'04'' - 02'26''
			03'26'' - 03'49''
			04'02 - 04'18''

Fonte: Elaboração da autora.

Através dos saberes de experiências, os comunicadores e comunicadoras descrevem principalmente o lugar em que vivem e como a prática da comunicação gera influência para enxergarem a sua realidade através de um olhar mais terno, ou, como tratamos no início deste trabalho, na perspectiva do *bem-querer*. Nesse sentido, percebemos também a influência do que é passado de geração em geração na construção de um saber de experiência.

A partir da valorização do que é apresentado pelas pessoas mais velhas das comunidades, os comunicadores e comunicadoras se desafiam a experienciar a luta comunitária e, assim, a construir os saberes a partir do próprio modo de habitar e conviver com o território.

Figura 17 – Experiência compartilhada através dos mais velhos e juventude



Fonte: Captura de tela - (Arte [...], 2022), à esquerda, e (Geração [...], 2021), à direita.

Nos exemplos acima, percebemos a construção de um olhar sobre o território que é compartilhado pelos mais velhos com as juventudes. Não se trata apenas de uma opinião ou de um saber de adesão, que é compartilhada e seguida sem questionamentos, mas de um jeito orientado de perceber o mundo, através de um sentido atribuído coletivamente e comprovado através da experiência do sujeito. Especialmente, no vídeo *Arte Indígena Contemporânea - Ep.*

2: *Edgar Kanaykõ*, o fotógrafo fala sobre a divisão das estações a partir do *tempo das águas* e do *tempo da seca* e, no momento em que era feito o registro, chovia, por isso caracterizou aquele momento como tempo das águas. Dessa forma, podemos considerar que essa atribuição de sentido estabelecida através do saber de experiência é capaz de subverter um saber científico.

Os saberes de experiência também nos apontam a maneira como as comunidades passaram a lidar com o uso de tecnologias e a enxergar a comunicação como uma estratégia de luta, que fortalece a capacidade cultural das comunidades, defende direitos e enfrenta os desafios impostos socialmente. Dessa forma, as comunidades passam a ver a comunicação como uma maneira de negociar os sentidos que são atribuídos acerca de suas identidades. Se com a chegada da energia elétrica no território Xakriabá, por exemplo, havia um receio da tecnologia sobrepor a cultura, com a prática e a apropriação dos avanços tecnológicos se verificou o impacto de produzirem eles mesmos as próprias narrativas.

Em um dos vídeos, é possível encontrar o que se acredita ser o resultado de se experienciar a comunicação popular. A partir da prática, Valdir Dias reflete: “A comunicação popular tem esse poder de comunicar e de transmitir amor ao seu território. Nós que somos os próprios protagonistas, não é quem vem de fora que vem contar nossas histórias” (Geração [...], 2021). Trata-se de um processo de reconhecimento de que há um discurso circulante fora das comunidades e, por isso, há a necessidade de fortalecer um discurso construído no próprio território. Nesse sentido, mais uma vez é evidenciado o empoderamento desses sujeitos, fortalecido a partir da possibilidade de se localizarem como responsáveis pelas operações discursivas e negociadas no contexto em que vivem.



Figura 18 – Transformação no olhar da juventude



Fonte: Captura de tela (Geração [...], 2021).

A comunicação popular também é vista como uma forma de mobilizar a juventude a se envolver nos processos de organização da própria comunidade. Isso fica mais evidente nos vídeos que registram as experiências dos comunicadores geraizeiros.

Figura 19 – Mobilização e envolvimento das juventudes



Fonte: Captura de tela (Geração [...], 2021).

Em diferentes trechos, foi possível notar como o uso de tecnologias é a estratégia utilizada para envolver a juventude na comunidade, bem como para fortalecer uma ligação comunitária e o reconhecimento enquanto povo tradicional.

#### 4.7 SABERES DE CRENÇA DE REVELAÇÃO

A ocorrência de saberes de crença de revelação se manifestou através de trechos nos quais se percebe uma verdade enraizada no sujeito, mas sem que seja possível trazer à tona sua verificação. Esse saber revela-se, especialmente, na espiritualidade e apareceu nos materiais analisados a partir de uma relação em que a fotografia é compreendida como reflexo da alma. Esse tipo de saber apareceu em três dos seis vídeos analisados, em 8 trechos.

Tabela 5 – Trechos que evidenciam saberes de crença de revelação

Vídeo	Duração total	Ocorrência	Trecho
<i>O Semiárido contado por sua gente</i>	25'36''	0	-
<i>2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo</i>	6'24''	0	-
<i>Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykô</i>	29'33	4	07'28'' - 07'21''
			09'37'' - 10'12''
			11'33'' - 12'32''
			18'37'' - 19'24''
<i>Edgar Kanaykô</i>	13'10''	3	03'06'' - 03'15''
			03'28'' - 04'10''
			09'51 - 09'58
<i>Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas</i>	20'38''	1	17'37'' - 18'13'
<i>Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre)</i>	04'38''	0	-

Fonte: Elaboração da autora.

Os comunicadores associam o fato de capturar uma imagem com perceber a alma da pessoa que foi fotografada e, no caso dos povos indígenas, os espíritos presentes em um ritual. Podemos perceber isso nos trechos extraídos e evidenciados na Figura 20.

Figura 20 – O mundo espiritual por trás da imagem



Fonte: Captura de tela - (Geração [...], 2021), à esquerda, e (Arte [...], 2022), à direita.

Em outro trecho, Edgar Xakriabá ainda evidencia essa relação entre mundos: “quando a gente está capturando a imagem de uma pessoa, de certa forma está carregando o seu próprio corpo e espírito junto, né?” (Edgar [...], 2022). Consideramos esses trechos como saber de revelação pelo lugar sagrado que esse imaginário ocupa no discursos dos povos.

Os saberes de revelação também aparecem em momentos em que Edgar Xakriabá apresenta momentos de ancestralidade e espiritualidade de seu povo. Esse lugar do sagrado carrega muitos significados para os povos indígenas, expressando sentidos atribuídos no contexto de identidade e cultura.

Com esse entendimento, esses saberes explicitam uma “verdade exterior ao sujeito” (Procópio, 2008, p. 27). Para esses povos, “são os mais velhos que orientam o que pode ser dito e mostrado, para dentro ou para fora, são principalmente os pajés, aqueles que detém o poder de mediar essa constante relação com o visível e invisível” (Corrêa, 2019, p. 90-91).

Em outras palavras, o que Corrêa (2019) nos explica é um sentido transmitido e justificado pela noção de ancestralidade. O processo de avaliação parte de um conhecimento cósmico e que se confere pela confiança e credibilidade que as figuras espirituais desses povos transmitem.

#### 4.8 SABERES DE CRENÇA DE OPINIÃO

Os vídeos analisados apresentam em diferentes trechos a narração de momentos em que os comunicadores e comunicadoras estiveram envolvidos em práticas comunicacionais. Aquilo que refletia argumentos constituídos e justificados a partir da experiência, classificamos como saberes de conhecimento de experiência. Já em momentos em que o subjetivo e a visão pessoal dos sujeitos se sobrepõem ao mundo, classificamos como saberes de crença de opinião. Os

saberes de opinião aparecem em argumentos que “partem do julgamento e opinião de um determinado sujeito. São construídos por motivações diferenciadas: necessidade, probabilidade, verossimilhança, confronto entre razão e emoção, etc.” (Procópio, 2008, p. 28). Assim, percebemos a ocorrência desses saberes em 11 trechos.

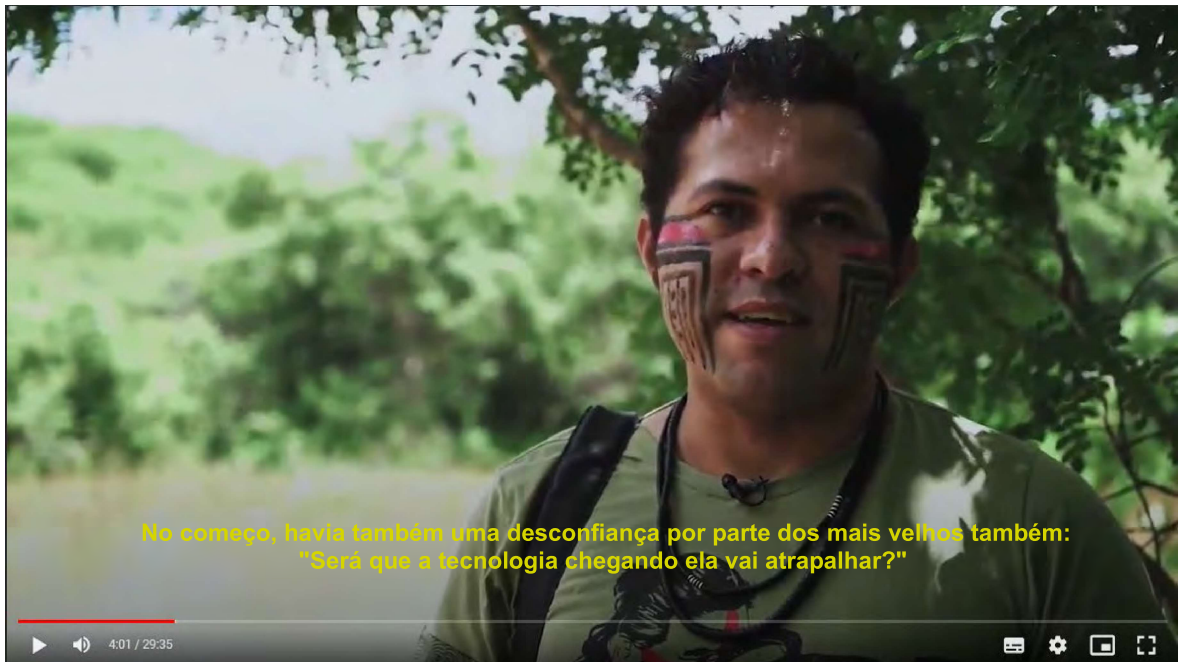
Tabela 6 – Trechos que evidenciam saberes de crença de opinião

Vídeo	Duração total	Ocorrência	Trecho
<i>O Semiárido contado por sua gente</i>	25'36''	0	-
<i>2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo</i>	6'24''	1	02'51'' - 03'05''
<i>Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykô</i>	29'33	2	03'55'' - 04'05''
			22'46'' - 24'36''
<i>Edgar Kanaykô</i>	13'10''	1	09'06'' - 09'37''
<i>Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas</i>	20'38''	6	10'21'' - 10'30''
			11'54'' - 12'16''
			12'17'' - 12'20''
			14'06'' - 14'12''
			16'42'' - 17'37''
			18'13'' - 18'46''
<i>Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre)</i>	04'38''	1	03'50'' - 03'57''

Fonte: Elaboração da autora.

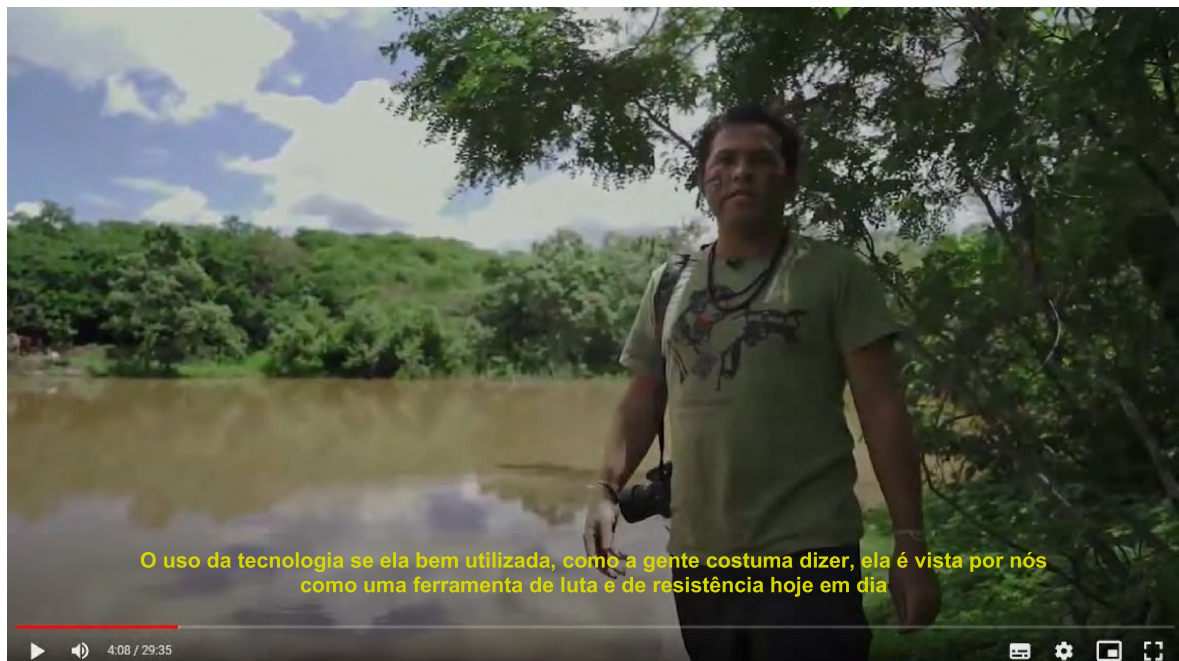
A partir dessas reflexões, identificamos que esse tipo de saber é mobilizado para expressar a opinião sobre determinada atividade ou até mesmo para apresentar uma ideia inicial (Figura 21) que foi desconstruída com a experiência (Figura 22).

Figura 21 – Saber de opinião



Fonte: Captura de tela (Arte [...], 2022).

Figura 22 – Saber de experiência seguido do saber de opinião



Fonte: Captura de tela (Arte [...], 2022).

Essencialmente, os saberes de opinião são caracterizados pela subjetividade e pela interpretação pessoal dos fatos, eventos ou fenômenos culturais, refletindo as crenças, valores e perspectivas individuais ou coletivas dos sujeitos. Por exemplo, quando se fala sobre artistas

indígenas sendo valorizados devido à luta dos povos indígenas, isso é uma interpretação da realidade cultural e artística. Nesse sentido, também é possível perceber atribuição de valores nos trechos analisados.

#### 4.9 NOSSA VISÃO X A VISÃO DO OUTRO: IMAGINÁRIOS MARCADOS PELA DIFERENÇA

Com base na identificação dos saberes e nas reflexões sobre os vídeos analisados, partimos na tentativa de identificar quais imaginários circulam no exercício de comunicar por parte dos comunicadores e comunicadoras populares, com a finalidade de identificar os anúncios e denúncias que o material analisado nos aponta. Dessa forma, percebemos dois percursos que se evidenciam na prática da comunicação popular: um consiste na conservação da cultura dentro do próprio território, o outro parte de se apresentar através do olhar gerado dentro da comunidade. Em ambos os caminhos, os comunicadores e comunicadoras se veem na contramão de processos já instaurados. Enquanto a sociedade moderna tenta implementar um único modo de ser, um único desenvolvimento possível (Mafra, 2022), as comunidades tradicionais se organizam para fazerem circular as práticas que os fazem resistir e existir em seus territórios há milhares de anos. Esse movimento consiste em “construir alternativas ao desenvolvimento, rechaçando, como ponto de partida, o rótulo de ‘subdesenvolvidos’; e reconhecendo, recuperando os próprios saberes e as múltiplas cosmovisões que existem” (Lang, 2016, p. 315).

A ideia de progresso, por exemplo, na ótica de um desenvolvimento urbanizado, não condiz com a conservação das florestas e biomas – e para esses povos não há desenvolvimento que justifique a destruição dos rios e das matas. Enquanto os ideais que circulam nos meios de comunicação reforçam a visão de um sujeito universal, a cultura é o elo que mantém a conexão com o território, quando se tem a necessidade de sair dele. Ao se afirmarem enquanto povo, fazem ecoar um processo de reflexão que os difere, mas principalmente, os caracteriza. Essa diferença é crucial na luta por políticas públicas, na manutenção dos modos de vida e no reconhecimento das pessoas que fazem parte dessas populações como sujeitos de direitos.

A nossa escolha de análise não trouxe para o campo de investigação, especificamente, conteúdos produzidos pelos comunicadores sobre atividades realizadas em suas comunidades ou materiais com a finalidade de denunciar violações de direitos ou anunciar os seus posicionamentos, mas sim peças audiovisuais que refletissem a sua prática e o sentido que os mobilizam a produzir conteúdos. Podemos dizer que os materiais nos permitiram ter uma visão

política do contexto comunicacional, mas também evidenciaram sinais da prática que esses sujeitos operam.

Nesse sentido, a partir das reflexões acerca da emergência comunicacional da diferença (Mafra; Generoso; Procópio, 2023), levantadas no capítulo 2 deste trabalho, aliadas com as reflexões de Paulo Freire (1997), em que refletir sobre a realidade envolve desenvolver pensamentos que denunciam o modo em que se é vivido, ao mesmo tempo que anuncia um outro mundo possível, percebemos que os anúncios que identificamos são mobilizados a partir de denúncias, que funcionam como questionamentos do contexto em que estão inseridos. Dessa forma, é possível identificar uma interdependência, em que o anúncio decorre da denúncia.

Em outras palavras, ao expor as injustiças e desigualdades, por exemplo, os anúncios que surgem a partir dessas denúncias inspiram ações e mobilizam mudanças. Ao reconhecermos a relação entre denúncia e anúncio, estamos também reconhecendo um movimento de negociação necessário na atribuição de sentidos.

Tabela 7 – Comparativos dos anúncios e denúncias

<b>Anúncios</b>	<b>Denúncias</b>
O território tradicional	Projetos desenvolvimentistas
Identidade e o lugar das tradições	Sujeito universal
Sociedade civil organizada	Estereótipos sobre as comunidades

Fonte: Elaboração da autora.

Ao falarem sobre o território tradicional em que vivem e a relação com ele estabelecida, denunciam projetos desenvolvimentistas que ameaçam seus modos de vida. Para os povos e comunidades tradicionais, o território não é apenas um espaço físico, está ligado à sua identidade, cultura, subsistência e relação emocional e espiritual. Nesse sentido, anunciam um outro jeito de se relacionar com lugar e em comunidade, assim como revelam práticas de conservação e de proteção ao meio ambiente. Projetos como empreendimentos minerários, com base na exploração de recursos naturais e monoculturas, por exemplo, podem resultar na degradação do meio ambiente, na aceleração das mudanças climáticas, na contaminação de recursos naturais essenciais e na interrupção dos padrões tradicionais de subsistência. Dessa forma, ao denunciarem esses projetos, os povos e comunidades tradicionais estão defendendo e anunciando o direito à terra, o modo de vida, a cultura e a sobrevivência das pessoas e animais que habitam o território, bem como da sociedade em geral.

Ao afirmarem a própria identidade e refletirem sobre o lugar das tradições, denunciam a ideia de um sujeito universal. Nesse sentido, mobilizam-se contra uma visão homogeneizante que tende a privilegiar apenas uma perspectiva cultural dominante, muitas vezes ocidentalizada. Anunciam sua existência e a do seu contexto cultural, sobrepondo uma ideia de que as populações às quais pertencem ficaram no passado. Desafiam estereótipos e preconceitos, reivindicando seu lugar como agentes ativos na construção de uma sociedade culturalmente diversa e inclusiva, como também uma sociedade capaz de olhar para as diferenças com a intenção de desenvolver oportunidades de direitos e construir alternativas ao desenvolvimento.

Ao evidenciarem o papel das associações, coletivos, grupos e organizações, como forma de mobilizar ações no seio das comunidades, evidenciam a articulação e a capacidade política, que as comunidades protagonizam no enfrentamento aos estereótipos que circulam no que diz respeito às suas capacidades e à conservação dos modos de vida. Ao evidenciarem essa articulação, os povos tradicionais se mostram capazes de se organizarem em prol de seus interesses, demonstram que são agentes ativos e conscientes, organizados e mobilizados para enfrentar os desafios que os atingem, sejam eles projetos de desenvolvimento que ameaçam suas terras e recursos naturais, sejam estereótipos que os desvalorizam ou marginalizam.

De forma geral, a partir dessas reflexões, percebemos que os anúncios que emergem a partir das denúncias visam garantir direitos humanos e direitos da natureza. Tal prática revela uma intencionalidade de superação de desigualdade e descolonização. De acordo com os escritos de Acosta (2016), podemos relacionar esse movimento realizado pelas comunidades do Norte de Minas com o debate sobre o Bem Viver, em que a atribuição de sentidos reveladas através de grupos minorizados projeta-se como uma oportunidade de construir uma sociedade harmônica entre os seres humanos e a natureza, com base na convivência e na libertação da opressão.

#### 4.10 CICLO DA COMUNICAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DO NORTE DE MINAS

No contexto analisado, em que jovens protagonizam a prática da comunicação popular, observamos que o compromisso em assumir o papel de contar a própria história, falar por si mesmo, representa os acordos firmados no território que habitam, envolvendo não deixar desaparecer a trajetória de luta de anciões, além de demarcar um posicionamento de que vivem em um lugar habitável, de vida, cultura e com sustento. Isso sem deixar de reconhecer os desafios e as consequências que projetos desenvolvimentistas carregam ao quererem avançar pelos Gerais. Essas práticas, as quais nomeamos de anúncios e denúncias, revelam um



compromisso com a luta comum travada a partir de uma significação atribuída de forma coletiva, popular e negociada entre os sujeitos do mesmo território.

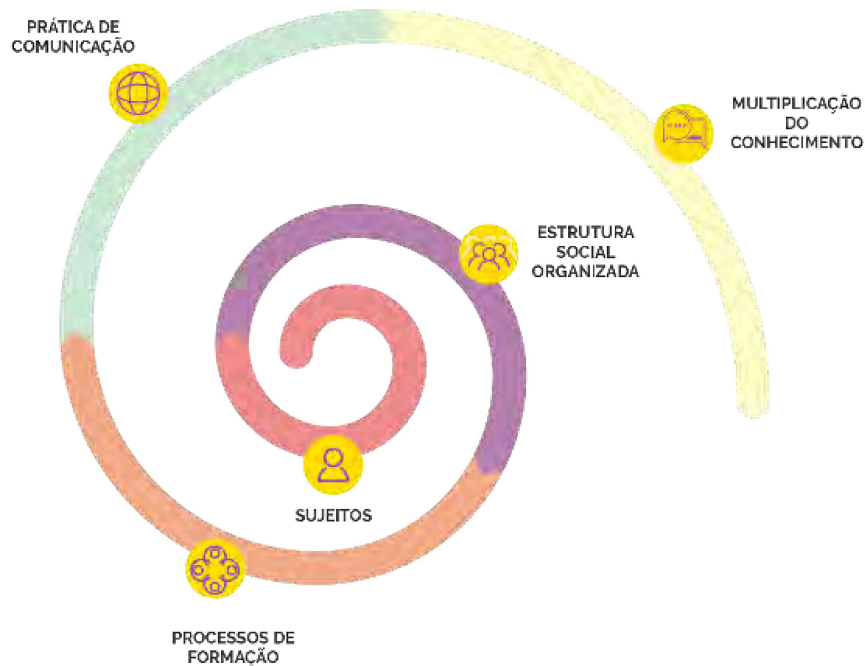
Em uma perspectiva semiolinguística, segundo Patrick Charaudeau (2005), podemos encarar esse fenômeno como parte de um processo de transação, em que o princípio de alteridade é o que legitima um aspecto contratual, presente em todo ato de comunicação, em que um sujeito comunicante e um sujeito interpretante estabelecem uma troca, podendo se reconhecer como semelhantes ou diferentes. Nesse caso, os comunicadores, ao se envolverem na luta coletiva, acionam esse princípio, como também o de pertinência, ao reconhecerem o contexto em que vivem, o de influência, ao serem afetados a orientar seu pensamento e sua prática, e o de regulação, porque a partir desse processo, em que não são meros sujeitos interpretantes, também carregam seus jeitos e modos de transmitir a linguagem.

Esse processo de transação se inicia depois de um processo de transformação, que segundo Charaudeau (2005) consiste nos seguintes aspectos:

a identificação, pois é necessário apreender no mundo fenomênico os seres materiais ou ideais, reais ou imaginários, conceitualizá-los e nomeá-los para que se possa falar deles [...] a qualificação, pois estes seres têm propriedades, características que, a um só tempo, os discriminam, os especificam e motivam sua maneira de ser. [...] a ação, pois estes seres agem ou sofrem a ação, inscrevendo-se em esquemas de ação conceitualizados que lhes conferem uma razão de ser, ao fazer alguma coisa. [...] a causação, pois estes seres, com suas qualidades, agem ou sofrem a ação em razão de certos motivos (humanos ou não humanos) que os inscrevem numa cadeia de causalidade.

Nesse sentido, procuramos descrever um ciclo da comunicação popular. Começamos por um sujeito que ao se reconhecer como sujeito, passa a se envolver em estruturas sociais organizadas (associações, organizações não governamentais, coletivos, grupos, etc.), seguindo por um processo formativo, em que começa a exercer práticas de comunicação e depois a afetar outros sujeitos que pertencem ou estão ao redor da mesma estrutura social organizada, construindo em conjunto momentos de formação, através da multiplicação do conhecimento ou da reprodução dos processos de comunicação popular que vivenciaram. Ao alimentar esse movimento circular, continuam se reconhecendo como sujeitos, mantém a presença nas estruturas organizadas e, assim, afeta outros sujeitos a percorrerem o mesmo caminho.

Figura 23 – Ciclo da comunicação popular



Fonte: Elaboração da autora.

Perceber esse ciclo, mobilizando as discussões de imaginários sociodiscursivos, nos revela que o contexto coletivo de organização social influencia as práticas de comunicação. Como nos apontam Procópio e Vieira Filho (2020, p. 102), “os imaginários circulam em grupos sociais e são produzidos integrando elementos de ordens afetivas e racionais”. O material analisado, apesar de trazer a singularidade de cada sujeito – no momento em que se apresentam, por exemplo – faz-nos perceber a intencionalidade de construir um sentido para o território, assim como o sentido atribuído às lutas assumidas, que são forjadas junto a outras pessoas.

Essa observação pode motivar outras pesquisas dentro desse campo. Fatores como a organização comunitária, a cooperação e o financiamento de formação em comunicação e cultura, a promoção do protagonismo da juventude, o acesso a redes de telecomunicações e mídias, bem como o cenário de democratização da comunicação, podem gerar lentes para aprofundar na investigação do contexto comunicacional do Norte de Minas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado procurou descrever e analisar o contexto comunicacional do Norte de Minas, a partir da dinâmica de produção de narrativas de comunicadores e comunicadoras populares. Para isso, construímos um percurso para mapear indícios, mobilizando conceitos que nos permitissem ter o campo da comunicação como centro norteador.

Nossos objetivos específicos foram: (i) levantar sujeitos e organizações da sociedade civil envolvidos nas produções de comunicação popular; (ii) caracterizar os anúncios e denúncias realizados pelos comunicadores populares, relacionando-os à emergência de imaginários sociodiscursivos da diferença; e (iii) refletir sobre a comunicação popular como estratégia de luta no contexto comunicacional contemporâneo e midiático.

Como hipóteses deste trabalho, partimos da suposição de que a identidade de comunicadores e comunicadoras é um fator decisivo no processo comunicacional emergente. Acreditávamos que a ligação com o território e a resistência às imposições do contexto contemporâneo podem fazer com que esses e essas agentes se apropriem das tecnologias de comunicação e suas ferramentas para desenvolver outras narrativas, no intuito de construir imaginários sobre si, como sujeitos, mas também sobre seus territórios.

Com a nossa análise foi possível comprovar a hipótese, uma vez que percebemos que a atuação desses sujeitos é impulsionada por um processo de organização comunitária que a partir do reconhecimento de um sujeito, como sujeito de direito, incentiva à participação em momentos formativos de comunicação. Acreditamos que é nesses momentos que os sujeitos fortalecem a integração em ações coletivas promovidas por suas comunidades e, a partir desse início, passam a atuar como comunicadoras e comunicadores. É também nessas formações que esses indivíduos ressignificam os modos de enxergarem o próprio ambiente em que vivem, assumindo um papel político ao refletirem sobre as significações que rodeiam seus territórios e, principalmente, sobre a relação com a identidade que carregam.

A análise dos indícios levantados oportunizou a identificação desse ciclo da comunicação popular. Enxergar esse percurso, desde a mobilização das juventudes, até o envolvimento das mesmas nos processos comunitários, nos provoca a construir reflexões sobre o quão importante é essa organização para garantir a continuidade das práticas comunicacionais por parte dos comunicadores e comunicadoras. É preciso criar condições para que elas existam, a partir de formações, mas principalmente pelo estabelecimento de um elo entre os jovens e essas estruturas, para que a prática e o processo político que os envolvem sejam constantes e continuados. Avaliamos também, a partir de falas sobre a geração de trabalho, que, quando a comunicação popular se torna uma possibilidade de gerar renda para os comunicadores e comunicadoras, ela se torna uma prática continuada. Nesse sentido, é preciso pensar em formas de promover o protagonismo das juventudes, garantindo estrutura e estratégias de subsistência para esse grupo. Na nossa reflexão, o processo de acompanhamento dos sujeitos e envolvimento nas ações comunitárias é a resposta para o fortalecimento de referências no âmbito da comunicação popular regional.

Olhando para nossa metodologia, haveria outros caminhos que poderiam ser seguidos para cumprir o objetivo geral de descrever e analisar o contexto comunicacional do Norte de Minas. No entanto, consideramos que o percurso adotado permitiu observar esse contexto por um ângulo que nos revelasse a relação prática das comunidades com as plataformas digitais, o que nos condiciona a refletir que esse processo precisa ser potencializado, já que, como colocado anteriormente, dois grupos de povos se destacaram a partir do levantamento dos indícios.

Dessa forma, assim como as comunidades geraizeiras e indígenas se destacam neste cenário, com pessoas de referências consolidadas, nas pistas levantadas, como mostramos na Figura 7 do processo de coleta de indícios e ligação das pistas, outros nomes também se revelaram, confirmando uma atuação diversa no campo da comunicação popular no Norte de Minas e nos fazendo alcançar o objetivo específico de mapear alguns dos comunicadores e comunicadoras que atuam no contexto regional.

Nos vídeos que nos fizeram olhar para a perspectiva indígena, Edgar Xakriabá foi o comunicador que se destacou na nossa pesquisa. Contudo, em nenhum dos vídeos ele se identifica como comunicador popular. Apesar disso, consideramos que sua atuação está relacionada com práticas de comunicação popular, e a ligação com as pistas que trouxeram seu nome como um sujeito desse contexto comunicacional justifica o seguimento da nossa investigação de conteúdos relacionados com seu processo de comunicação. Olhar para o

trabalho realizado por Edgar, inserido nesse contexto, inspira e explicita a potência da comunicação para comunidades minorizadas.

A partir das reflexões levantadas, fica claro que o empoderamento dos povos tradicionais através do protagonismo proporcionado pela prática da comunicação e pela utilização da tecnologia, é um movimento urgente e transformador. Ao assumir o controle sobre os sentidos que circulam sobre suas histórias, essas comunidades reivindicam não apenas seu direito a serem reconhecidas, mas também sua capacidade de influenciar a percepção externa sobre suas realidades.

O uso das tecnologias digitais e das plataformas *online* como ferramentas de comunicação representa uma estratégia para os povos tradicionais fazerem circular os significados que eles próprios atribuem às suas experiências e vivências. Essa apropriação da prática comunicacional permite que essas comunidades assumam uma postura de protagonismo e expressem sua identidade cultural, desafiando narrativas coloniais e estereotipadas que historicamente prevalecem.

Nesse sentido, o movimento em direção ao protagonismo na produção de imagens, vídeos e outros conteúdos midiáticos não só fortalece a autonomia dessas comunidades, mas também promove uma maior compreensão de sua cultura para além do chão em que pisam. Portanto, reconhecer e identificar essas iniciativas faz ecoar as vozes dos povos, respeitando a forma como querem ser vistos.

Em última análise, a busca pelo controle sobre a própria narrativa não é apenas uma questão de representação, mas também de direito. É através desse movimento que os povos tradicionais afirmam sua capacidade de moldar ativamente o curso de sua própria realidade, evidenciando, através dos anúncios e denúncias, que são sujeitos de suas próprias histórias.

## REFERÊNCIAS

2º MÓDULO da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Bem Diverso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IF1E4QHZ1GQ>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária: Elefante, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADORNO, Theodor. Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas *In*: ADORNO, Theodor L. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113- 156.

ANAYA, Felisa. **De “encurralados pelos parques” a “Vazanteiros em movimento”**: as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Légua e Quilombola da Lapinha no campo ambiental. 2012. 255f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

ANGOLA, Catarina de; CRUZ, Fernanda; MACEDO, Elka; NOGUEIRA, Gleiceane; MAGNO, Carlos. **Sistematização de experiências na promoção da convivência com o Semiárido**: a experiência da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). ASA Brasil, 2017. Disponível em: [https://www.asabrasil.org.br/noticias?artigo\\_id=10335](https://www.asabrasil.org.br/noticias?artigo_id=10335). Acesso em: 15 dez. 2022.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARTE Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykõ. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (29 min). Publicado pelo canal Instituto Cultural Vale. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CxK7TyxzZHA>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ARTICULAÇÃO Semiárido lança novo portal com informações sobre Semiárido brasileiro. **Articulação Nacional de Agroecologia**, 16 de novembro de 2015. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2015/11/16/articulacao-semiarido-lanca-novo-portal-com-informacoes-sobre-semiarido-brasileiro/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação**. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In*: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. *E-book*. p. 29-52. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/k64dr>. Acesso em 25 abr. 2024.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRAGA, José Luiz. Instituições & midiatização – um olhar comunicacional. *In*: FERREIRA, Jairo *et al.* (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?** Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 291-311.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 288–296, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37542>. Acesso em: 11 dez. 2022.

BRAH, Avitah. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 26, p. 329-376, jan. 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. *In*: UDRY, Consolación & EIDT, Jane Simoni (Orgs.). **Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal**. Brasília: EMBRAPA, 2015. p. 21-101. (Coleção Povos e Comunidades tradicionais, vol. 1)

BROCHARDT, Viviane dos Santos. **Comunicação popular na construção de políticas de acesso à água no Semiárido: a experiência da ASA**. 2013. 231 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CARNEIRO, Amanda Cristina; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA ATRAVÉS DOS RELATOS DO PROJETO SP INVISÍVEL. **Revista Anagrama**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/145629>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim**, [S. l.], v. 10, p. 1-23, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. *In*: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. **Análises do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010a. p. 57-78. vol. 3.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/857/433>. Acesso em: 02 jan. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. *In*: PAULA, Luciene de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: EDUFU, 2010b. p. 161-180. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em 11 abr. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In*: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CIMOS – Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais. **Direitos de povos e comunidades tradicionais de Minas Gerais**. Ministério Público de Minas Gerais, 2015.

CORREIA, Edgar Nunes. **Etnovisão: O olhar Indígena que atravessa a lente**. 2019. 128f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

COSTA, João Batista de Almeida. Minas Gerais na contemporaneidade: identidade fragmentada, a diversidade e as fronteiras regionais. **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, v. 11, n. 16, p. 117-137, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/1263>. Acesso em: 15 out. 2022.

COSTA, João Batista de Almeida. **Norte de Minas: cultura catrumana, suas gentes, razão liminar**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2021.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

CUSTÓDIO, Leonardo. O caráter decolonial da comunicação popular: Midiativismo de favela contra o Covid-19. **Revista de Comunicação Dialógica**, [S. l.], n. 5, p. 31-47, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rcd/article/view/59663>. Acesso em: 15 abr. 2023.

DANTAS, José Carlos. **A geografia dos conflitos territoriais no semiárido brasileiro**. 2021. 286 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2021.

DAYRELL, Carlos Alberto. **De nativos e de caboclos: reconfiguração do poder de representação de comunidades que lutam pelo lugar**. 2019. 449 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.

DAYRELL, C. A. **Geraizeiros e biodiversidade no norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Internacional de Andalucia, Sede Ibero Americana de La Rábida, setembro de 1998.

DAYRELL, C. A. **Os geraizeiros descem a serra ou a agricultura de quem não aparece nos relatórios dos agrobusinesses**. In: LUZ, C; DAYRELL, C.A.A. Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade. Goiânia, Agência Ambiental de Goiás. 2000.

EDGAR Kanaykô. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal SescTV. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=i-vjb7\\_noTA](https://www.youtube.com/watch?v=i-vjb7_noTA). Acesso em: 25 abr. 2024.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. **C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, [S. l.], n. 05, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G.. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. *In*: PAZZIANOTO, Almir. **O livro da profecia: o Brasil no terceiro milênio**. “Coleção Senado”. Brasília: Senado Federal, 1997.

GERAÇÃO é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal Assembleia de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KtZ2AHLB34s>. Acesso em: 25 abr. 2024.

GOMES, Pedro Gilberto. Miatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. ID22253, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/22253>. Acesso em: 11 dez. 2022.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere** - Introdução ao Estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. vol. 1.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, [S. l.], n. 1, p. 21-35, 2006.

HEITE, Catrin; POMEY, Marion; SPELLENBERG, Charlotte. Práticas de inclusão e exclusão como constituição de fronteiras. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 496-511, set. 2013.

HEPP, Andreas; HASEBRINK, Uwe. Interações humanas e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades midiáticas. **Parágrafo**, [S. l.], v.2, n. 3, p. 75-89, jun./dez. 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LANG, Miriam. Alternativas ao Desenvolvimento. *In*: DILGER, Gerhard.; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge. (Orgs.) **Descolonizar o imaginário**. Debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. *E-book*.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. **O paradigma indiciário para análise de narrativas**. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/74611>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LINHARES, Celia. ANÚNCIO/DENÚNCIA. *In*: STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 64-65.

LUZ, Claudia; DAYRELL, Carlos Alberto. **Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade**. Goiânia: Agência Ambiental de Goiás, 2000. vol. 1.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. **Logos**, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 89, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/62436>. Acesso em: 11 jan. 2023..

MAFRA, Rennan Lanna Martins; GENEROSO, Isaura Mourão; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. REGIONALIDADES COMO CONTRAFLUXOS DA DIFERENÇA EM CENÁRIOS MEDIATIZADOS CONTEMPORÂNEOS: o aparecer estético e discursivo na investigação de contextos organizacionais. *In: Encontro Anual da Compós*, 32., 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/regionalidades-como-contrafloxos-da-diferenca-em-cenarios-mediatizados-contempor?lang=pt-br>. Acesso em: 15 out. 2023.

MAGALHÃES, Maria Clara Dourado. Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais do Norte de Minas - “Articulação Rosalino”. *In: Fórum Ensino, Pesquisa, Extensão, Gestão - FEPEG*, 9., 2015, Montes Claros. **Anais...**, 2015.

MORAES, Fabiana. A subjetividade como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro. *In: MAIA, Marta; PASSOS, Mateus. (Orgs.). Narrativas midiáticas contemporâneas. Epistemologias dissidentes. Santa Cruz do Sul: ed. Catarse, 2020. E-book. p. 64-80.*

MORAES, Fabiana; SILVA, Marcia Veiga da. A OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA TEM RAÇA E TEM GÊNERO: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *In: Encontro Anual da COMPÓS*, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MUSEU VIVO DOS POVOS TRADICIONAIS. Caatingueiros. Museu Vivo dos Povos Tradicionais – MG, [2024]. Disponível em: <https://museuvivodospovosmg.com.br/povo/caatingueiros>. Acesso em: 02 abr. 2024.

NASCIMENTO, Raíra Saloméa. Da margem aos Gerais: identidades, resistências e narrativas dos povos norte- mineiros. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 44., 2021. **Anais...**, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-cc/raira-salomea-nascimento.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023.

O SEMIÁRIDO contado por sua gente. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Articulação Semiárido. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=r\\_Q81rvWPpQ](https://www.youtube.com/watch?v=r_Q81rvWPpQ). Acesso em: 25 abr. 2024.

OFICINA de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre). [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Valdir Dias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKTyA8bsSrQ>. Acesso em: 25 abr. 2024.

OLIVEIRA, Luciana de. Cosmopraxis comunicacional dos povos indígenas Kaiowá e Guarani: resistência e luta por visibilidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 19, p. 46-58, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/38173>. Acesso em: 14 fev. 2023.

OLIVEIRA, Luciana de; BOMBA, Pedro. COLONIALIDADE DA MEMÓRIA: apagamentos da luta pela terra Guarani e Kaiowá na constituição do moderno agronegócio brasileiro. **Dispositiva** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, [S. l.], v. 7, p. 63-88, 2018.

PAIVA, Raquel. Paulo Freire: a cidadania compreensiva. **MATRIZES**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 71-81, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/188289>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PASTI, André. Vozes concentradas: propriedade e consumo de mídia no território brasileiro. *In*: BANDEIRA, Olívia; MENDES, Gyssele; PASTI, André (Orgs.). **Quem controla a mídia?** Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais. São Paulo: Veneta, 2023. p. 29-46.

PERUZZO, Cicilia Krohling. A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, com cibercultur@. *In*: Encontro Anual da Compós, 21., 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2012.

PERUZZO, Cicilia Krohling. Comunicação popular, comunitária e alternativa na era digital: entre utopias freireanas e distopias. *In*: Encontro Anual da Compós, 31., 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/comunicacao-popular-comunitaria-e-alternativa-na-era-digital-entre-utopias-freir?lang=pt-br>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PERUZZO, Cicilia M.Krohling. Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na Era Digital: Entre Utopias Freireanas e Distopias. **Media & Jornalismo**, [S. l.], v. 23, n. 42, p. 23-38, 2023. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/12200>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PERUZZO, Cicilia M.Krohling. Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na web. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 77-100, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/142473>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Contemporanea** (UFBA. Online), [S. l.], v. 11, p. 161-181, 2013.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Palavra Clave**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: [palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/1503/1744](http://palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/1503/1744). Acesso em: 12 ago. 2023.

PERUZZO, C.; VOLPATO, M. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença**. Líbero – São Paulo, v. 12, n. 24, dez. 2009.

PINTO, Júlio Roberto de Souza; MIGNOLO, Walter D. A modernidade é de fato universal?: Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas** - Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 381-402, jul. 2015.

PORTO-GONÇALVES, C. W. As Minas e os Gerais: Breve Ensaio sobre Desenvolvimento e Sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 03-25, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/4072>. Acesso em: 11 dez. 2024.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. *In*: POZENATO, José Clemente (Org.). **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. 2008. 142 f. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2008.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho; VIEIRA FILHO, Maurício João. Conservadorismo acima de tudo e de todos: imaginários sociodiscursivos nos discursos de posse presidencial de 2019. **Mídia e Cotidiano**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 97-117, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/43167>. Acesso em: 11 jan. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2013.

RIPPER, João Roberto. Por uma informação com mais beleza e respeito à dignidade. *In*: STEFANO, Daniela; MENDOÇA, Maria Luisa. (Orgs.). **Direitos Humanos no Brasil: relatório de justiça e Direitos Humanos**. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2013. p.177-180.

RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. **Dimensões** – Revista de História da UFES. Vitória, n. 17, p. 213-221, 2005.

RODRIGUES, Mauro Toledo Silva. **Gerazeiros, guardiões do cerrado: Conflito socioambiental na comunidade gerazeira de Catanduva – Norte de Minas Gerais**. 2020. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SANTA ROSA, Helen; ANAYA, Felisa. Raiz que sustenta a nossa identidade. *Revista Agriculturas (Impresso)*, [S. l.], v. 13, p. 12, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.73-102.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

THÉ, Ana Paula Glinfskoi. A investigação da diversidade biocultural no Norte de Minas Gerais e sua contribuição à justiça ambiental. **Sociedade & Natureza (UFU. Online)**, [S. l.], v. 32, p. 42-58, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sn/a/gkpntVkw9jx3Lm7GLby9JQc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TORRES, Francisco George Costa. HISTÓRIAS IMPORTANTAM: A apropriação midiática dos jovens comunicadores da Rede Cuca. *In: Encontro Anual da Compós*, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/historias-importam-a-apropriacao-midiatica-dos-jovens-comunicadores-da-rede-cuca?lang=pt-br>. Acesso em: 10 abr. 2023.

TRICHES, Janete; TEIXEIRA, Pedro Junior da Luz. Configuração do monopólio da mídia impressa em Santa Catarina e suas consequências para a democracia. **Amicus Curiae** (UNESC), [S. l.], v. 8, p. 1-19, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/amicus/article/view/573>. Acesso em: 25 abr. 2024.

## ANEXO A - BASE DE AFETAÇÕES

<b>Comunicadores/as Populares</b>		
<b>Afirmação de identidade</b>		
<b>Arquivo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
Canal	Etnovisão - Edgar Kanaykô Xakriabá Nesse canal do Youtube, Edgar tem publicado registros audiovisuais que reafirmam a identidade e sistematizam a experiência do Povo Xakriabá	<a href="#">Acesso</a>
Perfil	Edialnilha Ribas No perfil pessoal, Edianilha (Nina) tem publicado textos e imagens sobre a atuação com a comunicação popular	<a href="#">Acesso</a>
Grupo	Comunicadores Indigenas Xakriabá	<a href="#">Acesso</a>
<b>Multiplicação das formações</b>		
Vídeo	Comunicadores populares Geraizeiros multiplicam a formação que tiveram acesso nos seus territórios e a levam para outro estado	<a href="#">Acesso</a>
Post		<a href="#">Acesso</a>
		<a href="#">Acesso</a>
Post	Formação de comunicadores Geraizeiros no território	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Relato sobre formação com jovens Geraizeiros	<a href="#">Acesso</a>

Post	Formação em Motezuma	<a href="#">Acesso</a>
<b>Práticas sustentáveis e preservação da Agrobiodiversidade</b>		
Vídeo	Iniciativa de agricultores familiares para o fortalecimento da soberania alimentar no semiárido mineiro.	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Sistematização de Experiências sobre a preservação da Agrobiodiversidade, através da prática dos guardiões de sementes	<a href="#">Acesso</a>
		<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Experiência sobre o maior banco de sementes Crioulas do Norte de Minas	<a href="#">Acesso</a>
<b>Ser comunicador/a Popular</b>		
Post	Nina Ribas reafirma o sentimento de ser comunicadora popular geraizeira, com fotos de práticas	<a href="#">Acesso</a>
		<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Valdir Dias conta a sua trajetória na comunicação popular	Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas <a href="#">Acesso</a>
		<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Realidade da comunicação popular no contexto de covid-19	<a href="#">Acesso</a>

Video	Comunicação popular e valorização da cultura	<a href="#">Acesso</a>
Post	"A comunicação popular que faz com que os geraizeiros do Alto do Rio Pardo sejam ouvidos. A RDS Nascentes Geraizeiras é uma grande conquista da luta dos povos tradicionais de Minas Gerais."	<a href="#">Acesso</a>
Post	Valdir Dias Expressa sua experiência com a comunicação popular	<a href="#">Acesso</a>
Post	Valdir Dias em oficina	<a href="#">Acesso</a>
<b>Cobertura de atividades e publicações</b>		
Post	CURSO DE CAPACITAÇÃO EM RESTAURAÇÃO DO CERRADO E COMUNICAÇÃO POPULAR	<a href="#">Acesso</a>
Post	3ª Encontro Veredeiro e as Belezas do Território Tradicional sob o olhar das lentes da juventude.	<a href="#">Acesso</a>
Post	Encontro Semeando, em Rio Pardo de Minas	<a href="#">Acesso</a>



Post	23º Grito dos excluídos	<a href="#">Acesso</a>
Post	Curso de homeopatia	<a href="#">Acesso</a>
Post	Curso de Formação de Jovens	<a href="#">Acesso</a>
Post	Mapeamento de Nascentes	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Coletores de sementes de Berizal	<a href="#">Acesso</a>
Post	Encontro da Agricultura Familiar que ocorreu em Taiobeiras	<a href="#">Acesso</a>
Post	Ato em defesa da água	<a href="#">Acesso</a>
Post	Curso de capacitação de coleta de sementes do Cerrado	<a href="#">Acesso</a>
Post	Curso de Formação de Jovens do CAA NM	<a href="#">Acesso</a>
Post	5ª Conferência Geraizeira,	<a href="#">Acesso</a>
Post	Entrega da bandeira de São Francisco	<a href="#">Acesso</a>
Post	Oficina de colheita de café	<a href="#">Acesso</a>

Vídeo	“Reconhecimento e proteção do Território Tradicional Vacariano nos vales do Rio Vacaria e Peixe Bravo”	<a href="#">Acesso</a>
Post	Início da primavera	<a href="#">Acesso</a>
<b>Sustentabilidade</b>		
Post	Acontecimento - Profissionalização	<a href="#">Acesso</a>
<b>Reconhecimento</b>		
Vídeo	Trip Transformadores 2013 - Geraldo Gomes Barbosa	<a href="#">Acesso</a>
Post		<a href="#">Acesso</a>
<b>Institucionais</b>		
<b>Processos de Formação</b>		
Arquivo	Descrição	Localização
Vídeo	Escola de Formação de Comunicadores/as Populares:  Registro da oficina de fotografia com João Roberto Ripper e apresentação da proposta que envolveu comunicadores das instituições da ASA, mas também comunicadores/as populares das comunidades tradicionais.	Arquivo interno do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas

Notícia	Surgimento da Escola de Comunicadores/as, com relato sobre o primeiro módulo	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Documentário sobre a experiência da Articulação Semiárido Brasileiro. Em Minas Gerais a experiência apresentada se refere a Escola de Formação de Comunicadores/as Populares	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Oficina de formação voltada para crianças e adolescentes no contexto do programa Cisterna nas Escolas	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Oficina de comunicação em Buriti do Meio	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Oficina de Comunicação Popular com Geraizeiros de Raiz	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Formação de comunicação popular impulsionada pela rede sociotécnica de Rio Pardo de Minas	<a href="#">Acesso</a>
Post	Formação e cobertura de atividade	<a href="#">Acesso</a>
Post	Formação com a juventude da Articulação Rosalino Gomes	<a href="#">Acesso</a>
Post	Oficina de Comunicação Popular na <u>EFA Nova Esperança</u> .	<a href="#">Acesso</a>
Notícia		<a href="#">Acesso</a>
Post	Oficina de comunicação com a Mídia Ninja	<a href="#">Acesso</a>
		<a href="#">Acesso</a>
Post	Oficina de comunicação popular com estudantes da Rede Pública da zona rural	<a href="#">Acesso</a>

Post	Oficina de comunicação popular com jovens quilombolas	<a href="#">Acesso</a>
Post	Oficina de comunicação popular na comunidade Tapera, município de Riacho dos Machados	<a href="#">Acesso</a>
Post	Oficina de Comunicação com Jovens Vacarianos	<a href="#">Acesso</a>
Post	Oficina resulta em exposição fotográfica	<a href="#">Acesso</a>
Post	Formação com Jovens no Quilombo do Gurutuba	<a href="#">Acesso</a>
Post	Curso de Sistematização de Experiências e Fotografia por Celular	<a href="#">Acesso</a>
<b>Incidência</b>		
Vídeo	Encontro de comunicação para reflexão sobre a atuação na temática, com presença de parceiros e articulações regionais	<a href="#">Acesso</a>
Notícia	Encontro que discutiu a Importância da comunicação popular no processo de democratização da comunicação	<a href="#">Acesso</a>
Playlist	Museu Vivo dos Povos e Comunidades Tradicionais Apresentação dos 7 Povos e Comunidades Tradicionais do Norte de Minas Gerais	<a href="#">Acesso</a>
Vídeo	Live sobre comunicação popular como instrumento para construção do Museu Vivo dos Povos e Comunidades Tradicionais	<a href="#">Acesso</a>
Post	Apresentação da experiência em Comunicação Popular no Norte de Minas	<a href="#">Acesso</a>
<b>Sistematização de Experiências</b>		

Notícias	Notícias sobre a atuação da ASA Minas, incluindo um amplo material sobre as ações realizadas pela Rede de Comunicadores e Comunicadoras Populares	<a href="#">Acesso</a>
Post	Candeeiros - Boletins de sistematização (rádio comunitária A Voz do Agricultor)	<a href="#">Acesso</a>
Boletim		<a href="#">Acesso</a>
<b>Planejamentos</b>		
Post	Reunião de Planejamento da ASA Minas	<a href="#">Acesso</a>

## ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS

O Semiárido contado por sua gente			
Link:	<a href="#">O Semiárido contado por sua gente.mp4</a>		
Saber Científico	Saber de Experiência	Saber de Revelação	Saber de Opinião
Transcrição [Trecho específico do Semiárido Mineiro - 00:01:28:14 / 00:14:37:24]			Comentários
<p><b>Helen Santa Rosa:</b> A comunicação, ela não vem como um apêndice. Ela vem como um processo que enriquece, que fortalece.</p> <p>Então, houve um processo de consolidação do debate, da comunicação do Estado. A gente resolveu dar a esse processo de formação o nome de escola e elegemos a comunicação popular como nossa principal estratégia. Então, vamos juntar esse pessoal todo e vamos fazer uma escola de comunicação popular.</p> <p>E a gente pensou em ter uma escola com módulos itinerantes, entendendo que mais do que só aprender, fazer o programa de rádio, filmar, tirar uma boa foto, fazer um bom texto, era importante entender, compreender e beber na fonte de várias realidades políticas e diversas que o Estado de Minas Gerais, Semiárido Mineiro, ele apresenta.</p>			<p>Não cabe a análise porque é figura institucional</p>
<p><b>Ednéia Pereira da Silva:</b> Aqui, eu moro na comunidade de João Congo, o meu bisavô que fundou essa comunidade.</p> <p>A rádio A Voz do Agricultor é transmitida em torno de seis comunidades, no decorrer do dia a dia, fica passando, tocando música, passa aviso, convoca para reunião.</p> <p>Está no ar agora o programa educativo O Agricultor, com o Ednéia. E hoje vamos falar um pouco sobre sementes. Aquela semente crioula.</p> <p>Foi muito bom ter participado do na oficina de rádio. Quando a gente vai e aprende mais coisas, é muito bom para a gente trazer para nossa comunidade, não só para servir só pra mim. A pessoa pode. ele pode se tornar um grande radialista, mas ele, ele não sabe. Aquilo estava guardado ali. E com o curso ele descobre que ele pode. Quando descobre, é bom demais. A gente se torna assim. A gente se sente especial. Um ser capaz de de fazer as coisas, de realizar as coisas.</p>			<p>Com base na experiência por atuar na rádio, a comunicadora apresenta a programação diária.</p> <p>A experiência pessoal a faz ter consciência das consequências sobre a oficina</p>
<p><b>Myrlene Pereira:</b> O povo Xakriabá desde antes da construção da comunicação popular da Asa Minas. Já tinha em si a importância da comunicação popular para a mobilização social deles. Esse povo vem sendo protagonista, produzindo de si para si, no sentido de guardar sua história, de registrar sua história e de disseminar isso.</p>			<p>Não cabe a análise porque é figura institucional</p>
<p><b>Comunicador indígena:</b> Mostrar para vocês essa sala onde a gente trabalha com a edição de vídeo, de áudio e de fotografia.</p>			

<p><b>Myrlene Pereira:</b> As pessoas se aprimoraram na prática do vídeo aqui da rádio aqui, e isso contribuiu para que a experiência de comunicação deles fosse uma experiência mais exitosa, com resultados mais qualitativos no sentido técnico da palavra. E a comunicação é utilizada para a mobilização social das várias aldeias que tem aqui, no sentido de construir uma melhor vivência para esse povo que não quer sair daqui, que tem suas raízes aqui, que lutam por isso.</p>	<p>Não cabe a análise porque é figura institucional</p>
<p><b>Trecho do vídeo - As formas do povo Xakriabá se comunicar:</b> A gente fala fazer isso aqui três vezes, companheiro aonde estiver vai ouvir e a responder.</p>	
<p><b>Edgar Xakriabá:</b> O ponto de cultura tinha essa demanda de vim, as pessoas mais experientes para dar oficinas de audiovisual para a gente aqui na comunidade, já que a gente já estava trabalhando com isso há um tempo, com as oficinas de audiovisual, a gente vai estabelecendo, a gente vê as pessoas que tem mais influência em tal coisa.</p> <p>Algumas são mais para filmar, outras pra gravar o áudio, outras mais pra editar. A gente documenta as atividades, por exemplo, culturais, que existe na comunidade.</p>	<p>Explicação do processo de realização das oficinas com base na experiência.</p> <p>Percepção das habilidades dos comunicadores com base na experiência.</p>

2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo			
Link:	<a href="#">2º Módulo da Oficina de Comunicação Popular do Alto Rio Pardo.mp4</a>		
Saber Científico	Saber de Experiência	Saber de Revelação	Saber de Opinião
Transcrição			Comentários
<p><b>Locutor não identificado:</b> Durante os dias 24 e 25 de maio de 2017, aconteceu o 2º módulo da Oficina de Comunicação Popular, realizada na Escola Família Agrícola Nova Esperança, localizada na região de Taiobeiras.</p> <p>Trata se de uma ação realizada com parceria com o CAA- Centro de Agricultura Alternativa, Projeto Bem Diverso, Embrapa, PNUD e GEP. O objetivo do segundo módulo foi dar continuidade ao trabalho de formação em Comunicação, iniciada na primeira etapa com os Jovens geraizeiros do Alto Rio Pardo.</p>			
<p><b>Amanda Gomes:</b> A oficina do primeiro módulo de comunicação popular foi passada pelo fotógrafo Ripper. Ele nos ensinou os fundamentos básicos da fotografia, como velocidade, ISO, enquadramento, foco e luz. E esses conceitos básicos de como fazer uma boa fotografia.</p>			
<p><b>Hitalo Vinícius de Sá:</b> No primeiro módulo, o fotógrafo Ripper deixou um trabalho para realizarmos em nossas comunidades para retratar a história dos nossos antepassados às pessoas mais idosas. E nesse segundo módulo trouxemos os materiais e apresentamos esse trabalho.</p>			

<p><b>Locutor 2 não identificado:</b> Olha como foi a experiência de entrevistar os mais velhos da sua comunidade?</p>	
<p><b>Locutor 2 não identificado:</b> Foi muito interessante e um pouco divertido, porque no começo eles ficaram envergonhados. Aí, com o passar do tempo, foram conhecendo o que eu queria. Foram se interessando e aí se soltaram mais. E foi bom porque eu comecei a entender a história de vida deles, as culturas ali de onde eles moram.</p>	<p>Também identificamos o saber de opinião, já que tem a avaliação do comunicador a respeito da oficina</p>
<p><b>Locutor não identificado:</b> No segundo módulo, os assuntos tratados foram bem mais complexos, devido os alunos já estarem bem mais enturmados.</p>	
<p><b>Tiago Dias:</b> Nesse ponto, o mais importante que eu achei foi a dinâmica. Quando cada um pegou o seu papel, que tinha um nome para você montar uma frase ,sobre a história da sua comunidade.</p>	
<p><b>Patricia Simões:</b> Nós tivemos dois tipos de dinâmicas.Uma foi uma entrevista que dois participantes do curso esteve em Montes Claros participando dessa oficina, que foi sobre feminismo. Nisso nós fizemos um artigo para apresentar e a outra foi como se fosse uma história que tinha que dar continuação de acordo, algo que tinha na nossa comunidade.</p>	
<p><b>Locutor não identificado:</b> Como próximos passos, os jovens participantes da oficina foram parte de uma rede de jovens comunicadores geraizeiros do Alto Rio Pardo, fazendo assim o uso dos seus conhecimentos adquiridos nas oficinas, transmitindo o seu dia a dia e eventos.</p>	<p>Expectativas</p>
<p><b>Anna Crystina (técnica):</b> E a ideia da comunicação é que os jovens possam estar interagindo também com as ações, com as lutas, com as ações que estão acontecendo nas suas comunidades.Então, que os jovens possam estar olhando para as lutas e para as ações que estão acontecendo, animadas pelo pelo projeto bem diverso, animado pelas ações da rede sociotécnica. Olhar para essas ações e poder comunicar isso, poder dar visibilidade para essas ações, pra gente poder [...] E visibilizando essas ações se fortalece, fortalece as lutas, fortalece as ações.</p>	<p>Não cabe a análise porque é não é um sujeito de interesse na pesquisa</p>
<p><b>Nina Ribas:</b> Eu creio que esses conhecimentos adquiridos nessas oficinas passadas tanto pelo Ripper, a Josi, a Andreza, vão ser muito importantes no nosso dia a dia, nas nossas comunidades também, devido a gente poder estar trabalhando com coisas simples que a gente tem que são os nossos celulares, a gente pode estar utilizando eles para divulgar eventos festivos, feiras livre, os produtos que a gente tem em casa podem até ficar mais bem valorizados com uma simples edição que a gente fizer, um trabalho bem feito, valoriza bastante o produto.</p> <p>Então, para nós isso vai ser muito importante. E também fatos que</p>	



<p>ocorrem na nossa cidade, que não é vista assim, que poucos ficam sabendo, mas que são fatos muito importantes. Tipo, a pessoa pode ser uma pessoa mais idosa que a gente quer divulgar o conhecimento dela, mas as pessoas acabam, sabe que aquela pessoa existe, mas não sabe dar valor naquele fato, no conhecimento dela. Então, através de trabalhos bem feitos em casa, com o conhecimento que a gente adquiriu aqui, como fazer uma boa imagem, esse tipo de coisa então, já valoriza bastante. Então acho que a gente pode aproveitar muito bem o que aconteceu aqui.</p>	
---	--

Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2: Edgar Kanaykõ			
Link:	<a href="#">Arte Indígena Contemporânea - Ep. 2 Edgar Kanaykõ.mp4</a>		
Saber Científico	Saber de Experiência	Saber de Revelação	Saber de Opinião
Transcrição		Comentários	
<p>Eu trabalho com a fotografia, né? Na verdade eu chamo também de etnofotografia, que seria também um trabalho voltado para o registro mesmo da nossa cultura de modo geral. E além disso, eu trabalho também muito observando o próprio ambiente que a gente vive, e aqui no Xakriabá é uma característica muito específica da nossa região, que é os tempos, né?</p> <p>A gente que não divide o tempo, por exemplo: "é outono, inverno, é e verão", a gente não fala isso, os mais velhos falam, por exemplo: "é o tempo das água e o tempo da seca". Então, a partir desses tempo, existe também sub tempos, que é o tempo da flor de pequi, tempo do umbu e tudo mais. E esses tempos faz com que a comunidade também se mobilize. Ela também se articula a partir desses tempos, né? Agora estamos, por exemplo, no tempo das águas, né? Então as pessoas também estão com algumas roças, estão plantando, né? Então eu observo muito essa mudança do tempo.</p> <p>Quando está assim, oh tempo bom esse aí, porque esse é o tempo de plantar, o tempo de colher. No Norte de Minas, essa região toda é um período muito longo de seca, praticamente é praticamente seis meses de seca e agora de chuva. Então, assim, esse é o tempo em que as pessoas também, né? E a própria mata a natureza de modo geral, elas se transformam.</p> <p>E é quase meio dia a hora que o gado vem beber. E vários, vários outros bichos também, né? Fotografar também é como caçar. Tem que ter paciência e espera também. Meu primeiro contato com a câmera</p>		<p>Edgar é mestre pela UFMG, sua definição de etnografia vem da pesquisa que desenvolveu.</p> <p>Cientificamente há a divisão de períodos por estações. No território Xakriabá, a partir do saber de experiência, eles determinaram tempos próprios.</p> <p>Edgar revela saberes que só podem ser adquiridos através da observação, do empírico.</p> <p>A fala de Edgar</p>	

fotográfica, foi uma demanda da Associação da nossa aldeia. Quando começou a ter energia elétrica aqui, a partir de 2002... 2001, aí que eu comecei a ter esse contato também com câmeras fotográficas.

Então a associação daqui da minha aldeia, do Barreiro, ela tinha uma demanda de registrar os projetos que ela desenvolvia. Eu era curioso e comecei a mexer nessas câmeras, já nessas digitais pequeninhas. Aí eu comecei a fotografar e filmar, na verdade, eu fazia pequenos vídeos para a Associação e aí a gente começou esse movimento de trabalhar também com as imagens, né?

A gente percebeu que a imagem, a fotografia, o vídeo, de modo geral, ele é uma potência muito grande. Porque no começo havia também uma desconfiança por parte dos mais velhos também. "Será que a tecnologia chegando ela vai atrapalhar", o uso da tecnologia se ela bem utilizada, como a gente costuma dizer, ela é vista por nós como uma ferramenta de luta e de resistência hoje em dia.

Todo esse espaço aqui é a Casa de Cultura do povo Xakriabá. Ela é uma casa construída, idealizada a partir de um desejo do povo Xakriabá, que começou também com um artista, comum artesão que é o Edvaldo Xakriabá. Ele que idealizou essa casa, que ele queria, um espaço de referência para a arte Xakriabá, para a cultura de modo geral.

E a arquitetura dela também é pensada a partir de um modelo, da memória do povo Xakriabá. Então ela tem vários espaços, tem cozinhas, tem lugares de fazer queima de cerâmica, tem uma rádio também Xakriabá que funciona aqui e no momento está desativada a casa, porque ela está vai passar por reformas. Como ela é feita de de madeira, de palha também de tempos em tempo tem que dar uma reforma nela. Então, por isso que está desativado no momento. Mas esse é um espaço de referência, que é a Casa de Cultura do Povo Xakriabá.

Eu moro aqui na Terra Indígena Xakriabá, a Terra Indígena Xakriabá está aqui localizada no Norte de Minas, na região, no município de São João das Missões, O Povo Xakriabá, assim como os outros povos que são parentes mais próximos do Xakriabá, os Xavante, os Xerente, que no passado fazia parte de um povo só e até que ao longo do tempo o Xakriabá veio estar aqui nessa região antes da chegada dos brancos e dos invasores.

Inclusive o município chama São João das Missões, porque no passado havia uma missão a fim de catequizar o povo Xakriabá, que era a missão jesuíta. Então o povo Xakriabá foi obrigado também a não falar mais a própria língua. Praticar alguns rituais também. O povo Xakriabá é fruto também dessa resistência histórica, assim como vários outros povos indígenas no Brasil, também passa por isso e passou por isso também. Inclusive hoje ainda atualmente.

Geralmente, quando se pensa natureza, se pensa fora da cultura. Então

expressa um posicionamento inicial da comunidade e uma outra leitura que foi realizada.

Edgar apresenta um discurso repassado de geração a geração, e sentido através da experiência de seus antepassados.

Edgar utiliza do saber de revelação para partilhar uma leitura espiritual do próprio contexto.

nós, para nós, a cultura, ela está toda emaranhada com a natureza também. Então, seja pessoas visível ou invisível, porque para nós o nosso ambiente também, a nossa casa, a nossa natureza, que assim se chama, ela tem outras outras moradas. Então essa morada também dos espíritos, dos encantos, daquilo que nos protege, é difícil, talvez para os não indígenas, tentar compreender o mundo a partir de como é que a gente vê.

Então, como dizer o que é a arte a partir da nossa perspectiva, sendo que ela é um monte de coisa ao mesmo tempo? Então eu procuro evidenciar, eu procuro talvez capturar e revelar um pouco desse modo que a gente vê e percebe o mundo através da fotografia.

Aqui é a casa do pajé Vicente, aqui do Xakriabá, ele é uma referência pro nosso povo e eu uma pessoa de grande conhecimento. E aqui é onde ele faz, realiza seus trabalhos, algumas festas rituais, que inclusive ele chama muito para poder fotografar esse momento. Ele é uma pessoa que gosta de fazer os registro pra estar guardado para as novas gerações. Então geralmente ele me pede para fazer esses trabalhos de registro fotográfico e audiovisual para ele.

Ele tem a casa da Medicina aqui também, inclusive eu também gosto de desenhar. Eu comecei, na verdade, desde pequeno com desenho, e eu tenho desenhos aqui também, que eu fiz para ele, uma vez que ele pediu, que o desenho da onça, que a gente pode até ver ali um pouco ela. Essa foi uma das das imagens que ele pediu pra desenhar, que foi em 2010, 11 anos já, que tem isso aqui, que eu fiz para ele, né? A pedido dele, ele queria essa onça e esse pássaro. E a onça, para nós Xakriabá, ela é a nossa protetora do nosso território. Então por isso que a onça é vista também, não só como um animal, mas ela também é gente e ela, espírito, e ela que cuida de nosso território e ela considerada também a nossa avó.

Então, por isso que ele quis fazer isso aqui, porque ela é uma imagem, é um símbolo da nossa força, do território Xakriabá. Ela que cuida de nós e do nosso território. Na verdade, ela que é a dona do território.

Na nossa língua tem uma palavra que chama "Hêmba". Ela significa tanto a alma, como espírito, ou imagem. Então ela pode ser uma tradução para imagem fotográfica também, né? Então, por isso que há sempre um cuidado também do que pode e do que não pode ser fotografado, do que não pode ser capturado. E quando se vai caçar, por exemplo, a gente não só não vai no mato para caçar um animal, mata ele, enche a barriga. E não é só isso na verdade.

Na verdade, é toda uma relação que você cria com o meio que você vive, né? Então os animais tem um dono espiritual, no qual as pessoas pedem licença para poder caçar. Então, quando eu estou num ambiente, por exemplo, num momento de ritual de alguém ou de algo específico, a gente pede licença para poder fotografar, para poder filmar. Isso quando é um ritual específico, né? E geralmente quem me diz isso? Digamos

A língua é um saber científico, mas Edgar também atribui um significado da tradução da palavra para uma ação que ele experimenta.

Nesse período se percebe um saber que vem da revelação, adquirido através da ancestralidade.

quem é o diretor desse filme? Geralmente é um mais velho, é um pajé e é ele que diz que vai direcionar o que pode, o que não pode ser filmado, capturado, porque a imagem, digamos, ela tem poder de revelar várias coisas que talvez a gente não estava percebendo. Então acho que o próprio meio, o próprio lugar que a gente vive, eles são cheios de possibilidades.

Dentre esses meu trabalho fotográfico, tem algumas exposições em que eu sou convidado a fazer junto com algumas parcerias e por exemplo, tem uma delas que se chama "Siwettet", que para nós Xakriabá é como aquilo que é forte, aquilo que resiste.

Então chamei "Siwettet", por causa disso, que quer dizer resistência. Então, na minha fotografia, nessa exposição eu estou mostrando um pouco desse trabalho fotográfico que eu desenvolvo, que é junto também ao movimento indígena e ao movimento indígena nacional, tanto que regional, tanto do povo Xakriabá, como que está interligado ao movimento, está articulado com outros e com os demais povos indígenas daqui, principalmente, que a luta pela garantia de direito a luta por território.

A fotografia como esse meio de mostrar as nossas lutas, as nossas resistência. Nós somos guerreiros, assim como diz uma liderança Xakriabá, que ele diz: "A certeza da herança que vamos deixar para o filho, não é carro e moto não é dinheiro, é a luta.". Então, a certeza da herança que vamos deixar para os nossos filhos, as nossas gerações, é a luta, porque há mais de 500 anos os povos indígenas vêm lutando e resistindo nesse território chamado Brasil.

Então, assim, houve de fato um massacre, um etnocídio, um genocídio de muitos povos, de muitos dos nossos antepassado. Mas nós só estamos aqui hoje, porque houve também resistência, inclusive a essa exposição, ela foi no Festival de Inverno da UFMG e também na Pinacoteca de São Paulo.

Então traz um pouco do nosso dia a dia, a força das pinturas corporais, que está entrelaçado com a espiritualidade e também a luta e resistência nossa enquanto indígenas no movimento indígena de modo geral.

E essa é uma fotografia também que eu gosto muito, mas ela traz essa, digamos assim, entrelaçamento entre vários mundos, esse é um parente guarani que está segurando um arco e flecha e com a camisa do Star Wars, que é Guerra nas Estrelas e eu dei o nome dessa fotografia que é "Guerra nas estrelas para sustentar o céu" e a luta em geral é justamente isso, né? Para a demarcação do nosso território. Por isso que eu finalizo com essa imagem demarcação.

As pessoas nos perguntam mas por que vocês falam tanto em território, em terra, como se fosse só um pedaço de terra, na verdade. Mas é a partir do território, é aquilo, o território é considerado a nossa mãe, é justamente mãe, porque é ela que cuida, é ela que nos dá o colo, que dá o alimento.

Apesar da fala marca uma opinião, a língua é um saber científico

A população indígena resiste no Brasil há 524 anos, considerando a chegada dos colonizadores no país.

Então, por isso que o território é a base de tudo aquilo que somos enquanto povo e enquanto povo por exemplo, Xakriabá, enquanto [palavra indígena], que é povo verdadeiro, né? Então, tudo isso se dá a partir das nossas lutas por território, se dá desde nossos antepassados.

Essa exposição, que inclusive eu gosto muito dela, é uma série de fotografias de uma árvore aqui do Xakriabá, inclusive ela tá bem aqui no fundo, é um Joá, que essa fotografia eu peguei essa árvore em vários momentos, que no território, desde o tempo das águas até o tempo da seca. Então, para mostrar um pouco de como que é essa transformação do território nosso Xakriabá e de como também que as pessoas se transformam junto com o meio ambiente. E eu digo que também é uma possibilidade de crítica sobre o que é a natureza. A pessoa tem a imagem, pré concebida de uma natureza intocável, que não se transforma, na verdade pelo contrário, só existe tanta diversidade no mundo, principalmente, por exemplo, na Amazônia[...], por exemplo a pessoa imagina a Amazônia como uma selva intocada. Ela só é tão diversa justamente porque existe a presença indígena, esse povo indígena que ao longo do tempo vem manuseando o próprio território. Então não é uma, não é o fato de preservar, essa palavra para preservar significa que está congelado. E não é isso. Na verdade, é como estar no meio ambiente sem destruir. Por isso que nós, enquanto povos indígenas, mostramos que a relação que temos com o mundo é de forma diferente da que a gente consegue ter essa relação com a natureza a partir da nossa cultura.

E a terceira série, a última série que eu fiz, na verdade, também relacionado ao mais uma questão de como pensar a imagem, o que é que significa fotografar para nós? Enquanto Xakriabá, enquanto indígena, o que significa essas captura de imagem? Então, uma série de fotografias que eu fiz durante o Toré, que é o ritual do Xakriabá, que é o toré, no qual ele pode ser visto durante as noites culturais do Xakriabá.

Então, essa série eu fiz mais para pensar um pouco mais sobre a imagem, do que que ela significa para nós, qual o poder que a imagem tem também, que também faz parte do meu trabalho de antropologia, do mestrado que eu defendi na UFMG, que é sobre a etnovisão, que é o olhar indígena que atravessa a lente.

No meu trabalho eu falo sobre essa influência da luz, do flash e o brilho dos espíritos como que eles se conflitam, durante um ritual, por exemplo. Então eu vou falando dessas formas de captura a imagem, que é a longa exposição, a foto sem flash também é uma possibilidade da gente capturar, por mais que saia algo mais abstrato, não é? Mas como a gente consegue mesmo assim ver as formas de todo o ambiente que está acontecendo? E isso é uma forma de, como eu disse em muitos momentos, tem coisas que não pode ser capturada, outras coisas pode ter ou não. É essa uma forma de poder dizer sem revelar muito, digamos assim.

Os povos desenvolvem uma relação com base na experiência que vivenciam no território.

Baseado nas experiências coletivas enquanto Povos Indígenas no Brasil, de cuidado com o território.

Quando eu estou fotografando, filmando, um ritual, a gente se pintando, a gente, uma pessoa com o cocar. Na verdade a gente está fortalecendo a nossa cultura, dizendo assim que olha, nós estamos aqui.

Esse é um ritual importante para nós e esta é uma vestimenta que diz muito sobre nós. Então não é, não é aquilo que muitos brancos pensam que é uma fantasia, ou muitos acha que pode fazer isso não aqui, como por exemplo, fantasiar se de índio no carnaval, por exemplo, né?

Então, quando você entende o que é um uso de uma pintura, que é um uso de um cocar, que é um uso de um colar, você está, na verdade, conhecendo também um povo. Então, quando eu estou fotografando isso, estou querendo passar uma mensagem para as pessoas que não conhecem. Então por que que se fazem isso? Por que é que se veste dessa forma?

É uma vestimenta do espírito, é uma vestimenta do desencanto. É assim que a gente se apresenta para eles, que é assim que nós nos reconhecemos também enquanto povo. Mas é como se fosse uma vestimenta também, né? Se eu estou com essa camisa, eu continuo sendo Edgar. Se tiro ela, também continuo sendo. Então, se eu estou com o cocar, eu sou Xakriabá. Se eu estou sem ele, eu também continuo sendo Xakriabá. Então assim é mais trazer também para as pessoas que não conhece, para esse mundo dos branco, mostrar o que significa ser indígena. Ser indígena não é parecer, na verdade, é ser.

Eu penso que a arte indígena que é dita hoje contemporânea, que na verdade ela nunca deixou de ser, mas eu acho que há uma forte, na verdade está muito crescente essa questão da valorização da arte indígena de modo geral. Por exemplo, hoje em dia tem muitos artistas indígenas que estão sendo, digamos, não que eles não existiam, ele sempre existiram, mas estão sendo mais olhado, com mais carinho, com mais cuidado para a questão indígena. Então eu penso, na verdade, que isso também é fruto do próprio movimento indígena, porque na verdade não é uma coisa que deu assim de graça.

Que assim: os brancos agora estão reconhecendo os povos indígenas. Na verdade, pelo contrário, a gente está lutando, a gente está na verdade, falando disso o tempo todo, né? Então, por isso que hoje em dia tem vários artistas indígenas que estão surgindo e ressurgindo e na verdade sendo valorizado devido a essa nossa luta, né?

Acho que hoje em dia no Brasil não dá para falar de arte contemporânea sem falar dos Jaider Esbell, né? Que está em memória, infelizmente. Mas ele deixou esse legado para nós e para nós enquanto indígena e principalmente para os não indígenas. Sobre o que que é a arte e o que significa isso que os brancos chama de arte. Então eu acho que o Jaider foi essa pessoa, ainda é essa pessoa que eu acredito sim, que o trabalho que ele fez sobre a arte, na verdade ela vai repercutir ao longo do tempo.

Então, talvez esse legado que ele deixa não é exatamente só para agora, mas principalmente para o futuro. Então eu tive o prazer de conhecer o

Edgar fala sobre uma experiência espiritual que pode ser representada com técnicas da fotografia, ele atribui um sentido ancestral, para um procedimento operativo.

A forma como os povos se reconhecem, reproduzem a cultura são critérios usados pelas ciências sociais para identificação de um povo tradicional.

Leitura e percepção do mundo sobre o olhar dos "não indígenas" sobre os indígenas.

Jaider, inclusive num evento em São Paulo. Foi a primeira vez que encontrei ele pessoalmente, mas a gente se encontrou em outros momentos também e tive a oportunidade de ver o trabalho dele e dele falando sobre o trabalho dele.

Então e como que é isso? É sobre esse legado que ele deixa aqui. Na verdade, é uma visão de nós povos indígenas e principalmente ele indígena, do povo Makuxi, sobre o povo dele, que também de alguma forma se entrelaça com a visão dos demais povos indígenas sobre o que significa arte e sobre a nossa vivência e sobre o nosso estar nesse mundo.

Eu acho que é muito importante quando a arte indígena ocupa esses espaços. Por exemplo, como a Bienal de São Paulo, que é um espaço de que reflete, que ecoa no mundo inteiro. Então, quando convida a Daiara Tukano, Sueli Maxakali, Jaider Bel para estar nesse espaço, Denilson Baniwa, que já expôs nesse espaço também para nós é como se tivesse também demarcando território, né?

Eu lembro que o Krenak fala isso: "Além da gente lutar por terra, temos que lutar também pelas telas. Além de lutar pela demarcação de terra, até lutar pela demarcação de tela", ele está falando dessas telas do cinema, as telas dos artistas e as telas que são pintadas, a gente o tempo todo tendo que lutar pela demarcação do território, seja a nossa terra indígena, seja territórios, esse que fora sempre ocupado historicamente pelos não indígenas, as universidades, as bienais de arte, as galerias de arte.

Então, estar com artistas indígenas nesses espaços, é indigenizar um pouco desse mundo que está sendo, que é preciso cada vez mais.

Se vê hoje, principalmente, que a gente faz hoje em dia. O uso das redes sociais, que é uma forma também de expandir nossa arte. Além desses espaços de galeria, de eventos e tudo mais.

Mas as redes sociais, uma coisa muito que chega muito rápido nas pessoas. Então você vê de tudo também, desde questionamento: Uai, mas índios com câmera? Índios com celular? Índios com isso? Com aquilo? Então, como se as pessoas ainda têm esse pensamento e essa figura do que é um índio. E nós falamos índio é uma coisa e indígena outro. Até essa palavra "índio", ela não cabe a nós, não é? A palavra indígena seria a palavra mais, digamos, mais correta de se falar, né?

Porque indígena significa aquele que é do lugar, é aquele que faz parte de um povo. Índio é uma coisa só. E é uma palavra que vem desde a invasão do território.

Então, desde essas pequenas coisas, essas pequenas nuances, assim, que a arte indígena ajuda a dizer sobre. Então acho que isso nós enquanto indígena e artistas indígena, é como se a gente fosse falando de forma didática. Olha, estamos aqui e estamos fazendo isso. Tem indígenas no cinema, tem indígenas no teatro, tem indígena fazendo fotografia

Nesse trecho a referência a nomes reconhecidos e sobre como é significativo ocupar espaços que normalmente não são ocupados por indígenas.

<p><b>indígena, fazendo cinema indígena, fazendo o que ele quiser.</b></p> <p>Nós, povos indígenas, estamos aqui, nós estamos vivos. E nós somos não só passado, somos principalmente o presente e também o futuro desse mundo, principalmente desse mundo que parece que está fadado a um fracasso. Como diz o xamã, o pajé Davi Kopenawa Yanomami. Essa queda do céu, na verdade, é quem consegue sustentar ela, é só quando houver povos indígenas nesse mundo.</p> <p>A própria fotografia. Ela é um arco e também uma flecha. Então, quanto mais você puxa ela, mais longe ela pode chegar.</p>	
--	--

Edgar Kanaykõ			
Link:	<a href="#">Edgar Kanaykõ.mp4</a>		
Saber Científico	Saber de Experiência	Saber de Revelação	Saber de Opinião
Transcrição		Comentários	
<p><b>A imagem é um instrumento de luta e resistência para nós enquanto indígenas. Seria o nosso novo arco e flecha, nos tempos que estamos vivendo hoje.</b></p> <p>Eu trabalho com a etnofotografia. A Etnofotografia é um trabalho no qual eu desenvolvo já há algum tempo, aqui mesmo na comunidade, fazendo os registros audiovisuais de modo geral, mas agora principalmente com a fotografia, das coisa que acontece aqui na comunidade, registrando os eventos, as festas, rituais, coisas diversas de todos os tipos, digamos assim.</p> <p>Então a etnofotografia, eu pego emprestado da própria antropologia e do fazer etnográfico. Então a gente usa da fotografia como meio de descrever um povo, uma cultura, uma realidade. E isso partiu também do próprio desejo de imagem de nós enquanto indígena, da nossa história. Foi sempre contada, digamos, pelo outro ou pelos não indígenas. Então, a partir de que nós usamos a imagem, a própria câmera fotográfica para registrar a nós mesmo, nós estamos tendo o poder na mão, nós estamos contando a nossa história.</p> <p>Então, foi a partir dessa importância que os mais velhos também [...]</p>		<p>A imagem é uma forma de representação do momento, nesse caso, Edgar atribui o sentido de luta porque a sua experiência com a fotografia revela os resultados que tem com esse trabalho.</p> <p>Edgar explica um conceito científico no seu fazer fotográfico.</p>	



viram primeiro com receio a chegada a tecnologia da energia elétrica, de tantas coisas chegando na comunidade. Mas aí, depois, mais tarde, a gente viu que a imagem, a fotografia, ela é um instrumento de luta, como costume dizer. É por isso que no passado os próprios mais velhos viam, com receio, com um certo perigo. Como eu disse: a chegada da imagem, a chegada da câmera, a chegada da televisão.

Como diz um parente nosso do povo Pataxó: a televisão era agora o fogo frio e as pessoas tinham receios mais velhos de perder esse fogo quente que era a fogueira em volta da casa ao ficar ao escurecer, que era onde o conhecimento era transmitido. As histórias contadas.

Nesse sentido, esse é um problema clássico para vários povos indígenas, como se a imagem fosse algo que roubasse a imagem da gente. E nesse sentido, faz sentido, porque se for, pega na nossa língua, (palavra indígena) Xakriabá, a palavra “Hêmba” significa alma e pode ser uma tradução para imagem também. Então, quando a gente está capturando a imagem de uma pessoa, de certa forma está carregando o seu próprio corpo espírito junto, né?

Então por isso que tem as orientações para nós, enquanto indígena, de está registrando alguns rituais ou momentos, que quem diz o que pode não ser revelado geralmente é uma pessoa mais velha ou um pajé, e que ele sabe do que está embutido ali, o que está emaranhado naquele momento. Aqui no Xakriabá tem muito essa questão também dos segredos durante os rituais, mas as imagens são sempre geralmente trabalhadas coletivamente do que pode, que não pode ser revelado através dela.

Durante a minha pesquisa, por exemplo, no mestrado, que eu chamo de etnovisão, que é o olhar indígena que atravessa a lente, não é só através da lente, é justamente através dela aí. E isso através da lente, é justamente está embutido justamente isso, essas relações que a gente cria com o próprio povo, com a comunidade, nessa importância de ter essa relação, sendo você indígena ou não, digamos assim.

Então, por isso que é importante ter essa relação próxima com quem está sendo fotografado também. De certa forma, ela também é uma forma de memória, porque ela consegue guardar a imagem daquelas pessoas, por exemplo, que as pessoas querem que seja guardada, que nem todas elas querem que seja. Então, por isso que é importante ter essa relação com o que está sendo fotografado ou não.

E algumas delas também. Acho interessante ter a imagem registrada, porque lamento de não ter fotografia, por exemplo, no passado, de não ter seus ente querido ou de ter algum ritual sendo fotografado, registrado de alguma forma. Então, hoje, justamente a imagem surge como essa forma de poder guardar também. Guardar, não no sentido só de ficar preservado ali, mas de como a gente pode usá-lo também para ensinar às novas gerações.

A imagem não é capaz de roubar nada no sentido literal, mas com base na espiritualidade, para os povos, seria possível.

Isso sugere a existência de um saber de revelação associado às práticas culturais e espirituais da comunidade indígena, que é considerado inflexível e não questionável dentro do discurso estabelecido.

A ausência de fotografia pode gerar uma frustração no processo de memória. A intencionalidade que surge na preservação do registro é também de passar

<p>Acho que o próprio ato da gente ter escola, digamos assim, ela primeiro partiu de uma luta muito anterior, que foi a própria luta pela garantia do território. A gente costuma dizer, assim, que a luta por território é a base de tudo. Houve uma chacina, primeiro de lideranças indígenas no Xakriabá e no qual morreu um líder chamado Rosalino Gomes e mais dois companheiros seus.</p> <p>É só a partir daí que o território Xakriabá foi de fato demarcado e homologado e reconhecido enquanto território indígena pela União. Então, hoje, o Xakriabá luta pela retomada de território, que se chama então, a área de retomada, inclusive, que chega até o Rio São Francisco.</p> <p>O acampamento Terra Livre, que é chamado de ATL. É justamente esse momento em que várias articulações de vários povos indígenas do Brasil se reúne em um só, que aí é chamado o Acampamento Terra Livre, a partir de vários movimentos indígenas do Brasil, que acontece em Brasília, anualmente, para pressionar o governo de tal forma para essa garantia que primeiramente é do território e depois em outras instâncias também, né?</p> <p>Na verdade, antes de tudo, é não ser fotógrafo, eu acho. <b>Uma câmera na mão e o maracá na outra.</b> Então eu estou fazendo parte do próprio povo. Eu não estou sendo fotógrafo, digamos assim, mas ao mesmo tempo eu estou fotografando, tanto que às vezes eu estou junto com o povo ali, com o povo Xakriabá, dançando de alguma forma e em algum momento eu pego a câmera e fotografo ou me distancio um pouquinho e fotografo e volto de novo, porque eu estou sendo parte também. Não estou apenas ali para fotografar. Então, justamente essa relação que não se perde, por isso aqui eu creio, que uma boa fotografia, parte antes de tudo, de uma boa relação primeiro.</p> <p>O que significa a gente se apresentar para o outro do jeito que a gente quer, né? Eu falo um pouco isso no meu próprio trabalho, dessa imagem indo, do selfie do outro.ando eu também vou fotografar alguns parentes aqui, a preferência dele é que seja pintado ou com cocar.</p> <p>Essa imagem que nós mesmo queremos de nós, é uma forma também de muita gente se auto afirmar enquanto indígena, enquanto povo mesmo. Então é o que está emaranhado ali naquelas questões. Então, quando eu apareço com essas pintura, por exemplo, eu não estou apenas dizendo assim: "Eu sou um índio", não é isso que a gente quer dizer. <b>A gente também sabe que essa pintura é uma proteção para o nosso corpo e espírito também.</b></p> <p>É claro que ela faz parte da nossa identidade, enquanto Xakriabá. Essa exposição se chama "Siwettet" que foi para o 52º Festival de Inverno da UFMG. Eu fui convidado para fazer uma exposição fotográfica lá, essa exposição, essa palavra "Siwettet" na verdade, ela é quase um conceito que não tem uma tradução literal para o português, mas ela se aproxima de resistência ou de luta também, né? <b>E nessa série eu faço uma série</b></p>	<p>conhecimento para outras gerações.</p> <p>Edgar retoma um processo histórico que atingiu o território Xakriabá.</p> <p>Edgar traz a apresentação do maior evento indígena realizado no Brasil.</p>
---	---

<p>tanto de preto e branco e forte colorida, no qual retrata um pouco dessa trajetória que eu faço com a fotografia, dessas luta nossa e também de outros parentes, né? Tem registro no próprio acampamento Terra Livre, do ATL, e de outras andanças que eu faço em outras aldeias também e principalmente aqui no Xakriabá.</p> <p>E recai muito sobre essa luta e resistência nossa, que é pelo território, mas principalmente pela garantia de continuar a ser o que somos, um povo verdadeiro.</p> <p>A gente não pode ser vista apenas no passado. Somo o presente e principalmente o futuro desse planeta, desse mundo. Nós, enquanto indígena, estamos mostrando ao mundo como que se relaciona com a nossa própria casa, a nossa própria morada, o ambiente em que a gente vive ou aquilo que os brancos chamam também de natureza, que pra nós talvez não tenha essa distinção muito clara do que é natureza, do que é cultura ou o que é humano, do que não é humano, digamos assim.</p> <p>Ela está emaranhado com várias coisas, com as relações do dia a dia, digamos assim também. E por isso que, no fazer imagem fotografar, a gente também carrega essas concepções também, de que tem coisas também com certa intencionalidade durante o ato de capturar a imagem.</p>	
---	--

Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas			
Link:	<a href="#">Geração é raiz com a história do fotógrafo Valdir Dias, filho de agricultores do Norte de Minas.mp4</a>		
Saber Científico	Saber de Experiência	Saber de Revelação	Saber de Opinião
Transcrição		Comentários	
<p><b>Valdir Dias:</b> Muitos pensam: "ah, mas eu sou filho de pobre, eu sou filho de agricultor e não tem como chegar a lugar nenhum". Hoje eu me sinto muito orgulho, sabe, da minha história. Sou Valdir Dias, sou de Minas Gerais e a gente fica meio que quase na divisa com a Bahia. A gente está no Semiárido e eu subi aqui no alto de um morro, minha casa tá lá em baixo, mas na verdade eu queria mostrar algo pra vocês. Olha só o que as minhas lentes captaram daqui.</p>		<p>Saber de conhecimento porque revelam uma localização que pode ser comprovada</p>	
<p><b>Nathália Bini (reporter):</b> Oi ai gente, tudo na paz ai, tá sentindo essa vibe mais natural? Hoje nossa viagem é pela zona rural e vai ser inspirada por fotografias e por uma galera que está vendo as coisas da terra com outros olhos.</p>		<p>Não cabe a análise porque é não é um sujeito de interesse na pesquisa</p>	

<b>Valdir Dias:</b> A minha convivência com as comunidades tradicionais e com a comunicação popular eu costumo dizer que é como quem abriu minhas lentes sabe do novo mundo e isso eu percebo na juventude também.	
<b>Nathália Bini (reporter):</b> Hoje a geração é raiz.	Não cabe a análise porque é não é um sujeito de interesse na pesquisa
<b>Valdir Dias:</b> Viva a fotografia, viva a arte!	
<b>Nathália Bini (reporter):</b> Pensa bem, gente, estamos num país onde mais de 80% das pessoas vivem nos centros urbanos. Isso nos ajuda a ter uma ideia dessa juventude que o Valdir representa lá no norte das Gerais.	Não cabe a análise porque é não é um sujeito de interesse na pesquisa
<b>Valdir Dias:</b> A gente mora na cidade de Rio Pardo de Minas. A gente tá situado próximo da cidade de Taiobeiras, Vargem Grande do Rio Pardo e algumas cidades que são consideradas o Alto Rio Pardo, que é aqui do norte de Minas, Rio Pardo, ele nasce aqui no Estado de Minas e vai até na Bahia, que é dividido entre alto Rio Pardo. Daí tem o médio Rio Pardo e tem o Baixo Rio Pardo, que é que está na Bahia. Eu moro numa comunidade rural, na comunidade chamada Água Boa II, que fica a 18 quilômetros de Rio Pardo de Minas e hoje essa comunidade, também, ela situada numa zona de amortecimento, de uma unidade de conservação, que é uma RDS, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Gerazeiras, que é a primeira criada no Cerrado e com essa categoria que é de uso sustentável.  Uma unidade de conservação criada pela pela luta do povo, pela organização das comunidades, do grupo de pessoas, do movimento Gerazeiros, que lutaram pela conservação e proteção do cerrado e das águas.	Quando se olha a localização de Rio Pardo de Minas, é possível comprovar essas informações.
<b>Adão (Geraizeiro):</b> O clima do Gerais é um clima diferente da caatinga. É diferente da vazante. Não é dizer porque o cara mora na roça, ele mora lá na caatinga, que ele conhece o Gerais. E já quem é do Gerais, ele conhece, ele sabe aonde ele pode achar, ele sabe aonde ele não pode achar, e sabe a árvore que não deve ser cortada.	Não cabe a análise porque é não é um sujeito de interesse na pesquisa
<b>Valdir Dias:</b> Eu sou filho de agricultor, agricultora, minha mãe, ela já trabalhou com artesanato de barro, já trabalhou com produção de chapéu de palha e planta horta para vender na feira da cidade. O meu pai sempre trabalhou também no campo, trabalhando nos outros para conseguir o pão de cada dia da nossa família.	

<p><b>Nathália Bini (reporter):</b> Até uns 40 anos atrás, 30% dos moradores das áreas rurais se mudavam, sonhando com uma vida melhor nos centros urbanos.</p> <p>Infelizmente, esse sonho virou pesadelo para muita gente. Mesmo assim, a cidade grande ainda é referência forte. Foi a educação que fez o Valdir mudar essa chave.</p>	<p>Não cabe a análise porque não é um sujeito de interesse na pesquisa</p>
<p><b>Valdir Dias:</b> Minha primeira base na escola foi aqui na própria comunidade, depois para fazer o ensino fundamental, ensino médio, a gente fez na cidade, que a gente ia de ônibus até lá e assim que eu formei, eu fiquei meio que um ano parado, mais ou menos assim como outro jovens. Saí do território para ir procurar emprego fora. Mas aí, ao retornar para comunidade, até outros planos de tornar a sair para trabalhar. E então eu conheci a universidade, que é a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, polo mesmo de quem é Uberaba. E hoje eu sou formado em Licenciatura em Educação do Campo, na habilitação Ciências da Natureza. Curso muito maravilhoso, aquele que ali busca atender a realidade do aluno, busca compreender o modo de vida tradicional das pessoas e o curso lá no formato de pedagogia da alternância. Às vezes muitos confundem com a distância, mais não é distancia e sim o período por alternância, onde a gente faz o período presencial que a gente passa o período na universidade, estuda um mês inteiro, mas é claro que com a pandemia, agora, isso não foi possível. Mas aí a gente retorna para a nossa comunidade e o período é continuado na comunidade.</p> <p>Então é a junção do saber popular com o saber acadêmico, com o saber científico. Então é algo muito bom você desenvolver seus trabalhos a partir do modo de vida que as pessoas já levam no campo.</p>	<p>A descrição de Valdir sobre o curso reflete a proposta com a metodologia da alternância.</p> <p>Isso implica em uma educação voltada para compreender os fenômenos naturais e científicos presentes no ambiente rural, buscando integrar o conhecimento acadêmico com a realidade vivenciada pelas comunidades. Valdir destaca a importância de compreender o modo de vida tradicional das pessoas, o que sugere uma abordagem científica que valoriza e integra o conhecimento popular ao conhecimento acadêmico.</p>
<p><b>Adão (Geraizeiro):</b> O nome da árvore já diz: Pau d'água. Por que é que chamam de pau d'água, na realidade? Porque ele segura a água para devolver para a terra. Ele vai voltando para a terra, para manter as minas na seca. Então se acabou com isso aí, acabou com os Gerais.</p>	<p>Não cabe a análise porque não é um sujeito de interesse na pesquisa</p>
<p><b>Valdir Dias:</b> É algo muito fantástico, você estudar física a partir dos saberes tradicionais dos povos, por exemplo, estudar fases da lua. Então não é aquele conhecimento disperso, é o conhecimento que você faz parte do seu dia a dia, então faz que é o diferencial desse curso.</p> <p>O curso me deu mais sentido a vida, comecei a enxergar as lutas sociais da minha comunidade, das outras pessoas, que às vezes lutavam pelo seu território e tal. Isso foi ganhando sentido na minha vida. Aí eu comecei a enxergar com outro olhar. E nesse meio eu conheci o CAA, o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, uma ONG que trabalha com projetos, que desenvolve projetos em comunidades tradicionais, visando a garantia dos direitos das comunidades, dos</p>	<p>Descreve o processo com base em experiências com a comunidade</p> <p>Descrição da instituição com base nas informações que correspondem com a atuação institucional</p>

<p>territórios, da agricultura.</p> <p>E aí eu conheci a comunicação popular, até pelo pelo fotógrafo e documentarista João Roberto Ripper, <b>que é um cara fantástico, que há mais de 30 anos ele vem trabalhando com comunidades tradicionais, é um fotógrafo popular que diz sobre essa beleza dos povos, de trabalhar, enxergar as coisas, assim, essa comunicação libertadora que visa mostrar as belezas dos povos de dentro pra fora.</b></p> <p>Nesse tempo eu comecei a fazer estágio no estágio remunerado, na Unidade de Conservação, no ICMbio, que é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, que é o órgão gestor da unidade de Conservação. Eu fiquei dois anos trabalhando com ele e aí nesse nesse momento eu comecei a desenvolver e a executar comunicação popular. Comecei a trabalhar mostrando as comunidades, fotografando. A gente criou a página e nas redes sociais.</p> <p>Eu comecei as oficinas dentro da RDS, dentro da unidade de conservação, que hoje são mais de 27 comunidades em torno das dez. Então eu comecei a desenvolver oficinas com esses jovens.</p> <p>Eu migrei para um outro projeto que foi desenvolvido no Alto Rio Pardo e também na Unidade Consolação, nas outras comunidades, Magé, projeto chamado Bem Diverso, o executado pela Embrapa e PNUD. E aí eu comecei a continuar dando mais oficinas. Tive a oportuna idade de de ir no Acre, fui convidado para fazer uma oficina nova numa aldeia indígena, na Aldeia Indígena Puyanawa. Pelo projeto chamado Fundo Amazônia e pela Embrapa também.</p> <p>Na própria universidade, que não sou somente um convidado para fazer oficinas, já desenvolvi oficinas em outras universidades nesse período de pandemia, de forma virtual. A gente tem grandes mídias hoje, né? Que ela prega um mundo diferente? <b>Não, o mundo do capitalismo, mundo do agronegócio, prega o campo como estereótipo, fala do Nordeste: já vem na cabeça aquele lugar de seca, de que não chove e parece que apaga as belezas que ali existem. Muito jovens às vezes passo muito tempo vendo isso e às vezes esquece o a suas raízes né.</b></p>	<p>A experiência dele trouxe uma percepção sobre o trabalho do Ripper</p> <p>Relato de experiência</p> <p>A experiência dele o faz perceber o sentido atribuído pelo agronegócio sobre o campo e o nordeste</p>
<p><b>Samara Ramos (comunicadora Raiz - Rio Pardo)</b> Comunicar o território quem vê assim pensa que às vezes, nessa oficina, você consegue perceber o quão comum a gente tem.</p>	
<p><b>Jakson Ferreira (Comunicador Raiz - Rio Pardo)</b> <b>Eu acredito que a gente deve sempre manter nossas origens e nossas raízes sempre, sempre forte.</b></p>	
<p><b>Nathália Bini (reporter)</b> Daqui a pouco a fotografia, dando um sentido novo às coisas da terra e a comunicação feita de dentro pra fora. Como o Valdir gosta de dizer.</p>	

<p>Geração raiz de volta, com uma juventude que vem redescobrando valor na rotina das comunidades rurais, temos mais leis e programas de incentivo à vida no campo que deram uma diminuída no ritmo da migração para a cidade.</p> <p>Mas nem sempre é fácil ver que a felicidade pode estar realmente ao nosso lado.</p>	
<p><b>Valdir Dias:</b> As minhas oficinas ela trabalha muito essa questão. Mostrar que no campo há vida, que no campo há saber, há belezas e riquezas culturais, mostrar para os jovens que o território dele é algo dele. Aquele lugar que ele nasceu é algo rico, que de, algo de geração em geração que vai deixando pra ele, aquela herança, rodeado de belezas.</p>	<p>Reprodução de uma perspectiva geracional e comunitária, da visão sobre a vida no campo</p>
<p><b>Marilda Ramos (comunicadora Raiz - Rio Pardo)</b> Eu vou ser sincera, eu não via que aqui poderia ter tantas riquezas, como eu pude perceber ontem na oficina, eu posso muito bem continuar aqui na minha comunidade e lutar pelos meus direitos, lutar pela minha comunidade.</p>	<p>A experiência trouxe para a jovem a percepção de possibilidade de enfrentar o êxodo rural</p>
<p><b>Valdir dias:</b> São tantos caminhos que parece que o mundo vai oferecendo, até como diria os mais velhos, os nossos ancestrais vão falando isso, e parece que o jovem que passa por essa dificuldade, parece que se joga o maior desafio do mundo nas comunidades ficam pressionando estes jovens: "Você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo".</p>	
<p><b>Jakson Ferreira (Comunicador Raiz - Rio Pardo):</b> Acredito que a comunicação tem que estar no meio de tudo, inclusive nas comunidades.</p>	
<p><b>Cibelle Dias (comunicadora Raiz - Rio Pardo):</b> Ajuda muita gente ter mais, digamos, mais coragem de falar de você, de engajar mais na comunidade.</p>	<p>Empoderamento através da experiência</p>
<p><b>Valdir dias:</b> Ao mesmo tempo a gente está rodeado de coisas, de tecnologia e tal. Comunicação popular funciona como se fosse uma isca, né? Falar com os jovens para fotografar, todo mundo topa e todo mundo ama fotografar. Então você trabalha fotografia, mas aí, para além da fotografia, você trabalha essa composição que a nossa fotografia não é só questões técnicas e sim um olhar de sensibilidade, de um olhar de amor ao seu território.</p> <p>Mostrar que por trás de cada foto há uma história, há uma vida, você fotografa uma pessoa mais velha e aquela foto é carregada de energia, sabe? De história.</p>	
<p><b>Samara:</b> Aqui na comunidade era algo que muita gente não dava valor, muitas pessoas não queriam escutar. E nessa oficina fica o convite da gente ser mais presente na sua comunidade.</p>	

<p><b>Valdir Dias:</b> Você consegue atrair essa juventude para a oficina e consegue discutir várias questões a partir dos meios digitais, dos meios tecnológicos.</p>	<p>A tecnologia como forma de atrair a juventude para os processos de comunicação</p>
<p><b>Marilda Ramos (comunicadora Raiz - Rio Pardo)</b> Os jovens até então eles são meio dispersos da comunidade, não tem um engajamento muito bom e eu creio que através dessa oficina pode despertar esse esse desejo dos jovens em estar mais engajado dentro da comunidade.</p>	<p>Percepção obtida através da observação de um espaço comum.</p>
<p><b>Valdir Dias:</b> É algo tão rico assim, tão tão prazeroso. Sabe, que você vê que tem poder. A comunicação popular tem esse poder de comunicar, de transmitir amor ao seu território. Mostrar que nós, que somos próprios protagonistas, não é quem vem de fora que vem contar nossas histórias. Ao mesmo tempo que a comunicação, que ela trabalha, que a oficina trabalha essas questões técnicas e tal, no contexto da mídia, mas ela trabalha também na conscientização da juventude, trabalha na conscientização ambiental, no respeito, no racismo.</p>	<p>A princípio, Valdir atribui um sentido subjetivo, que parte de uma relação de sentimento, em seguida aborda percepções presentes nas discussões de comunicação popular</p>
<p><b>Jackson:</b> A gente aprendeu a olhar a nossa comunidade de uma forma melhor, de uma forma de não só visar as coisas ruins que acontece na comunidade, mas as coisas boas, os pequenos detalhes, tudo o que que a gente tem de bom a mostrar realmente através das lentes. Eu achei uma forma legal de aprendizado.</p>	<p>Aprendizado pela experiência</p>
<p><b>Valdir Dias:</b> Foi um dos maiores desafios as questões tecnológicas mesmo. Para você ter um trabalho de comunicação e comunicação que eu falo assim produção de materiais, fotografia, vídeos. O olhar conta muito, claro, mas acho que mais do que isso, também tem a questão dos equipamentos e a gente vê o como que trabalhar isso é caro, sabe? Você vê que os próprios projetos, as próprias instituições muitas vezes nem tem equipamentos suficientes para atender as demandas. A gente nem parte tanto pelo lado da câmera, né? Senão a gente nem conseguiria fazer isso.</p> <p>Mas a gente às vezes foca no que a pessoa tem, que é o celular. Sonho nosso seria ir fazer uma oficina, por exemplo, e levar uma câmera para cada jovem, porque a experiência de estar com a câmera, mas às vezes isso é difícil.</p> <p>A internet ela chega em muitas comunidades rurais hoje, mas muitas comunidade às vezes nem tem. Às vezes a potência da internet não é a mesma. Você vai produzir um vídeo, vai publicar esse vídeo, esse vídeo fica carregando horas e horas. A gente tenta, tenta contar nossas histórias, dá da forma que a gente consegue</p>	<p>Valdir aborda os desafios práticos enfrentados na produção de materiais de comunicação, como fotografia e vídeos. Essa percepção parte de uma experiência concreta a partir da vida que leva na comunidade.</p>
<p><b>Nathália Bini (reporter):</b> A beleza, a riqueza, o valor dos povos. O jovem fotógrafo ensina um novo olhar sobre a vida rural, uma força das tradições.</p>	<p>Não cabe a análise porque é não é um sujeito de interesse na pesquisa</p>



<p><b>Valdir Dias:</b> Eu fico emocionado assim também e feliz de poder poder fazer isso. E poder fotografa as pessoas. Eu vou pegar a história daquela foto de um senhor em cima da carroça do seu Ananias e o vô da minha esposa. Hoje meu avô também. É tão gostoso ver o dia a dia daquele homem, sabe? Uma pessoa que mora há mais de 70 anos no seu lugar, que parece que a felicidade dele é algo que está ali.</p> <p>Todo mundo julga a felicidade do jeito que ele quiser, né? Mas eu enxergo vida, sabe? Naquela foto eu enxergo vida no modo de vida daquela pessoa. Sentar na mesa com ele, ouvir histórias. Sabe? E aí ele pega a carrocinha e vai para as estradas trazer comida para o gado. É algo lindo, sabe? E às vezes a fotografia ela consegue transmitir isso, ao olhar para aquela foto com um olhar de amor.</p> <p>De verdade, aquilo brota de dentro da gente. Parece que é a alma, sabe. Então, toda vez que eu olho para aquela fotografia, eu me emociono. Assim, e sinto orgulho do que eu sou hoje, Quando eu falo de geraizeiro, e mostro uma foto daquela, não é qualquer foto, é uma foto embutida de amor, de sensibilidade e acho que de gratidão mesmo a vida.</p> <p>Eu trabalho isso nas oficinas, sabe, que a fotografia não é só aquele quadradinho, aquele pedaço de papel, aquele arquivo com aquela sombra daquela pessoa. A identidade é o pertencimento que nasce dentro daquela pessoa. O espírito daquela pessoa é o que ela é. Sabe aquele modo de vida tradicional? Hoje eu trabalho como ministrante das oficinas, mas ao mesmo tempo eu sou um jovem que que a minha vida mudou a partir da comunicação popular, sabe?</p> <p>Sempre trabalhei primeiro com bolsas de projetos, estágio remunerado. Hoje estou tendo o meu primeiro emprego na área que eu amo, que é a comunicação. E além disso, eu ainda tenho trabalhado com fotografia, com fotografia de casamento, de ensaios, de aniversário. A gente consegue, consegue se manter com aquilo que é fruto daquilo que a gente estudou, daquilo que a gente ama, até a própria história minha eu gosto de contar para mais jovens para mostrar que é possível. Quando você vê um jovem sair da escola, por exemplo, abandonar os estudos desde cedo, é muito triste, parece que o futuro daquela pessoa, ela meio que quase não importa, sabe? Tem gente que acha que o estudo não tem valor. Eu tento falar para a juventude: "gente vamos estudar que o mundo hoje caminha para isso, né? Ao entrar na faculdade, ao começar a trabalhar é hoje, principalmente, na comunicação, eu moro no campo, continuo morando no campo, graças a isso, tem barreiras que podem ser quebradas.</p>	<p>Valdir expressa suas emoções e reflexões ao fotografar pessoas e registrar momentos do cotidiano. Ele descreve como se sente emocionado e feliz por poder capturar esses momentos e transmitir a vida e a felicidade das pessoas através da fotografia. Além disso, ela destaca a importância de valorizar não apenas a imagem em si, mas também o significado por trás dela, como o modo de vida tradicional e a identidade das pessoas retratadas.</p> <p>Nesse trecho, Valdir também recorre ao saber de revelação fala sobre como as imagens parecem transmitir a alma e a essência das pessoas retratadas, evocando sentimentos de amor, sensibilidade e gratidão pela vida.</p>
<p><b>Nathália Bini (reporter):</b> Valeu demais, Valdir. E sempre haja espaço para o jovem manter as tradições, ser dono do próprio destino e ter orgulho de ser quem é, certo? Simples assim. Até o próxima geração.</p>	<p>Não cabe a análise porque é não é um sujeito de interesse na pesquisa</p>

Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre)			
Link:	<a href="#">Oficina de Comunicação Popular na Aldeia Indígena Puyanawa (Acre).mp4</a>		
Saber Científico	Saber de Experiência	Saber de Revelação	Saber de Opinião
Transcrição			Comentários
<p><b>Valdir Dias:</b> Galera, sou Valdir Dias de Rio Pardo, de Minas Gerais. Sou comunicador popular. Sou estudante também da licenciatura em Educação, na área de Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e <b>estou aqui no Estado do Acre, na Aldeia Indígena Puyanawa.</b> tendo uma experiência bem legal de fazer uma oficina de comunicação popular com a juventude aqui da aldeia, e está sendo uma experiência incrível.</p> <p>A gente teve dois dias de oficina. <b>A comunicação popular, esse fortalecimento das comunidades tradicionais, essa coisa do jovem ser protagonista, mostrar que o que eles querem nas suas comunidades. E aqui na aldeia não foi diferente. Oficina que a gente fez mostrando a militância da juventude tá registrando aquilo que eles querem mostrar, com um olhar de valorização cultural, da tradição, porque às vezes a grande mídia deixa de mostrar ou quando mostra, mostra mais o lado do estereótipo.</b></p>			<p>Sentido atribuído a partir do processo desenvolvido pelo próprio comunicador</p>
<p><b>Edianilha (Nina Ribas):</b> Meu nome é Edianilha, eu sou da cidade de Taiobeiras, moro em área rural, sou filha de agricultores, e no Alto Rio Pardo de Minas Gerais eu sou diretora do Sindicato de Trabalhadores Rurais e também sou comunicadora geraizeira. Como que era muito feliz em estar aqui pela terceira vez no Acre, podendo mostrar um <b>pouco da experiência dos comunicadores populares na nossa região, que já vem atuando já há algum tempo e também na valorização que esses jovens podem trazer, ainda mais com a comunidade e também auxiliando no desenvolvimento da comunidade, na valorização dessa cultura, no resgate, entre outras coisas.</b></p> <p>Agradeço muito ao Fundo Amazônia que possibilitou isso pra gente. A vinda pra cá agora esse mês foi um porque eu também agradeço muito a Embrapa que deu esse apoio pra gente estar aqui desde a nossa saída de Minas até o nosso recebimento aqui.</p> <p>Uma experiência muito diferenciada. Foi realmente muito enriquecedora não só para mim, mas creio que também para eles. Espero que eles replicam assim como a gente começou e replicou. Eu gostaria que eles também comessem a replicar essa experiência que foi feita aqui hoje.</p>			<p>A fala de Nina cumpre uma formalidade em reconhecer os meios que possibilitaram que ela pudesse replicar a sua experiência, mas também demarca uma leitura sobre a importância de expandir uma experiência que começou em sua comunidade.</p>

**Valdir Dias:**

A gente está finalizando uma oficina de alimentação e hoje a gente já tem comunicadores aqui, né? Jovens registrando esses acontecimentos, essas atividades. E já deu resultado aqui na aldeia. Como tem essa atividade aqui e hoje temos a experiência de preparação de um festival que vai acontecer, uma tradição muito forte da comunidade. É uma ideia bem legal que esses jovens hoje já está fazendo o registro dessa oficina. É um momento muito marcante pra esses jovens que estão aí, assumindo esse papel de fazer esses registros. Eles estão fazendo a cobertura dessa oficina.

Tem muitos talentos e eles se apropriam desse meio de comunicação a seu favor, que só tem a somar para suas comunidades. E é isso a comunicação popular junto com as comunidades aqui na aldeia indígena.

Valdir revela uma expectativa do possível impacto que a experiência com a formação de comunicadores pode reproduzir.